



**Estado de “Circo”: o uso da comicidade como
propaganda política no bolsonarismo.**

**Análise científica dos chistes políticos no
Youtube promovidos pelo Bolsonarismo
durante o governo Bolsonaro.**

Guilherme Genereze da Silva

Guilherme Genereze da Silva

Estado de “Circo”: o uso da comicidade como propaganda política no bolsonarismo.

Dissertação submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Ciências
da Comunicação.

Orientador: Professor Doutor Fabrizio
Macagno

Junho 2022

*“Dedicado à minha Tia Neusa Maria
Genereze Lundgren Lopes e seu sorriso que
era lindo”*

“A fantasia cômica é muito parecida com uma energia viva, planta peculiar que germinou vigorosamente nas partes pedregosas do solo social, até que a cultura lhe permitiu rivalizar com os produtos mais requintados da arte”
Henry Bergson

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que tanto amo e a todos que me ajudaram em Portugal; Marília, Alexandre, Munir, João e Katia.

RESUMO

A presente dissertação investigou a figura política de Bolsonaro, presidente do Brasil (2019-2022), a partir da análise do humor, concentrando-se nos chamados chistes, muito utilizados pelo presidente, e que se tornaram uma de suas principais bandeiras. de narrativas pautadas num pujante reacionarismo semeadas em diversas esferas da vida social, como a política, a educação, a saúde e, no cerceamento da liberdade de imprensa. Essa estratégia do humor como mote condutor dos posicionamentos do governante visava fortalecer os laços políticos com sua base eleitoral e robustecer seus vínculos políticos com agentes fora do seu espectro político. Esses discursos proferidos têm intensa reverberação na realidade social, sobretudo, pelo grau de legitimidade de quem os emite, assim, propagar uma agenda política pode ser facilitada pela penetração que uma figura política possui na sociedade e a própria adesão às suas ideias. Delimitou-se como material empírico de fontes os fluxos de conteúdos disseminados via ciberespaço, propagadas pelo governo vigente brasileiro (2019-2022). e divulgadas por diversos hubs difusores, incluindo, veículos de imprensa; redes sociais, lives promovidas pelo presidente e as ações e narrativas proferidas pelos adeptos a tal corrente política.. Essa é apenas uma das facetas que compõem o escopo analítico do bolsonarismo. A análise parte da conceituação do bolsonarismo, como modelo de governo neoliberal, de ultradireita e militarista (ARAÚJO; CARVALHO, 2022). A autora tem profícuo diálogo com Boaventura de Sousa Santos - intelectual crítico aos regimes de governo que aplacam direitos sociais e, principalmente, tentam impor a partir da sociogênese do ocidente um “modelo ideal civilizatório”; Soma-se ao aporte teórico de pesquisa as chaves analíticas de Freud (2017); Bergson(1899); Raskin (RASKIN, 1987) e Gabriel Tarde com sua análise dos processos de comunicação com sua abordagem infinitesimal, especificamente, a categoria de *público, opinião e massas* (2005). Na primeira parte do trabalho, busca-se explicar, resumidamente, como utilizamos piadas e gracejos para criar grupos, fortalecê-los, combater ou divulgar ideias que podem ser usadas no campo político somadas a outros fenômenos, como os smuts (chistes sexuais), sempre presentes no discurso do líder brasileiro, objeto desta dissertação. Reflete-se ainda sobre a origem do humor, no âmbito da psicanálise. Constata-se como o humor pode subverter a lógica de opressão ao acionar pela via da comicidade a função social do humor. Com o cabedal teórico de Weber e sua sociologia compreensiva busca-se o sentido compartilhado nas ações dos sujeitos evidenciado no fenômeno ora estudado.

Palavras-chave: Bolsonaro, teorias do humor, chistes políticos, propaganda política, populismo, Youtube.

Abstract

The current dissertation that will take place aims to scientifically analyze how Bolsonaro and his followers use the comic to create political ties, strengthen them and propagate their philosophical values making it possible for their democratic election and their sustenance in the presidency for all four of them. years old; a not very easy mission in Brazil. In order to answer this curious question, three authors will be used, namely: Sigman Freud, Henry Bergson and Victor Raskin. Freud's text used was "The Joke and Its Relation to the Unconscious" edition from 2017 (first version of 1905); Bergson's was "The Laughter" 1899; Raskin's work selected was "Semantic Mechanisms of Humor" 1944.

In the first part of the work, the most important theories in the analysis will be briefly explained, such as how to use jokes and jokes to create groups (and strengthen them), fight or disseminate ideas that can be used in the political environment along with other phenomena, which will be analyzed such as the smuts (sexual jokes) always present in the speech of the Brazilian leader that will be the subject of the dissertation. In this first part, the unconscious origin of humor will be studied, its relationship with the dreams we have when we sleep, on the way in which humor helps us to overcome moral shackles and our own super egos (internal judges within the individual); the social function of humor will also go beyond the individual.

After the theoretical exposition and explanation of the authors' theories, the humorous works propagated by the government with humor content will be analyzed, works published by various sources (newspapers, individuals, government) on Youtube. The theories and views on the subject will be applied to the selected works and respecting the current context of the days in which works were made will bring us a better understanding of the doubt that incites the dissertation for its very existence.

KEYWORDS: Theories of Humor, Political Jokes, Bolsonaro, Political Propaganda, Populism, Youtube.

Índice

<u>Índice</u>	11
<u>Introdução</u>	13
<u>CAPITULO I: TEORIAS DO HUMOR</u>	16
1.1. <u>HUMOR, UM TERRITÓRIO CONTRADITÓRIO</u>	16
1.2. <u>HUMOR DE GRUPO, ATAQUE E AUTOGLORIFICAÇÃO</u>	18
1.3. <u>BERGSON, A MECANICIDADE E EXPANSIONISMO CÔMICO</u>	24
1.4. <u>FREUD E A PSICOLOGIA DO HUMOR</u>	32
1.5. <u>FREUD E HUMOR COMO FORMA DE PERSUASÃO (ONIRICA)</u>	35
1.6. <u>PALMER E A SINERGIA PARATÉLICA</u>	39
1.7. <u>PALMER E A SEGUNDA CONDIÇÃO DO HUMOR: O TERRENO COMUM. 41</u>	
1.8. <u>O GROTESCO</u>	43
1.9. <u>RASKIN: SCRIPTS, MÁXIMAS E TIPOS DE COMUNICAÇÃO</u>	44
1.10. <u>ATTARDO – A LÓGICA MECÂNICA DO HUMOR</u>	48
1.11. <u>TEORIA DOS FRAMES OU QUADROS COMIGOS E TRÁGICOS</u>	52
<u>CAPITULO II: O USO DO HUMOR NO DISCURSO POLÍTICO</u>	56
2.1. <u>INTRODUÇÃO SOBRE HUMOR POLÍTICO</u>	56
2.2. <u>CRIAÇÃO DO “HOMEM COMUM” E DE NOVA REALIDADE POLÍTICA.60</u>	
2.3. <u>AS VANTAGENS DO QUADRO HUMORISTICO SOBRE O TRÁGICO</u>	65
2.5 <u>ARGUMENTAÇÃO, MAQUIAÇÃO E “ALQUIMIA” POLITICA DO HUMOR.70</u>	
2.6 <u>ANALISAR O HUMOR – O USO DO HUMOR EM POLÍTICA</u>	74
2.7 <u>ANALISAR O HUMOR POLÍTICO – O CASO DE BOLSONARO</u>	76
2.7.1 <u>CORPUS</u>	77
2.7.2 <u>MÉTODO DE ANÁLISE</u>	81
2.7.3 <u>LIMITES DA PESQUISA</u>	86
<u>CAPÍTULO III: BOLSONARO E O USO DO HUMOR</u>	88
3.1. <u>CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA E DISPUTA IDEOLÓGICA</u>	88
3.2. <u>- ANÁLISE DE PIADAS DE BOLSONARO</u>	89
3.2.1 <u>- VÍDEO 1 – O PRESIDENTE JAIR BOLSONARO DIZ QUE O</u>	

<u>BRASILEIRO TEM QUE SER ESTUDADO. Abril de 2020</u>	<u>89</u>
<u>3.2.2 - VÍDEO 2 – AO LADO DE CRIANÇA, JAIR BOLSONARO FAZ PIADAS SOBRE GORDO E MISOGINIA – setembro de 2020</u>	<u>92</u>
<u>3.2.3 - VÍDEO 3 – “FAKE NEWS FAZ PARTE DA NOSSA VIDA”, DIZ BOLSONARO</u>	<u>105</u>
<u>3.2.4 - VÍDEO 4 – BOLSONARO DETALHA ENCONTROS COM LÍDERES NO G20 E “PISÃO” NO PÉ DE ANGELA MERKEL – Novembro de 2021 - (No fim piada com Jim Carrey)</u>	<u>109</u>
<u>3.2.5 - VIDEO 5 – MARIO FRIAS POSTA VÍDEO EM QUE BOLSONARO FAZ PIADA HOMO FÓBICA – Novembro de 2021</u>	<u>116</u>
<u>CONCLUSÃO</u>	<u>121</u>
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>124</u>

Introdução

Em 2018, o Brasil e o mundo foram surpreendidos pela eleição de Jair Messias Bolsonaro para o cargo de Presidente da República do Brasil. Até então, um candidato subestimado, considerado parte da extrema direita populista. Já era conhecido por suas declarações racistas, machistas, homofóbicas, xenofóbicas, pela não aceitação da diversidade e por fazer piadas envolvendo questões de gênero. Alguns comentaristas políticos também o consideram uma versão tupiniquim de Donald Trump, eleito nos EUA pouco antes. Bolsonaro, deputado federal desde 1991, e vindo de partido sem grande expressividade, saltou de forma meteórica do *underground* para o topo da política espantando a todos como um boneco de palhaço, que preso por molas salta da caixinha de brinquedo.

Em cerimônia religiosa e em tom profético, o popular Pastor Silas Malafaia abençoava o novo chefe de estado, dirigindo-se ao líder, em TV aberta:

A Bíblia diz uma coisa, Bolsonaro: Deus escolheu as coisas loucas para confundir as sábias. Deus escolheu as coisas fracas para confundir as fortes. Deus escolheu as coisas vis, as desprezíveis, as que não são, para confundir as que são... é por isso que Deus te escolheu! Um cara simples, com defeitos e com limitações.

O trecho da bênção virou meme entre opositores do presidente. E, assim tem sido desde o início de governo, de crise em crise, “caneladas” e “caneladas” contra opositores e apoiadores, o governo segue batendo recordes negativos em quase todos os quesitos: sociais, econômicos e ambientais.

O objetivo da presente dissertação é investigar o uso estratégico do humor, tomando como objeto de estudo a comicidade de Bolsonaro. Questiona-se que pressupostos sustentam esse estilo bem humorado de fazer política, que estratégias utiliza e que efeitos ocasiona no contexto político e social.

Recentemente, o humorista Gregório Duvivier declarou que enxerga Bolsonaro como um concorrente de baixa qualidade. E ele não estava brincando. A revista *Isto É* publicou, há alguns anos, uma revista em cuja capa Bolsonaro aparecia vestido de Coringa (Comic DC), obra de montagem gráfica. Tudo indica que existe alguma semelhança entre os personagens e, talvez, este seja o diferencial que faça de Bolsonaro um vitorioso na democracia brasileira por mais de 30 anos. A pergunta que tentaremos esclarecer nesta dissertação, é: Como ele usa o humor para fazer política?”

O humor é um tema complexo, com diversos “tentáculos” metafísicos, e que faz sua morada nos territórios sórdidos e sublimes da alma humana. Talvez o cômico seja um tentáculo,

o gracejo seja outro, o chiste outro e a piada mais um deles. Sem falar na noção de ridículo, outra potente fonte de riso. As piadas costumam ser textos que carregam ideias e se utilizam, muitas vezes, do cômico. O cômico é entendido, aqui, como cenas ou situações consideradas incongruentes, a exemplo do clássico “O Gordo e o Magro”. Esse aparente desequilíbrio ou disparidade, normalmente, é embutido nas piadas como efeito somático do risível sobre a mesma. Também temos o “chiste”, definido como “uma tirada bem humorada” pelo psicanalista Leandro dos Santos, e analisado por Freud em sua bibliografia selecionada. Chiste, no dialeto popular brasileiro, é também chamado de “mitada”, que significa agir como um mito ou ser mitológico. Tal definição permite fazer referência a personagens variáveis, como o deus Apolo ou Minotauro, que possui uma cabeça de gado.

O primeiro problema para analisar a comicidade é definir o humor, as suas causas, e os seus possíveis efeitos. Por isso, contaremos com algumas das teorias do humor e seus três principais fundamentos: a) a sensação de superioridade proveniente dos chistes e que gera a união dos que o utilizam. Estes riem do grupo alvo, sentindo-se empoderados, diferenciados, separados e superiores. b) a sensação de alívio. A arte do chiste tem como um de seus fundamentos a abreviação das coisas, isto é, é capaz de simplificar de maneira divertida assuntos complexos como a economia, história e política. c) incongruência, que seria o apelo para a lógica inconsciente quando questões delicadas são colocadas diante do político e ele precisa escapar de uma situação que seria, logicamente, impossível de escapar. Em tal situação, este usa de chistes e comicidade para driblar a lógica, seja referente a números ou a fatos.

CAPÍTULO I: TEORIAS DO HUMOR.

1.1. HUMOR: UM TERRITÓRIO CONTRADITÓRIO.

O humor é um tema complexo e não exato. Para ilustrar sua profundidade e contrariedade, iniciaremos com as palavras de Platão sobre a relação entre o humor e a falta de conhecimento ou ignorância sobre si mesmo. Esse tipo de ignorância, demonstrada por alguns indivíduos, segundo o antigo grego, pode tornar alguém digno de riso:

...necessary condition for humor is the presence of" a failing, one that takes its name from a state of character, and is that specific form of failing with the characteristic quite opposed to what the oracle at Delphi recommends ['Know thyself.']" (Raskin, 15; parafraseando Platão).

Por outro lado, Grotjahn (Grotjahn, 1957, p.8–9) defende que o riso pode ser usado para expressar diversas emoções. Refere-se ao riso como “livramento de culpa” e “liberação de agressividade”. Pondera que estas liberações nos tornam melhores e mais capazes de compreendermos mais sobre nós mesmos e sobre a vida. Aquilo que é aprendido com o riso é bem aprendido (Raskin, 1998). A afirmação anterior, de certa forma, contrasta com a visão platônica, que defende que o indivíduo torna-se risível quando não conhece a si mesmo. Sendo assim, rimos do ignorante. Grotjahn sugere o riso como forma de o indivíduo superar com mais facilidade a ignorância sobre si mesmo apontada e combatida pelas palavras do templo de Delfos. Para Grotjahn, quando usamos o bom humor e a leveza para olhar para dentro de si, podemos nos conhecer melhor, superando a ignorância apontada por Platão. A aparente oposição amplia a vastidão do tema e mostra um pouco da complexidade do fenômeno do riso, do humor e do cômico. É como se o riso, que é a “arma” que usam para atacar o ignorante, fosse também a cura para a ignorância. Fato é que o humor cumpre a função social de ajuste dos indivíduos (BERGSON, 1911, p.63). Porém, é bom lembrar que esse prazeroso aprendizado, proporcionado pelo cômico, quando assume uma forma demagógica pode ensinar verdades ou mentiras, benevolência ou crueldade. Aparentemente, o humor é um processo lúdico que lembra o processo onírico, conforme concebido por Freud. Ou seja, que se desprende da razão e, aparentemente, é oriundo do inconsciente social (FREUD, 2017, p.125-30).

Como visto, o tema é vasto e as opiniões, raramente, entram em conflito. Na maioria das vezes, elas se complementam, dando dimensão da vastidão da fantasia cômica. Por, supostamente, brotar da alma da sociedade, o humor se faz complexo e imenso. Sidis declara, romanticamente, que o riso é o começo do amor e que rimos quando deixamos de odiar. Ao

mesmo tempo, Rapp (Rapp 1951, 51) está, aparentemente, convencido de que não pode haver regeneração da humanidade até que o riso seja eliminado. Ambas declarações parecem exageradas, porém, carregam verdades. Os nazistas alemães, na Segunda Guerra, enquanto subjogavam os judeus nos campos, deviam rir bastante e nem por isso abandonaram o ódio contra os semitas. Eles riam por sadismo. Ao mesmo tempo, quando rimos de alguma briga ou divergência que já foi séria no passado, indica, supostamente, que já não nos importamos tanto e não odiamos mais o desafeto. Obviamente, o mundo seria melhor se parássemos de odiar uns aos outros e deixássemos de fazer piada com nossos problemas. Estes deveriam ser enfrentados e resolvidos com seriedade. Depois de analisarmos e refletirmos, torna-se mais nítido que as aparentes contrariedades parecem mais se complementar do que entrar em conflito. Além disso, carregam um fundo de verdade, como talvez seja o caso das piadas. Essa reflexão mostra que estamos estudando um campo vasto que nem as maiores mentes conseguiram definir por completo.

Segundo Bergson, humor é *“algo vivo... algo mais maleável que uma definição”*. Por isso, talvez seja profundo. Se faz necessária, a essa altura, uma busca pelos motivos que fazem o ser humano rir. Raskin acredita que as pessoas dão risada quando ouvem ou vêem algo engraçado. Por acharem tal estímulo sonoro ou visual divertido, de alguma forma, os pensamentos também podem simular imagens mentais, "visuais" ou "sonoras". Estas brotam em nossa “cabeça” e é como se nós mesmos estivéssemos nos fazendo rir, assumindo papel de palhaço e de plateia, simultaneamente (Raskin, 1985, p.1). Segundo a literatura, pessoas também podem rir para esconder sentimentos de inveja ou até a própria ignorância. Pessoas tolas são risíveis. Também o são as pessoas que fingem ser sábias e pessoas muito simples. Rimos do constrangimento, da hipocrisia e da afetação comum no caso de cantores exagerados ou afeminados que, infelizmente, ainda são muito perseguidos. As palavras de Raskin, atualmente, soam preconceituosas. Isso demonstra o quão maleável é a sociedade. Sua alma, que dá à luz ao humor, é também maleável, viva e dinâmica. Um bom exemplo para ilustrar as mudanças sociais é o sucesso e a projeção da drag queen Pabllo Vittar no cenário brasileiro. Além de Vittar, outras drags brasileiras estiveram nas paradas musicais nos últimos anos, como Lia Clark, Potyguara Bardo e Glória Groove. Há poucas décadas, um fenômeno como esse seria impensável. Da mesma forma, seria impensável a discussão de questões de gênero e de orientação sexual.

Aparentemente, o humor depende da presença do observador. Sua subjetividade produz humor. É ele, observador ou ouvinte, quem ri. O palhaço, às vezes, ri por ricocheteio. Algo deve acontecer para se consumir o ato de humor, seja um enunciado, uma situação que se

desenvolve ou é percebida. O humor é sempre uma resposta a um estímulo. Resumindo esta equação, é o estímulo e o humano participante que trazem o humor. Porém, segundo Raskin, o que fez um observador (ou ouvinte) rir, há vinte anos, pode falhar no momento atual. Em outras palavras, Monro diz que não podemos encontrar nenhuma característica para o risível (Monro, 1963, p.15).

1.2. HUMOR DE GRUPO, ATAQUE E AUTOGLORIFICAÇÃO.

O humor tem alguma ligação com nosso senso de grupo, herança de nossos ancestrais, e isso pode fomentar rivalidades. Torcedores de futebol brasileiros, por exemplo, zombam do argentino Diego Maradona cantando, nos estádios, taxando-o de drogado, como se sua dependência química fosse engraçada. Sabemos tratar-se de uma enfermidade que atinge o argentino, rival do grupo brasileiro. Bergson salienta em sua obra “O nosso riso é sempre o riso de um grupo” uma história, talvez cômica, que ilustra esta visão coletiva de humor: “Alguém a quem se perguntou por que não chorava ao ouvir uma prédica que todos fazia derramar lágrimas: respondeu: Não sou da paróquia” (Bergson, 1911, p.8). Aparentemente, pessoas de um mesmo grupo, com certa identificação umas com as outras, tendem a chorar e a rir juntas. O caso citado brinca com as antíteses choro e riso (despertado pela piada), resume a ideia de humor grupal que estamos tratando.

Para Raskin, o riso é sempre o riso de um determinado grupo social e é impossível se associar a ele sem compartilhar suas normas. Para ele, o humor é uma convenção criada e legitimada pela sociedade e imposta por seus membros. O humor parece alicerçar a moral dos grupos (Raskin, 1985, p.17).

Ao que indica a pesquisa, além de fortalecer o grupo, a piada também gera certa polarização e acirramento das oposições. Raskin chega a defender que o riso resulta do sentimento de superioridade no ataque ou como representante de uma relação compensatória aos sentimentos de inferioridade na batalha (Raskin, 1985, p.18).

Segundo Freud, a compensação de frustrações da suposta “batalha”, citada por Raskin, explica as piadas de Smut, que são consideradas piadas de baixo calão ou sexuais. Este tipo de piada gera laços entre os homens libidinosos que fazem piada sobre uma mulher bonita que os rejeita, por exemplo. Esses laços, segundo Raskin, parecem tornar-se uma reafirmação de emoções calorosas e positivas (Raskin, 1985, p.18). Para o escritor, as pessoas, mutuamente, envolvidas no processo humorístico entregam-se, de forma secreta, a algum tipo de comportamento sensorial ilícito. Isso reforça certa cumplicidade fomentada no processo

humorístico (Raskin, 1985, p.18). Essa sensação e relação com o ilícito é expressa no dito popular que afirma que o “proibido é mais gostoso”.

Conforme Bergson, o riso é também um corretivo (Bergson, 1911, p.187). Raskin reforça essa ideia, porém, chega a falar de humor como vingança, ao afirmar que a sociedade, quando tem suas liberdades tomadas (pelo estado, religião ou moral), usa o humor para fins vingativos. Segundo o pensador, é esta sociedade que, supostamente, determina as circunstâncias em que o riso é recomendado, tolerado ou proibido. E, ainda, que o grupo social parece ter o poder de elevar e transformar as emoções dos ouvintes através do humor. Tal afirmação será aprofundada.

Em sua obra, Morreal resume os pensamentos de Bergson e discorre com maior profundidade sobre o aparente papel social do humor em “moldar” os indivíduos para o bem do coletivo. Ele diz, resumidamente, que o riso tem como objetivo remover as incrustações e mecanicidades dos indivíduos ridículos que se mostram inflexíveis por meio da humilhação e, assim, promove um comportamento livre e bem adaptado (Bergson, como citado em Morreal, 1987, p.116–18).

Como vimos, um dos maiores poderes do humor é o de criar laços entre aqueles que riem entre si e também com o falador da piada. É muito provável que, no decorrer da história, as piadas ajudaram no processo de criação de identidades étnicas e nacionais. Até hoje, desempenham papel semelhante. Muitas vezes, no meio desse processo de fortalecimento fraterno, algum grupo (estrangeiro ou diferente) é desprezado e diminuído. Raskin afirma que o humor étnico é, funcionalmente, depreciativo. Ou seja, tem como função a depreciação de algum alvo que, no caso, é uma etnia distinta daquela de quem fala a piada. Alguns traços dessa etnia alvo são destacados e exagerados. O pensador dá exemplos do tipo de piada que ressalta elementos com traços mesquinhos, astutos, nacionalistas, supremacistas ou hostis e ressalta que normalmente esse tipo de piada é usado também contra minorias. Pensando sob esse ponto de vista, tal tipo de piada étnica acaba por transmitir uma ideia, obrigatoriamente, generalizadora do povo alvo (Raskin, 1985, p.180).

Os imigrantes também são, constantemente, alvo desse tipo de piadas. Costuma-se utilizá-las para zombar de suas dificuldades ao tentar pronunciar línguas não maternas. O ato, em si, distancia e separa o povo nativo do povo estrangeiro. Muitas vezes, ao narrar essas piadas, o contador imita os estrangeiros e, isto, se for bem executado, pode tornar a piada mais engraçada, a depender da plateia que a assiste. Um estilo de piada étnica muito utilizado por Bolsonaro é o *genital size*, a exemplo de quando ele zomba do tamanho do pênis (pequeno) dos orientais. É uma piada que rebaixa um povo e engrandece outro, no caso, os brasileiros. Tal

piada pode ser considerada um Smut, piada sexual de baixo calão, e tal narrativa acaba por generalizar o tamanho do pênis dos orientais. Para Raskin, os *scripts* étnicos específicos são convencionais, ficcionais e mitológicos. Ou seja, afirmam algo que pode não ser verdade, mas, convém que seja para o falador do chiste e seu grupo. Um exemplo é a propagação do mito de que todos os orientais têm pênis pequeno. Trata-se de uma generalização improcedente na prática, ao tentar dar conta da totalidade dos orientais.

Um dos modelos mais usuais de piadas étnicas, ou de supremacia nacional, é o que Raskin chama de formato multinacional. Ocorre quando colocamos vários personagens de diversos países na história e cada um reage segundo o estereótipo marcante de seu povo. Raskin conta uma piada dos anos 1960 em que um inglês, um francês e um israelense foram capturados por uma tribo canibal e podiam fazer seus últimos pedidos antes da morte. O inglês quis beber álcool, o francês quis se deitar com uma nativa e o israelense pediu um soco. Após um guerreiro bater nele, o hábil israelense reage, saca uma arma escondida e mata todos os canibais. Os companheiros ocidentais perguntam o “por que” do israelense não ter agido antes e este disse que não queria ser chamado de “agressor” novamente, sugerindo assim, indiretamente, que os israelenses são muito “bons” moral e fisicamente, além de espertos.

Novamente, aqui, a oposição é bem *versus* mal, o que mostra a simplicidade deste tipo de piada com sentido moral. Este exemplo, em particular, também é importante por unir, numa mesma estória, uma piada do estilo supremacista nacional e outra de tipo étnica, uma vez que os israelenses são, majoritariamente, judeus. Segundo Raskin, o formato multinacional de piada é característico desse tipo de humor étnico, embora nem toda piada deste formato pertença à classe de superioridade nacional (Raskin, 1985, p.203). A tentativa de classificar as piadas em gêneros, estilos e classes é um pouco difícil, pois as piadas parecem se subdividir o tempo todo e os estilos convergem em alguns pontos. Mas, o esforço investigativo, a que a dissertação se propõe, certamente, contribuirá para a elucidação de algumas questões relacionadas às principais problemáticas envolvidas no tema.

Segundo Raskin, existem piadas pseudoétnicas, mas que podem ser de conteúdo sexual ou político. Conforme vimos, os gêneros se cruzam. Dessa forma, torna-se complexa a missão de enquadrar algumas piadas fornecidas pelos bolsonaristas como nacionalistas, étnicas, etc, pois eles parecem criar um nacionalismo que, simplesmente, não engloba todos os filhos da nação, dividindo o país em duas nações: os que acreditam nas verdades bolsonaristas e os que não acreditam nelas. Muitos bolsonaristas dizem ser “cidadãos de bem”, o que reflete o maniqueísmo do qual estamos tratando, são os “de bem” contra os “de mal”. Nem sempre as coisas são tão simples e, talvez, estejamos diante de um pseudonacionalismo neste sentido.

Raskin não deixou este ponto passar despercebido quando afirmou que algumas piadas políticas tendem a ser acessíveis apenas aos contemporâneos, que vivem em certo país e, muitas vezes, em uma determinada região ou cidade. Raskin pensa aos moldes geográficos, a despeito de cariocas que fazem piadas sobre paulistas, ambos brasileiros travando uma luta humorística.

A divisão fomentada por Bolsonaro e seus companheiros é muito mais abstrata e ideológica do que regional, pois parece criar um *ground*, um terreno comum que, na verdade, não é comum. Nele, apenas os “cidadãos de bem” sentem-se pertencentes. Estes passam a integrar o *ground* virtual que parece ter tomado conta do Brasil “desprezador”. Não podemos esquecer também que a oposição faz o mesmo.

Uma piada permeia tanto a obra de Freud quanto a de Raskin, e esta ilustra um poder assustador expresso pelo humor. Raskin enumera esta piada como a de número 328 e diz que a mesma era muito frequente no início do século XX, na Europa central. Em outras palavras, um poderoso homem da nobreza chamado Franz Hiseph, ao caminhar entre os seus súditos, em sua região, avista um homem muito parecido com ele mesmo. Sarcasticamente, o nobre se dirige ao homem e pergunta-lhe se “sua mãe esteve alguma vez em serviço do palácio?” O homem, malandramente, responde “Não, senhor. Mas, meu pai, sim”. A invertida que o nobre tomou de seu súdito, provavelmente, foi tão espirituosa e sagaz que deixou o deixou sem resposta. Não importa o que ocorreu depois, só a invertida é a *punch line* que desmonta a arrogância do poderoso homem que tentou tirar sarro do homem menos poderoso de forma baixa.

No Brasil atual, poderíamos chamar esta *punch line* de “mitada”. Uma metade risível, o que não ocorre sempre. A ideia gerada pela invertida contra o nobre folgado transmite a ideia que ajuda a tornar a história mais engraçada. É a ideia do “ladrão que rouba ladrão”, pois um malandro parece ter encontrado alguém mais malandro que ele. O que, por si, é irônico e surpreendente.

Outro exemplo que Raskin usa para se aprofundar na questão das piadas políticas sobre indivíduos diz respeito àquelas que depredam políticos de outras formas. É um chiste sobre o presidente dos EUA, Ronald Reagan. Em outras palavras, Raskin diz que o presidente Reagan, certa vez, foi questionado sobre sua opinião sobre as relações exteriores. Ele respondeu que não gostava de relações exteriores, que as pessoas que possuem um caso amoroso, devem fazê-lo na América mesmo.

Neste caso, a piada ataca, pontualmente, a pessoa de Reagan. Fala sobre sua incapacidade de gerir uma nação, uma vez que o mesmo achava que “relações exteriores” significavam relações amorosas entre pessoas de diferentes países. Ou seja, o cargo de

presidente, que deveria ser administrado por um sujeito inteligente, na verdade, estaria nas mãos de um sujeito desprovido de qualquer discernimento. Essa piada contém difamação. É pontual e, diretamente, iconoclasta. A mensagem é que o sujeito é o oposto do que pretende ser. Oposição entre capacitado e não capacitado. Simplificando ainda mais, seria bom (para o cargo) ou mau (para o cargo). Raskin irá se aprofundar mais neste tema posteriormente.

Aproveitando o gancho, o próprio Raskin diz “It has been suggested that humor embodies an attack by one individual on another” (Raskin, 1985, p.18). Estes ataques não, necessariamente, são apenas individuais. Para Raskin, o humor também é direcionado para instituições, grupos e ideais. Atinge até mesmo o estilo de vida das sociedades sob tal regime. Tudo isto pode ser ilustrado com as chamadas piadas políticas (Raskin, 1985, p.222).

Divagando-se, ligeiramente, é possível afirmar que, no caso, de Reagan, atacava-se também a ideia por trás do político. Isso ocorre uma vez que políticos representam, normalmente, ideologias defendidas por seus partidos, como o liberalismo ou o socialismo. Mas, primariamente, o ataque é pessoal. Existem outros exemplos de piadas em que se ataca, diretamente, a ideologia, o que é muito simples e rebuscado, ao mesmo tempo. Vejamos o exemplo da piada enumerada com 358, selecionada por Raskin em sua obra:

Some leading economists from East Germany have been invited to Africa to modernize the Sahara area. Nothing changes in the first year, nothing in the second. In the third year the Sahara runs out of sand.

A piada denuncia a incompetência da gestão dos comunistas da Alemanha Oriental, dizendo, exageradamente, que a administração deles é tão ruim, que a areia fugiria do Saara se eles ali estivessem no poder. Nesse caso, visto que o piadista ataca um país comunista e sua gestão, ataca também quase, diretamente, a ideologia comunista, que pretende acabar com o fim da exploração do homem pelo homem, construindo um mundo mais “agradável” para se viver. Pensando dentro do universo metafórico da piada, o Saara, é o lugar alegórico da areia. Tal ideia reforça que o comunismo é tão ruim que faria até a areia fugir do Saara. O primeiro tipo (Reagan) é iconoclasta e pontual. E nos dois casos, os scripts atacados (Reagan e Comunismo) são denunciados como sendo o oposto do que se dizem ser (Raskin, 1985, p.229).

Ambas são piadas políticas distintas e semelhantes. Para finalizar o aprofundamento em humor de grupo e ataque, podemos usar exemplos atuais num caso humorístico bem complexo. Na época em que Dilma esteve no poder (2010 até 2016), alguns populares que se opunham ao governo dela colaram em seus carros adesivos pavorosos de uma caricatura de Dilma com as pernas abertas. O local que se abria para o encaixe da mangueira de gasolina correspondia à vagina. Então, de maneira grotesca, toda vez em que o carro era abastecido, a caricatura de

Dilma era penetrada. Essa prática, em relação à pessoa de Dilma, servia para desumanizá-la e humilhá-la. Podemos dizer que de forma ainda mais cruel do que aquela usada contra Reagan. O tom da piada contra Dilma talvez justifique o porquê da escolha deste tema ser tão importante. O “mergulho moral” da luta de narrativas políticas, que parece ter ocorrido no Brasil, é digno de estudos por sua intensidade. Ao usar esse adesivo, que é uma figura desenhada de Dilma, colado no carro, os populares não estão dizendo que a figura de Dilma é burra, e sim uma figura digna de ser penetrada por uma mangueira de gasolina em ambiente público. Talvez por não ser uma foto de alta resolução de Dilma, e sim ,apenas uma figura desenhada atenua a crueldade da brincadeira direitista contra a figura da ex-presidente.

Sobre o processo de desumanizar o alvo da piada, Freud discorre que estes métodos, que servem para tornar as pessoas cômicas, consistem em “colocá-las em uma situação cômica, o disfarce, o desmascaramento, a caricatura, a paródia, o travestismo etc...”. Depois, conclui, dizendo:“Pode-se fazer uma pessoa cômica ao torná-la desprezível, para privá-la de sua reivindicação de dignidade e autoridade” (Freud 2017, p.123).

1.3. BERGSON, A MECANICIDADE E O EXPANSIONISMO CÔMICO.

Bergson faz uma contribuição relevante sobre o cômico em sua obra “O Riso”. Segundo a estudiosa Débora Morado, em seu seminário sobre esta obra, o filósofo se aventura a ser um pouco psicólogo na abordagem. Morreal destaca uma das principais bases para a compreensão do pensamento de Bergson sobre o humor. Para Bergson, o distraído desperta a atenção do cômico. Não é a distração a verdadeira fonte do cômico. A distração toca certa corrente de fantasias que flui, diretamente, dessa fonte. Diz Morreal que quando vemos surgir a distração em sua origem e, após isso, temos a oportunidade de vê-la progredir, achamos tal ação (distraída e progressiva) cada vez mais divertida. Morreal ilustra esse movimento de progressão das distrações usando o exemplo de Dom Quixote, sujeito que se distraía lendo histórias de cavalarias. Em certa ocasião, numa distração suprema, tentou ser um cavaleiro cheio de orgulho e arrogância. Achava-se superior aos outros e acabou por virar um clássico de tão divertidas que eram as suas distrações (Morreal, 1987, p.121).

Mas, se a distração não é a origem do riso, qual seria? Para Bergson, o que torna algo risível ou cômico é a mecanicidade. Vamos nos aprofundar, agora, sobre esse conceito para que possamos compreender, posteriormente, as análises. Quando alguém está distraído, andando na rua, e bate a cara contra o muro, ao vermos a cena é bem possível darmos risada. Para evitar o acidente, seria preciso “deter o movimento ou dar-lhe outro rumo. Mas, em vez disso, a pessoa

continua em linha reta . . . rigidez mecânica onde deveria haver maleabilidade” (Bergson, 1911, p.10). Esta “regra” pode ser adaptada para muitas coisas, como os dedos de Bolsonaro, que estão muitas vezes estranhamente rígidos, esticados e duros quando este discursa e o humorista Tom Cavalcante usa desse excesso de rigidez de Bolsonaro, exagerando quando imita o presidente na TV ou no Youtube. “Atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos leva a pensar num simples mecanismo” (Bergson, 1911, p.18). O motivo de acharmos tão estranho e cômico alguém repetir muitas vezes um gesto rígido nos movimentos corporais é simples. Segundo o pensador, tal movimento ou postura não nos parece “vivo”. Ver e rever esse movimento mecânico nos faz pensar por que aquele indivíduo não muda. Vejamos, novamente, o caso de Bolsonaro. Ele ataca tanto os homossexuais e exalta tanto sua masculinidade que se torna cômico pela repetição maquínica. Quem não ri da homofobia, ri da repetição, ou seja, da não mudança. Bergson parece se colocar na posição de quem vê a mecanicidade e ri quando diz:

Não mudar seria deixar de viver. O gesto, pois, que se anime como o ideal! Aceite a lei fundamental da vida que é jamais se repetir! Rirei porque tenho agora diante de mim um mecanismo. Já não é mais a vida... nossos estados de espírito mudam de instante em instante (Bergson, 1911, p.19).

O texto de Bergson diz, com palavras mais rebuscadas, que quando deixamos que os outros notem nossa dimensão ou parte mecânica, nós nos tornamos dignos de riso. Supostamente, o autor acredita que nós somos espíritos e, no fundo, sabemos disso inconscientemente. Então, quando uma pessoa “emite gases”, numa reunião silenciosa, e todos ouvem, provavelmente, alguns darão risada. O motivo dá-se porque o indivíduo emissor de gases deixou que seu sistema (mecânico) digestivo fosse exposto, sobressaindo-se, dessa maneira, a máquina interna do emissor sobre seu espírito (cheio de graça). Este, ficando exposto aos outros, ali presentes, vira alvo de chacota. Essa visão de mundo dual (máquina x espírito vivo), proposta pelo pensador, junto com o exemplo da emissão de gases, parece apontar para a ideia de que o cômico encontra-se na surpresa e no contraste dessas duas oposições. Mas, Bergson mostra que sua visão vai além quando diz que “haverá quem explique o riso pela surpresa, pelo contraste, etc... A verdade não é tão simples” (Bergson, 1911, p.23). O cômico parece ser algo mais ligado à alma humana do que a algo tangível, que possamos tocar e territorializar totalmente. Segundo o filósofo, seria quimérico pretender extrair todos os efeitos cômicos de uma só fórmula singela. De fato, a fórmula existe, em certo sentido; contudo, não se desenvolve regularmente" (Bergson, 1911, p.21).

Para quem não está familiarizado com a visão de Bergson sobre o humor, esta dualidade

pode parecer estranha. Voltando ao exemplo da “emissão de gases”, sob o ponto de vista biológico, o gás emitido seria sinal de vida, pois é natural e necessário que pessoas vivas os emitam.. Porém, Bergson refere-se ao “que se espera” e não ao que é dado biologicamente. Nós rimos quando expectativas são quebradas e, normalmente, em situações sociais não se espera que alguém emita gases. O pensador considera essa situação como o contrário do que é gracioso. É comum adolescentes brincarem entre si que tal mulher muito bonita não emita gases ou defeque nunca na vida, pois a mulher bonita é para eles muito graciosa.

Embora irregular e complexo, as considerações do estudioso francês nos fornecem diversos exemplos muito fatídicos sobre o fenômeno da comicidade. Um dos exemplos mais presentes é sobre a semelhança. Bergson recorta as palavras de Pascal sobre esse tema, dizendo: “Dois rostos semelhantes, cada um dos quais por si não faz rir, juntos fazem rir por semelhança... É que a vida ativa não deveria repetir-se. Onde haja repetição ou semelhança completa, pressentimos o mecânico funcionando por trás do vivo” (Bergson, 1911, p.20). Essa percepção de comicidade é um dos principais “poderes” do objeto (Bolsonaro) que iremos analisar. Ele usa chistes de terceiros, cria seus próprios e, às vezes, simplesmente, cria “cenas” cômicas, sem, necessariamente, fazer um chiste sobre algo. Certa vez, Bolsonaro, ao responder perguntas da imprensa, levou consigo um comediante travestido de Bolsonaro e as pessoas riram. No caso, nem foi necessário criar um chiste para obter o riso. Ele ocorreu, pois a situação era, mecanicamente, cômica. O disfarce é uma das fontes do cômico e esse gatilho fica exposto também quando alguém usa roupas que foram moda nas décadas passadas, o que é risível segundo Bergson, pois “pessoa trajando-se hoje à moda antiga... dizemos que a pessoa se disfarça” (Bergson, 1978, p.22).

Explorando um pouco do lado mais cruel do cômico, o pensador francês reflete sobre a imitação dizendo que “Pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem conformada consiga imitar”. (Bergson, 1978, p.15). O humorista, opositor de Bolsonaro, “Bemvindo Sequeira”, ao imitar General Heleno, aliado de Bolsonaro, curva todo seu corpo para frente. Esconde o pescoço e imita uma corcunda, fazendo uma careta horrível que aproxima o General, imagetivamente, do personagem “Igor”, famoso ajudante do vilão Conde Drácula. Heleno é, levemente, curvado pela idade avançada e está sempre dando suporte para o presidente. Visto que Bolsonaro, na visão dos opositores é um vilão, como o Drácula, dizemos que ocorre alusão. Bergson filosofa a respeito, afirmando que “o vício assemelha-se muitas vezes a certa curvatura da alma” (Bergson, 1978, p.12). Se levarmos em consideração essa afirmação, os gestos rígidos das mãos de Bolsonaro e os constantes “Tá ok?” são vícios e curvaturas de alguma forma semelhantes. Segundo Bergson, o corcunda é uma “pessoa que quis

se enrijecer em certa atitude, e caricaturar o seu corpo, se pudéssemos falar assim”. Ele segue exemplificando como "um cacoete consolidado, uma careta permanente", que é como um “automatismo, rigidez, hábito adquirido e conservado, são os traços pelos quais uma fisionomia nos causa riso” (Bergson, 1978, p.16).

Enquanto explica suas teorias, Bergson alerta o leitor sobre sua possível falta de autoconhecimento com a seguinte provocação: “Quase sempre ignoramos o que há de infantil ainda, por assim dizer, na maioria dos nossos sentimentos alegres” (Bergson, 1978, p.35). O jogo do humor parece ter o poder de fazer uma lenta sobreposição de imagens em nossas mentes que, como um flashback cinematográfico (ou eclipse de tempo), transporta-nos, inconscientemente, para algum estado de espírito infantil ainda vivo no inconsciente, que por si é atemporal. É como se, por uma distração do tempo, acessássemos esta dimensão infantil, que nada mais é que a disposição para fazer humor e rir. A estudiosa Débora Morato, em recente seminário sobre filosofia francesa, falou um pouco a respeito da quebra de continuidade temporal dizendo que “Não considerando de uma solução de continuidade entre a mente infantil e a adulta; e um dos fundamentos da teoria do cômico de Bergson vai ser o prazer dos jogos infantis que é revivido ou rememorado no processo, no que se passa, no prazer que se passa em nós diante do risível”. Ela parece sinalizar para um caminho muito curioso que Bergson se aprofunda em sua obra, sobre os jogos e brinquedos infantis.

Não pode haver ruptura entre o prazer de brincar, na criança, e o mesmo prazer, no adulto. Ora, a comédia é um brinquedo, um brinquedo que imita a vida. E se, nos brinquedos infantis, quando a criança lida com bonecos e polichinelos, tudo se faz por cordões, não serão esses mesmos cordões, gastos pelo uso, o que iremos encontrar nos cordéis que articulam as situações da comédia (Bergson, 1978, p.36).

Logo, o gênero da comédia, que é muito popular e respeitado no cinema e no teatro seria, segundo Bergson, uma das formas dos adultos brincarem. Bergson compara e aproxima duas figuras interessantes, que são os personagens cômicos e os bonecos infantis. Ele usa sua teoria da mecanicidade risível como embasamento, dando mais consistência ao argumento de aproximação. Lemos a seguir:

"Acompanhamos o progresso imperceptível pelo qual a criança faz seus bonecos crescerem, lhes dá alma... Teremos assim personagens de comédia. E podemos comprovar com base neles a lei... É cômico todo arranjo de atos e acontecimentos que nos de, inseridas uma na outra, a ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica" (Bergson, 1911, p.36).

É uma pena que Bergson não tenha vivido para assistir Toy Story, pois, de alguma

forma, aqueles personagens são uma mistura divertida entre o boneco e o humano. Aproveitando o exemplo dos adoráveis personagens da animação norte-americana, nota-se, no primeiro dos filmes, uma disputa para ver quem é o boneco predileto do garotinho. O boneco cowboy protagonista, Woody, que, até então, era o queridinho, perde espaço para Buss, o astronauta de queixo imponente. Durante boa parte do filme, as forças protagônicas e antagônicas disputam, repetidamente, no coração da criança e também parecem disputar certa liderança política entre os outros brinquedos. Estas disputas repetidas causam o riso, pois parecem máquinas ou molas, repetindo-se.

Bergson faz referência a um personagem que toma várias pancadas, repetidamente, No ritmo uniforme da mola que se contrai e distende, o comissário cai e levanta, enquanto o riso do auditório vai sempre aumentando.”. Segundo ele, "Numa repetição cômica de expressões, há em geral dois termos em confronto: um sentimento comprimido que se distende como uma mola, e uma ideia que se diverte em comprimir de novo o sentimento (Bergson, 1911, p.36).

É interessante que, ao falar de sentimento versus ideia, Bergson indica que este conceito pode ir além do humor mais simples que faz com que o personagem (boneco) se acidente toda hora como Homer Simpson. A mola em compressão e descompressão também pode ser moral. Imaginemos agora uma espécie de mola moral: certa “ideia que se exprima, se reprima, uma vez mais se exprima, certo fluxo de falas que se arremesse, que se detenha e recomece sempre. Teremos de novo a visão de uma força que se obstina e de outra resistência que a combate. Mas, nesse caso não terá materialidade. Já não será Guignol, mas assistiremos a uma verdadeira comédia” (Bergson, 1911, p.36). A proximidade com o conflito de forças antagônicas da mola está presente no mundo infantil sob a forma de um brinquedo que será muito útil para nossa análise, o boneco (normalmente palhaço) que sai da caixa, assustando-nos. Bergson resume sua teoria usando o tal brinquedo como exemplo prático de graça na surpresa.

Boneco de mola. Todos nós já brincamos com o boneco que sai da sua caixa. Comprimos o boneco, e ele salta de novo. Quanto mais o apertamos, mais alto ele pula. Esmagamo-lo sob a tampa, e ele faz tudo saltar. Não sei se esse brinquedo é muito antigo, mas o gênero de diversão que ele encerra é certamente de todos os tempos. É o conflito de duas obstinações, uma das quais, puramente mecânica, no entanto acaba sempre por ceder à outra, que se diverte com ela. O gato ao brincar com o rato, deixando-o ir-se como por uma mola para logo a seguir o deter com a pata, também se diverte do mesmo modo (Bergson, 1911, p.36).

É possível que haja uma relação desse brinquedo com o governo Bolsonaro, uma vez

que o presidente, como já dissemos, não perde uma chance de exaltar sua heterossexualidade repetidamente e quase mecanicamente. Num dia de exaltação, o próprio disse ser “imbroxável”. Talvez esse seja um exemplo literal em que possamos aplicar a teoria da rigidez com extrema facilidade.

Outras brincadeiras de crianças são belos exemplos para explicar o fenômeno do riso e o jogo do humor que, aqui, tentamos desvendar. Bergson afirma sobre um castelo de cartas, que após o montarmos, cuidadosamente, tocamos de leve em apenas uma das cartas, que hesita em cair. Até que, cai. A segunda carta, abalada pela primeira, cai um pouco mais depressa e, assim, sucessivamente, a destruição vai se acelerando e fazendo com que as cartas caiam todas de uma vez, até que se consolide a catástrofe final (Bergson, 1911, p.41). Ao abstrairmos a visão sobre tal brincadeira, notamos que um pequeno e quase insignificante toque na primeira carta gera um progresso inevitável, obtendo-se um resultado inesperado (para crianças), o da total destruição. Tudo causado por um leve toque original. É, talvez, incongruente, pois um leve toque destruiu tudo. Tal fato torna-se surpreendente e pode ser visto até como mágico aos olhos dos “miúdos”. Apreciar esse espetáculo é divertido aos olhos das crianças e na comédia ocorre o mesmo com os adultos. A forma, porém, é um pouco mais sofisticada, como na seguinte cena: um personagem cômico toma uma pancada, e, após cambalear, pisa num objeto agrícola que lhe bate no rosto, cambaleia, novamente, e cai num poço. Parece bobo, mas são poucos os adultos que seguram o riso ao assistir por exemplo “Os Três Patetas”. Nesse caso, as caretas intensificam o humor, assim como a inteligência limitada dos personagens, super rígidos.

Continuando o raciocínio sobre o espetáculo da destruição sob o olhar infantil, o pensador francês explica ainda que: “A criança diverte-se ao ver uma bola jogada contra quilhas derrubar tudo o que encontra, aumentando a devastação; ri ainda mais quando a bola, depois de muitas voltas e desvios e aparentes paradas, volta ao ponto de partida” (Bergson, 1911, p.42). O ponto de destaque, aqui, é o quão divertido nos parece a devastação causada pelo lançamento de uma bola e o entendimento da criança pela ironia ao ver a bola voltar para seu ponto de partida. Ela, supostamente, pensa: a bola saiu, destruiu tudo e, depois, retornou ao lugar dela. Isso parece engraçado por ocorrer de forma aleatória e, principalmente, irônica. Faremos uma reflexão a respeito desse efeito aplicado ao bolsonarismo com mais volume no fim do trabalho. Porém, é curioso, pois Bolsonaro declarou, em abril de 2019, segundo o portal Iser Assessoria, a frase “Eu não vim para construir nada, estou aqui para destruir”. Essa destruição da república parece excitar, e muito, os seguidores do líder brasileiro. O que os move é o prazer da destruição.

Outro fenômeno que diverte as crianças e os adultos de forma mais sofisticada é o

chamado “Efeito Bola de Neve”. Ele está relacionado, supostamente, com a aceleração e acúmulo progressivo de densidade. Certa vez, uma opositora de Bolsonaro chamou-o, publicamente, de “noivinha do Aristides”, acusando-o, através de uma piada, de ser, supostamente, gay e, peculiarmente, passivo. Bolsonaro reagiu, negativamente, e a mulher que fez a piada passou por um leve “interrogatório” simbólico. Foi o bastante para a oposição fazer reclamações sobre “direito de expressão”, diversas piadas animadas e também pesquisar a vida do Aristides que, supostamente, era professor de judô de Bolsonaro no quartel. Não cabe a esse estudo avaliar a vida sexual do presidente, e sim, notar que uma piada que funcionou bem tomou proporção maior em pouco tempo. Isso ocorreu graças ao efeito bola de neve que, assim como o “castelo de cartas”, também envolve destruição. Nesse caso, uma tentativa de destruição moral de um homem moralista que se diz “incomível”.

A aceleração do cair das cartas e do rolar progressivo que aumenta o volume da bola de neve, tudo isso, tem relação com o que chamamos de “engraçado”, segundo o pensador. É um fenômeno intensificador que tem a ver com este poder de expansão, supostamente, intrínseco no humor. “O riso do espectador, no teatro, é tanto maior quanto mais cheia esteja a sala” (Bergson, 1911, p.8).

O pensador francês repara no fenômeno que faz o humor criar essa vontade de reproduzir-se ao obter sucesso, pois é natural que busquemos repetir as coisas prazerosas. Dessa maneira, o humor sempre se propagou de forma rápida. Com a revolução digital, o fenômeno ganhou ainda mais velocidade e capilaridade. Morreal também fala sobre o fenômeno expansionista que ocorre quando tratamos do cômico, do humor e do riso na obra de Bergson. Ele afirma que o riso precisa de um eco. Este eco não é um som articulado ou bem definido. É algo que se prolonga, reverberando de um para o outro. Algo que começa com um estrondo e progride em estrondos sucessivos, como um trovão numa montanha. Este eco, segundo Bergson, não pode continuar para sempre. Ele “viaja” dentro de um círculo que pode ser muito amplo, mas, no entanto, permanece fechado. O nosso riso é o riso de um grupo (Morreal, 1987, p.119). “E Sara disse: ‘Deus me encheu de riso, e todos os que souberem disso rirão comigo’” (Gênesis 21:6).

Como já foi dito, a afirmação que elucida o fenômeno do alastramento do riso e do humor talvez tenha alguma ligação com a força metafísica de expansão e compressão que os brinquedos apresentam de forma física. A vontade de fazer piada com algo e compartilhar pode nos custar amizades e gerar brigas. Esse devir chistoso relaciona-se com um antigo dito social, muito popular, que diz “perco o amigo, mas, não perco a piada”. Tamanha e tão comum é a dificuldade em conter esse impulso de desmascarar o cômico e o mecânico que se apresenta na

vida vital e expandir este impulso, que faz com que uma frase dita errada por um líder (Bolsonaro) em poucos dias vire um desenho animado tirando sarro do mesmo. E, assim, de “canelada” em “canelada”, o presidente faz comicidades e os humoristas aumentam-na, normalmente, jogando contra o líder. E, assim, brotam, toda semana, mais charges, chistes e gracejos políticos. Parece um vai e vem metafísico que atua como uma mola social e moral. Como Croce (1903, p.228) diz: “O humor é indefinido”.

A frase de Bergson sobre o teatro pode muito bem ser adaptada para os nossos dias de redes sociais. No teatro, pessoas estão sentadas dispostas a prestigiarem dramaturgias teatrais. Os grupos de WhatsApp atuais são também uma espécie de teatro virtual. Em específico, nos grupos de bolsonaristas (ou em qualquer grupo político), as pessoas entram para receber conteúdo político de pessoas que pensam como elas e defendem os mesmos ideais políticos. Logo, quando um “meme” (piada digital) surge no grupo de militantes, o eco deve ser estrondoso e o resultado vemos nas eleições. Seguindo esta linha de raciocínio, o sistema de algoritmos do Facebook e Youtube, certamente, ajudam na criação de “teatros digitais” onde as piadas ecoam, multiplicam-se e aumentam como bolas de neve.

1.4. FREUD E A PSICOLOGIA DO HUMOR

Muito se fala sobre a teoria de Freud e o complexo de Édipo e Electra. Tais complexos defendem que, inconscientemente, as pessoas tendem, muitas vezes, a procurar parceiros afetivos semelhantes a seus pais. Morreal quando resume a obra de Freud aponta que a raiz do pensamento de Freud a respeito do humor também toca nessa famosa teoria.. Segundo Morreal, Freud defende que quando alguém se propõe a fazer piada para um ouvinte, adota, em relação ao outro, a atitude de um adulto em relação à uma criança. Sorri de banalidades que parecem grandes para a criança e, assim, o humorista adquire superioridade no papel de adulto, identificando-se até certo ponto com o pai enquanto reduz assim os outros na posição de filhos (Morreal, 1987, p.112). Além do Édipo, Freud é conhecido também por se aprofundar na parte sexual da psicologia humana e é para este assunto que migraremos após a breve introdução feita com a ajuda de Morreall.

O elemento sexual que constitui o conteúdo da piada de baixo calão compreende mais do que aquilo que é peculiar a cada sexo: além disso, ele compreende aquilo que é comum aos dois sexos e que desperta vergonha, ou seja, tudo aquilo que diz respeito ao excremento. Mas este é o âmbito do sexual na infância, em que predomina a representação da cloaca, onde o sexual e o excrementício mal se diferenciam, ou nem

isso. Em todo o terreno da psicologia das neuroses, o sexual ainda inclui o excrementício e é compreendido no sentido antigo, infantil (Freud 1905, 140).

A afirmação de Freud relaciona a infantilidade da fantasia do humor com as piadas de baixo calão (smuts) e de escatologia; esta ligação é bem possível de averiguar na prática, uma vez que as crianças muitas vezes se divertem com piadas de scatologias (e sexuais) e quando crescem abandonam a scatologia, mas mantêm muitas vezes o costume de fazer piadas de cunho sexual, pois, segundo Freud ambos estilos de piada são da mesma origem e os adultos apenas aprenderam a distinguir o que é sexual do que é escatológico ao que parece.

Para exemplificar os smuts usaremos uma série de clichês, pois a supostamente a maior parte dos smuts são feitas por homens que comentam sobre uma mulher, é comum ver smuts sendo feitos entre trabalhadores da construção civil, por exemplo, pois por ser um ambiente quase sempre masculino possibilita-se que qualquer um deles possa fazer smuts sobre uma mulher que ali passa e a plateia (colegas de construção) está ali pronta para escutar e se excitar ao construir imaginativamente a cena sexual criada pelo "smuter" que fala sobre aquela mulher, que supomos majoritariamente não tem interesse amoroso naqueles homens. Esta recusa ou inflexibilidade da mulher é condição primária para o desenvolvimento do smut, segundo Freud (2017, p.65-70).

Segundo o pensador, o smut pode ser equiparado com uma tentativa de sedução e pode ser definido como uma intencional proeminência verbal de fatos e relações sexuais. O ouvinte pode ficar excitado ao imaginar a cena construída fantasiosamente pelo falador da piada ou pode também sentir vergonha ou embaraço, o que segundo Freud (2017, p.55-64) é apenas uma reação à excitação e, por linhas transversas, uma possível aceitação deste chiste-flerte.

O que sustenta o smut então, é um tripé composto pelo falador da piada (smuter), o objeto da agressividade hostil/sexual (no exemplo a mulher), e por fim o terceiro elemento, que é aquele que escuta; o objetivo do smut é produzir prazer neste ouvinte da piada. Falando de forma simplificada, a origem de tudo isto está no libido do falador da piada, este ao ver a mulher tem seu impulso libidinoso excitado e por este impulso ser inibido pelo desprezo da mulher, desenvolve uma tendência hostil contra a mesma e para reduzir a frustração gerada pela negativa feminina convoca o ouvinte (terceira pessoa) como seu aliado; caso a mulher se interessasse pelo falador da piada, esta terceira pessoa seria um estorvo ali para um possível flerte ou coito, porém, com a recusa feminina (no exemplo), o ouvinte se torna um possível aliado. O falador da piada em modo figurado expõe a mulher para o ouvinte virtualmente, normalmente fazendo-o imaginar alguma parte íntima da mulher ou algum procedimento de cunho sexual e esta terceira pessoa será subordinada pela passiva satisfação de sua libido

(Freud, 2017, p.65-75).

Em outras palavras, segundo Freud (2017, p.65) não se pode duvidar de que o motivo original do smut seja o desejo de ver desmascarado o que é sexual e esta desnudez tem ligação com a degradação. Além deste desmascaramento quase sempre presente neste tipo de piada, não podemos esquecer do fator alusivo, que é um método usado também neste gênero de chiste, pois esta alusão seria o gatilho para que o ouvinte reconstrua em sua imaginação a cena já criada pelo falador. Falando de forma resumida, o smut torna possível uma satisfação de um instinto libidinal ou hostil obstruído por algo, é como se o smut driblasse o obstáculo (negativa feminina) e tornasse acessível para o falador e ouvinte a fonte de prazer inacessível. Freud (2017, p.67) sugere em palavras semelhantes que só podemos rir quando um chiste vem em nossa ajuda. Este raciocínio se casa muito bem com este estilo de piada que ajuda os renegados a se sentirem amados de certa forma. Refletindo brevemente notamos traços deprimentes neste processo, que é ao mesmo tempo admirável de tão engenhoso.

A inclinação de ver desnudado o que é peculiar a cada sexo é um dos componentes originais de nossa libido. Ela já é talvez uma substituição, remonta a um prazer que se deve supor como primário, o de tocar o que é sexual (Freud, 1905, p.141)

O que fica claro nos pensamentos de Freud é que o desejo de tocar e ver as partes íntimas dos corpos alheios é algo que desenvolvemos na infância e que não se esvai com a maturidade, o que muda é a noção de separação do escatológico para o sexual e as atitudes se tornam normalmente mais sutis; crianças por exemplo fazem a brincadeira de abaixar as calças do coleguinha da escola, numa atitude abusiva e invasiva com objetivo literal de desnudamento, humilhação e constrangimento da vítima; já os adultos optam por fazer piadas sobre a intimidade alheia praticando virtualmente o mesmo, ou então vendo sites pornográficos para ver seres humanos já sem calças voluntariamente; de certa forma o objetivo do desnudamento parece presente nos dois casos. Vale lembrar que a escatologia também faz rir os adultos em muitas circunstâncias, por exemplo, um personagem que pretende fazer uma atividade que exija alta performance mental de sua parte, mas que é “atacado” por uma forte dor de barriga que lhe obriga a defecar; este contraste e esta necessidade é digna de riso segundo Freud. Bergson já poderia explicar o mesmo fenômeno com a teoria mecânica, pois o trabalho espiritualoso que o personagem pretendia fazer foi interrompido pela mecânica de seu sistema digestivo; como já refletimos.

Os smuts podem ser usados para os homens também numa tentativa de aceitação no grupo do qual o indivíduo pretende adentrar-se, ou seja, cria e fortalece laços. Ao fazer o smut contra a mulher, o indivíduo masculino é visto como heterossexual pelo grupo de homens

heterossexuais e assim o indivíduo é bem visto pelos colegas e aceito. É comum entre hétero sexuais brincar que os gays “jogam no outro time”, o que ilustra este senso de pertencimento dito acima. Desta forma o smut supostamente ajuda homens inseguros a performarem um legítimo macho; o que é importante numa sociedade homofóbica. Um exemplo desta suposta exaltação para com a masculinidade deste grupo (bolsonaristas) é a recente compra de viagras, próteses penianas e remédios para queda de cabelo feita pelo governo Bolsonaro; mostra que ser macho (do jeito deles) talvez seja bem importante para este grupo específico (Cravo, 2022).

1.5. FREUD E HUMOR COMO FORMA DE PERSUASÃO (ONÍRICA)

O ego está aí desempenhando o papel ridículo de um palhaço de circo que, pelos gestos, tenta convencer a platéia de que toda mudança no picadeiro está sendo executada por ordem sua. Mas só as crianças se deixam enganar por ele (Freud, 2017, p.34).

Freud, em seus estudos sobre os sonhos, parecia brincar com a comparação entre o cômico e o onírico. dizendo em palavras muito parecidas que o uso do absurdo e do *nonsense* nos sonhos tem-lhes custado a dignidade de serem considerados produtos psíquicos pelos seus companheiros de ciência (Freud, 2017, p.59). Apesar da aparente diminuição da importância do sonho, não se pode negar o impacto deles quando acordamos assustados por algum pesadelo ou excitados após um sonho erótico. Ou seja, sonhos não precisam da honra de serem considerados “produtos psíquicos” pelos estudiosos para serem sentidos afetuosamente. Sendo assim, talvez o impacto de um sonho ou de uma piada possa influenciar, indiretamente, em decisões individuais, como o voto.

Além disso, incentivará o ouvinte, pelo seu ganho de prazer, a tomar nosso partido sem maiores reflexões - tal como tantas vezes nós mesmos, incentivados por um chiste inofensivo, costumamos superestimar o conteúdo do que é dito no chiste. " Trazer os que estão rindo para o nosso lado"(Freud, 1905, p.148)

Freud enxerga proximidade entre o processo psíquico que desencadeia o riso e os sonhos. Alguns exemplos são os processos de deslocamento, raciocínio falho, absurdo e representação pelo oposto. Tanto numa piada contada, ou num desenho humorístico “Os Simpsons” ou num sonho maluco que temos, estes “joguetes” estão presentes (Freud, 2017, p.92-107). Alguns apontam como se a piada fosse para a sociedade coletiva o que o sonho é para o indivíduo, uma maneira de digerir o dia-a-dia, amansar o superego (juiz interno), administrar as neuroses remanescentes do passado e os impulsos sexuais (Bergson, 1985, p.23-4).

A respeito do cômico em geral, Kant diz que é uma característica notável do mesmo a de iludir-nos apenas por um momento (Freud, 1905, p.21).

Quando pensamos no jogo político e o uso do humor, o nosso “papa” da psicanálise também esclarece muita coisa enfatizando em outras palavras que fazer piadas com algum indivíduo ou entidade pode tornar (de alguma forma) nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo (Freud, 2017, p.68). E supostamente isto funciona no caso do nosso objeto de estudo. Este prazer que acontece ao rirmos de uma piada para Freud supostamente está associado a suspensão momentânea de alguma inibição; esta talvez seja a origem de todo o prazer, inclusive o prazer nos chistes (piadas) (Freud, 2017, p.98).

A fantasia cômica é lúdica e não obedece as leis da lógica, esta enganação momentânea e prazerosa pode invadir nosso pensamento racional dependendo do nosso contexto, nível intelectual e predisposição para certas crenças divertidas de acreditar. Bergson decorre sobre esta lógica estranha dizendo que

existe, pois uma lógica da imaginação que não é a lógica da razão, que chega inclusive a contrastar com ela as vezes... É algo como lógica do sonho deixado ao capricho da fantasia individual, mas sonhado por toda a sociedade... Esta interpenetração não se dá ao acaso, mas obedece a leis, ou antes, a hábitos que estão para a imaginação como a lógica esta para o pensamento (Bergson, 1911, p.23-4).

Bergson também vê dualidade entre sonho e ação, segundo ele o homem desequilibrado ou está mais focado na ação e acaba por ser mecânico e digno de riso, ou apenas sonha e devaneia, tornando-se risível pela distração; o homem equilibrado para o pensador caminha na corda bamba entre o sonho e a ação.

Assim como Bergson, Raskin também se refere ao tema como um “espírito”, que reforça mais ainda a ideia de algo vivo já observada aqui... ele ressalta em outras palavras que “o espírito cômico tem uma lógica própria, mesmo em suas forma mais selvagens. Tem um método de sua loucura” (Raskin, 1985, p.6). É como se no jogo das relações humanas o riso fosse o coringa do baralho. Numa história cômica Freud fala de um malandro que no “universo onírico da piada” consegue “vencer” uma discussão mesmo sem ter razão.

A. tomou emprestado a B. um caldeirão de cobre e, após a devolução, foi acusado por B. de ter feito um grande buraco no caldeirão, assim inutilizando-o. Eis como ele se defendeu: 'Primeiramente, não tomei caldeirão nenhum emprestado de B.; em segundo lugar, o caldeirão já tinha um buraco quando o peguei com B.; em terceiro lugar, devolvi o caldeirão inteiro.'" Cada uma dessas afirmações singulares faz sentido em si mesma,

mas, tomadas em conjunto, excluem-se umas às outras. A. trata isoladamente o que deveria ser tomado em conjunto” (Freud, 1905, p.91).

Se estas negações forem feitas utilizando mecanismos do humor dentro de um “quadro humorístico”, de alguma forma o “malandro” teria talvez êxito na sua defesa dependendo de quem está julgando a cena. Freud supostamente vê o cômico como uma carta que pode driblar a lógica no carteadado das relações sociais de certa forma.

Ao que tudo indica na obra de Freud, quando o raciocínio falho (na piada) é produzido sem disfarces, então as objeções da crítica se seguirão com certeza, pois o raciocínio soa como absurdo, porém simultaneamente gera um efeito cômico e neste mútuo cancelamento pelos vários pensamentos, cada um dos quais é válido em si mesmo, é precisamente o que não ocorre no inconsciente (Freud, 2017, p.133).

Para elucidar este complexo processo psíquico de poder supostamente ilusório Freud diz em outras palavras que comentários engraçados produzem em nos uma impressão global na qual não conseguimos separar a parte devida ao conteúdo intelectual da parte devida à elaboração do chiste (Freud, 2017, p.56). Na prática no carteadado político-social brasileiro, por exemplo, os opositores de Bolsonaro o chamam de “Bozo(naro)” sugerindo que é um palhaço como o popular Palhaço Bozo dos anos 80; os opositores de Lula chamam-no de “Lula-drão” fazendo um chiste de fusão sonora das palavras Lula e ladrão.

Aproveitando o mergulho dos estudiosos no inconsciente dos indivíduos e do social, vale agora explicar e refletir sobre uma forma de condensação que elucidada muito sobre um dos motivos que nos fazem rir, a economia de gasto psíquico. Um trocadilho, por exemplo é sempre uma condensação que normalmente gera incongruência, anos atrás um meio campo do Corinthians chamado Rodriguinho estava fazendo partidas de desempenho duvidoso para alguns torcedores, que o apelidaram de "podriguinho" que seria a junção de "podre" com o nome do atleta, que pouco tempo depois começou a jogar muito bem e recebeu o nome de "reidriguinho", no caso a junção de palavras "rei" com o nome novamente. O trocadilho em si, segundo Freud não é um jogo de palavras precisamente, é mais próximo de um jogo com o som (das palavras). Os dois trocadilhos feitos pelos amantes do futebol brasileiro usam de duas formas diferentes o mesmo material, que é no caso exemplificado o nome do jogador; Freud faz uma bela ligação dos assuntos com a economia, dando mais solidez para o raciocínio. Diz ele que “o uso do mesmo material é apenas um caso especial de condensação; o jogo de palavras não é senão uma condensação sem formação substitutiva; a condensação permanece a categoria superior. Uma tendência à compressão, ou, melhor dizendo, à parcimônia, domina todas essas técnicas. Parece ser tudo uma questão de economia...” (Freud, 1905, p.63-4).

Tais chistes também contam com uma tendência à brevidade das coisas complexas, de simplificação também faz parte do mecanismo humorístico. Ao notarmos o trocadilho ou associação feita pelo locutor acabamos por rir ao ver nossa inteligência atuando e “pescando” o riso que o locutor emanou discretamente na oração; muitas vezes expondo uma “verdade”, uma redução de algo complexo ou contradição de algo.

Freud sugere em outras palavras que talvez todas as técnicas de chiste apresentem uma tendência para com a economia na expressão, ou seja, algo sempre é economizado ali e segundo o pensador esta economia está ligada com a produção do prazer. A técnica chistosa parece que de alguma forma controla alguma despesa psíquica.

Em sua obra Freud fala também do riso de indignação. Em uma ocasião recente, Bolsonaro por exemplo ameaçou os EUA com a frase “quando acaba a saliva tem que ter pólvora” depois de Biden criticar o governo brasileiro em relação às queimadas na Amazônia. Muitas pessoas ficaram preocupadas, pois talvez as forças armadas brasileiras não estivessem prontas para tal confronto e muitos opositores riram de indignação pelas palavras do líder, supostamente torcendo para Biden não levar a sério as palavras do mito. (El País, 2020) A única resposta dos EUA foi talvez a postagem de um vídeo de marines atuando por parte do embaixador dos EUA no Brasil. Segundo Freud em situações onde nos indignamos muito nos podemos acabar por rir “e tal riso aconteceria, portanto, à custa da indignação economizada” (Freud, 1904, p.264). Vale salientar que o mesmo não ocorre ao contrário, nem toda economia irá gerar riso, segundo o pensador pode ser que todas as técnicas do chiste mostrem uma tendência a economizar na expressão, mas não vale o inverso. Nem toda economia na expressão, nem toda abreviatura são por isso chistosas (Freud, 2017, p.29).

Para finalizar a seção usaremos palavras de Freud: “...não será essa economia em palavras enunciadas mais que compensada pelo dispêndio de esforço intelectual?” (Freud, 2017, p.29). Freud parece definir que o que é economizado seria realmente o “esforço intelectual” de quem ri da piada. O psicanalista se questiona sobre quem está lucrando com tal economia, a como resposta podemos sinalizar de o ouvinte é agraciado por economizar esforço psíquico para compreender a situação em tese, e também o falador da piada supostamente lucra neste processo, ele cria ou fortalece laços com os ouvintes, ri junto e aparentemente ganha o direito de trazer um pouco de loucura para o mundo real como fez Bolsonaro no exemplo acima em que ameaça os EUA.

1.6. PALMER E A SINERGIA PARATÉLICA

Palmer (2003) defende que o humor é provocado por incongruência (contrariedade) dum objeto e esta incongruência é baseada num conflito entre realidade e aparência; desse conflito sai uma resolução inesperada e no caso do humor, tal resolução é mais simples do que o que se aparentava. Ele chama isso de teoria reversa e discorreremos sobre ela e muito mais nesta seção. Com base na visão de Apter e Smith, Palmer mantém que a relação entre a incongruência e o que ele chama de estado de espírito lúdico, tais relações são características centrais do humor (Apter, 1984). Mas para o Palmer, a relação entre a incongruência e o espírito lúdico é incerta, pois existem vezes que a incongruência induz ao estado lúdico e outras que o estado lúdico é quem distingue as incongruências agradáveis e desagradáveis (Palmer, 2003, p.105). A incongruência é fortemente marcada pela estrutura retórica e que é provável que ela induza ao ouvinte para um estado de espírito brincalhão, a menos que haja algum fator presente no ouvinte que neutralize a influência da incongruência. Por isso, o autor defende que o espírito lúdico envolve um mundo não real de certa forma (Palmer, 2003, p.103-4).

Para Palmer, o humor pode ser comparado com uma história de detetive, onde revela-se ao fim uma espécie de culpa inesperada para algum dos personagens, surpreendendo o público, que sente também que houve uma inversão entre o que se aparentava e o que era realidade de fato. Todavia, normalmente na realidade (e nos filmes de detetive) a realidade final mostra-se maior do que o que se aparentava, ou seja, mais complexa; no caso do humor normalmente a realidade que surpreende o público é menor e mais simples do que o que o público esperava (Palmer, 2003, p.104). O pensamento parece direcionar para o humor de alívio defendido por Meyer (2000).

Esta simplificação das coisas fornecida pelo humor é prazerosa, mas pode direcionar o pensamento dos indivíduos para um mundo lúdico talvez distante do real, onde existem problemas sérios e complexos que só o humor talvez não possa sanar, pois este parece operar majoritariamente num mundo não sério como vimos. Ao fazer a piada o ouvinte tem duas opções: ou permanecer no quadro trágico e olhar com profundidade e empatia para as situações, o que pode ser pesaroso, complexo e desagradável, ou pode mergulhar no quadro cômico e desfrutar de um ponto de vista prazeroso de um mundo onírico de fantasia. Lembrando que ao escolher o quadro trágico provavelmente irá desagradar o contador da piada, alguns dizem que é o mesmo que recusar uma relação (Palmer, 2003, p.105-10).

O que possivelmente costuma frear o humor e sua simplificação de coisas sérias é o senso de empatia do ouvinte para com a vítima da piada, a identificação, que também (ironicamente) é essencial para que o humor seja bem sucedido e o autor se aprofunda sobre tal importância.

O grau de identificação entre falador da piada e ouvinte influencia no processo humorístico; também a relação entre ouvinte e vítima da piada pode afetar o resultado da piada e por fim poderíamos dizer que a relação do falador com a vítima também; as identificações influenciam e muito no humor, porém, segundo Palmer, isso não explica por si só como o humor ocorre. Segundo Palmer existem ocasiões em que simplesmente não se pode alcançar o humor (Palmer, 2003, 104-7).

Para induzir o ouvinte ao riso, Palmer destaca coisas como mudar o tom de voz ou fazer uma feição engraçada com a face, este estado criado em que o público está em sintonia com o falador da piada é chamado por Apter e Smith de estado de espírito paratético. Aparentemente este estado indica implicitamente que não se deve levar a sério o que será dito pelo falador da piada antecipadamente, é como se fosse um preliminar para a punch line da piada, onde prepara-se o terreno para o riso fluir na hora da punch line; é possível que vestes cômicas, sotaques carregados, imitações ou caretas ajudem para que se forme este estado paratético entre falador e ouvinte (Palmer, 2003, p.102).

Este estado de espírito brincalhão proporcionado pelo falador da piada pode ser feito no texto emitido, como ao anunciar uma frase antes como "Você já ouviu falar sobre..." ou então "Três homens naufragaram, um inglês...", usar um tom despreocupado na fala acompanhado de um leve sorriso também pode fazer tal indução, que às vezes o simples imitar de um sotaque de "Oxford", segundo Palmer pode indicar para o ouvinte que o que será dito será uma brincadeira e o riso do ouvinte muitas vezes aparece apenas por este ter percebido que o humor está ali presente. Outro caso simples que induz rapidamente a plateia para o estado paratético é dar risadinhas enquanto fala o texto. Este estado de espírito é que faz o ouvinte rir às vezes antes de que se acabe de contar a piada ou sorrir durante o decorrer do texto (Palmer, 2003, p.107-8).

1.7.PALMER E A SEGUNDA CONDIÇÃO DO HUMOR: O TERRENO COMUM.

“...to refuse to take a joke is, in effect, to refuse to accept a relationship” (Waisanen, 2015, p.353)

Para Palmer, existe um conjunto de condições que prevalecem para que a piada seja um sucesso ou um fracasso. Segundo Palmer, existem condições que não permitem que haja tal transição e o primeiro é a fronteira da compreensão ou incompreensão, por exemplo, pessoas que trabalham com as tecnologias da informação acham graça com a piada interna deles exemplificada. A piada é curta e este quem vos escreve não entendeu: "O que é um goy?"; exemplo de talvez humor de grupo específico (Palmer, 2003, p.149).

Um outro exemplo é o seguinte caso. Um inglês que foi visitar um amigo grego (na Grécia) para escapar um pouco do frio das terras britânicas, porém, quando estava com o amigo na Grécia começou a chover e o inglês ironizou exclamando algo como "Que clima lindo!" O grego, sem apreciar a ironia disse "Sim! Isso me economizou 10.000 dracmas!" (para comprar água para a cisterna) (Palmer, 2003, p.105).

Este exemplo mostra a necessidade de informações para que se compreenda algumas piadas. Para que se compreenda a piada é necessário que se saiba que ingleses costumam ir para a Grécia, que tem o clima mais quente; saber que existia certa escassez de água em algumas regiões da Grécia também ajuda e muito na compreensão da piada e sua graça. O amigo grego parece não ter entrado no estado lúdico dito por Palmer, porque... Para ele a incongruência, a sinergia real, está intrinsecamente ligada a elementos pragmáticos da sua situação. A situação da chuva era incongruente para o inglês, mas não foi ativada no grego tal incongruência.

Segundo o autor esta curta piada já basta para fazer aquele determinado grupo fazer a transição psíquica necessárias para o riso. Estes conhecimentos devem estar disponíveis (dentro dos indivíduos) antes que a piada seja mencionada e uma explicação posterior nunca irá compensar o déficit da piada fracassada. Uma curiosa piada é usada como exemplo, ela conta que entre os indígenas Navajos havia uma piada que para nós hoje em nossa sociedade não tem graça (Palmer, 2003, p.149–50):

A Navajo man out hunting is surprised by a rainstorm and takes shelter in a cave. After a while a coyote does the same, and doesn't notice the man. The man goes up to the coyote, approaching him from behind, and speaks to him. The coyote falls down dead (Palmer, 2003, p.149-50).

Entre os membros desta tribo o coioete era considerado o animal mais astuto de todos, um símbolo de alguém que sempre está preparado e na dianteira. Segundo o pensador é difícil imaginar que alguém de fora da tribo ache graça nesta piada ou se divirta ao escutá-la. Não precisamos apenas de informações para achar graça das piadas, é preciso compartilhar um sistema de crenças, também é uma questão de investimento emocional em uma ordem simbólica particular como esta noção dos navajos para com o coioete (para que se ache graça). É necessário que as culturas do falador e do ouvinte estejam muito bem ajustadas para que as piadas tenham sucesso; este ajuste gera o que o escritor chama de estado de espírito em comum e deste estado de espírito em comum parece emanar o que ele chama de significado emocional (Palmer, 2003, p.150-4).

Palmer parece defender que para acontecer tal ajuste cultural e estado de espírito compartilhado que possibilitam a transição e aceitação de tal piada pelo ouvinte, deve haver

não só identificação cultural cognitiva, mas também uma ligação afetiva e motivacional (Palmer, 2003, p.150).

A incompreensão também pode ser o motivo de uma piada e não um problema em si: "incomprehension kills a joke if it is the listener who fails to understand, but incomprehension on the part of the victim not only does not kill the joke, it way well the condition of the joke's existence..." (Palmer, 2003, p.153). Por exemplo, uma senhora comentou com ironia sobre uma família ter aceitado um membro desgarrado após sua ausência temporal. No caso, a ignorância da família é o mecanismo para a piada: para a piada ter sucesso não precisa ser permitida por todos, pois a incompreensão da vítima pode ser o que a produz a piada em primeiro lugar.

1.8. O GROTESCO

Um aspeto crucial da teoria do Palmer é humor negro e o grotesco, o que soma para nossa dissertação, uma vez que o objeto escolhido supostamente parece valorizar ambos. Um exemplo é o seguinte:

A rumour goes round that the Nazis are going to kill all the Jews and all the barbers. One evening, in a bar, a group of citizens are pondering this rumour. Eventually one says 'Of all the nonsense. Why the barbers?' (Palmer, 2003, p.153).

Segundo o autor o grau de ironia é tão extremo que é mais do que o habitualmente ambíguo e podemos hesitar em achar engraçado pois não temos certeza se é uma pergunta (piada) de teor brutalmente antissemita ou algo muito diferente. Palmer também considera a primeira parte do boato sem importância. É possível também, segundo o pensador, interpretar esta como uma piada que se destina aos antissemitas e riríamos da maldade exagerada dos mesmos e de seu processo de raciocínio estúpido e incongruente, que seria a fonte do humor para o autor (Palmer, 2003, p.154-55).

A identidade do falador da piada também pode mudar as coisas, se ele for judeu por exemplo a piada ganha outro significado e se este mesmo grupo (judeu) escutar o texto de um não judeu, podem se ofender, pois poderiam pensar que é uma dor deles e só eles podem brincar com isso. A época em que a piada é contada muda também, se contarmos hoje após quase um século da guerra, o efeito é um e se alguém contasse isso durante a guerra ou pouco depois, a piada certamente teria outro efeito devido a ameaça que representou o nazismo e os horrores do holocausto (Palmer, 2003, p.147-60).

O grotesco tem sempre uma possível mistura do que gera medo e do que gera o cômico. Coisas temíveis misturadas com coisas ridículas, que divertem o observador; segundo Palmer

o medo gera certa perturbação e o cômico de certa forma proporciona certo alívio, pois tem capacidade de tender a plateia para o lúdico. Palmer acha possível supor então que há um mecanismo de "desarmamento"; o cômico de certa forma intercepta o medo e o resultado é uma interação de forças opostas (Palmer, 2003, p.157). Esta abordagem é em linha com o pensamento psicanalítico. Steig por exemplo diferencia o que é estranho (para Freud) do que é grotesco, como o estranho de Freud não tem defesa contra o sentimento de ansiedade ou medo perante a "obra", quando o grotesco tem o cômico jogando consigo, o cômico que de certa forma defende o ouvinte desta ansiedade gerada pelo medonho; o cômico e o medonho estão permanentemente juntos do grotesco para o autor (Palmer, 2003, p.157)

Este pensamento de Palmer talvez explique o sucesso de décadas da franquia midiática "Família Adams", em que personagens grotescos são exageradamente mórbidos e violentos, porém risíveis e conseqüentemente simpáticos de alguma forma. O sucesso do vilão Zé Pequeno no filme "Cidade de Deus", obra respeitada do cinema brasileiro também pode ser explicada por esta via de pensamento, pois o vilão é sádico e violento, porém ao mesmo tempo faz a plateia rir em alguns momentos do longa-metragem. Ao refletir sobre o grotesco sob a visão de Palmer, podemos supor que talvez os políticos possam usar de algum desarmamento risível para que algo assustador seja aceito.

1.9.RASKIN: SCRIPTS, MÁXIMAS E TIPOS DE COMUNICAÇÃO

Raskin acredita que sempre num ato humorístico existe um conflito (ou sobreposição) do que ele chama de "scripts", ou generalizações sobre como o mundo é organizado (Raskin, 1985, p.129–35). Os scripts podem ser considerados também em alguns casos como narrativas ou visões de mundo que estão sempre em conflito e a própria piada é quem parece julgar qual script é o mais adequado ou inadequado; bom ou mal, real ou irreal e por aí Raskin nos oferece diversos tipos de oposição que serão decorridos nos parágrafos adiante. Raskin diz que normalmente, o script 1 é apresentado como bom e o script 2 é visto como impróprio ou vice-versa. O texto para ele deve ser compatível com ambos os scripts em algum sentido, que por sua vez são compatíveis semanticamente com o texto e entre eles são opostos de forma específica no texto, é o que Raskin chama de oposição local. Se uma mãe faz uma piada "Eu sou tão bagunceira que perdi minha filha de 3 anos dentro de casa e só a encontrei 3 dias depois", o script 1 seria a mãe (competente); o script 2 seria bagunceira e ambos estão em oposição local, pois o script de característica (bagunceira) a impede de ser uma boa mãe; este tipo de oposição é bem comum nas piadas de bêbados também ou sobre povos considerados

tolos (Raskin, 1985, p.104-13).

Conforme estamos vendo, script para Raskin é algo muito abrangente. Para o estudioso o script parece também ser um organizado complexo de informação sobre alguma entidade; parece também poder ser um objeto (real ou imaginário), evento, ação, qualidade ou resumidamente uma estrutura cognitiva que está internalizada no falante da piada que decorre verbalmente (lexicalmente) informações de como esta entidade é estruturada. Sob este ponto de vista a piada pode ser definida supostamente por significados dos conceitos em oposição e incongruência. Script também pode ser equivalente a um significado semântico lexical da palavra; para Raskin são invocações lexicais e evocados por gatilhos lexicais, que ativam a sobreposição de scripts. A incongruência dos scripts forma a piada. É usando também desta “alquimia” (ou mecanização) que Raskin propõe sua teoria semântica do humor, lembrando que para o pensador a piada trata-se de um pensamento humorístico autocontido (Raskin, 1985, p.104-13)

Embora nos aprofundaremos no humor político posteriormente, quando falamos de scripts já podemos sim introduzir o assunto do humor político. Este estilo (humor político), segundo Raskin, é geralmente mais simples do que a do humor sexual ou humor étnico. O humor político de denegrir segundo o pensador é um tipo popular e universal de humor político (Raskin, 1985, p.223). Seguindo esta linha de raciocínio comparativa de Raskin, o humor político é simples de se fazer, ou seja, não precisa ser uma pessoa estudada na academia ou com crença nas leis da ciência, pessoas simples e até limitadas estão aptas para fazê-lo tranquilamente. Raskin diz em outras palavras resumidamente que quando fala de “scripts” se refere na verdade a pares de scripts simplesmente opostos e que ao contrário do humor sexual, o tipo básico de oposição de script usado em humor é predominantemente possível versus impossível, real versus irreal, normal e anormal e que o essencial é sempre bom versus mal (Raskin, 1985, p.180). Isto será aprofundado e é por natureza nebuloso, pois quando falamos de supremacia étnica, logo pensamos em política, pois é uma questão que pode ser assim classificada também.

Existem dois tipos de verbalização ou locução de piadas para Raskin segundo ele explica no capítulo quatro de sua obra, a comunicação pode ser “Bona-Fide” (genuíno em latim), que são comunicações sérias ou Não Bona-Fide, que são as contagens humorosas; o termo pode ser traduzido também como “boa fé” ou “não de boa fé”. O que diferencia a comunicação Bona-Fide da sua opositora é o seu comprometimento com a verdade e relevância e o ouvinte está ciente deste compromisso e nota discurso verdadeiro e relevante. Um exemplo é do próprio Bolsonaro aqui; pois seus seguidores costumam rir quando o presidente usa do estilo não Bona-

Fide, ou seja, quando esta tentando fazer uma piada, e este mesmo sinaliza isto para seu público rindo durante o falar da piada e também no fim das piadas contadas, incentivando ou sinalizando para a sua plateia a rir e eles riem. No caso a oposição de Bolsonaro costuma rir quando o presidente está tentando falar sério lendo algumas palavras anotadas em sua mão ou tenta mandar homenagear os cidadãos de Nova York chamando os mesmos de “Nova Yorquines”. Apoiadores parecem rir quando o presidente se faz de “palhaço” ao fazer seus gracejos e gargalhar, enquanto seus opositores parecem rir de quando sem querer o presidente faz algo de “palhaço” (Raskin, 1985, p.100-2).

Para Raskin existem quatro tipos de situação quando tratamos da “falação de chistes”. Situação 1 é quando o contador da piada pronuncia uma ambiguidade de forma involuntária, como uma criança ao falar uma obscenidade sem saber do que fala e arranca riso dos adultos. Na situação 2 o falador da piada fala com a intenção de gerar ambiguidade e fazer a plateia rir. Os casos 3 e 4 são sobre os ouvintes da piada; no caso 3 quem ouve é pego de surpresa, pois não espera a piada; no caso 4 o ouvinte escuta a piada sabendo que o falador está lhe fazendo uma piada. 1 Falador “involuntário”. 2 Falador “voluntário”. 3 Ouvinte “Pego de Surpresa”. 4 Ouvinte “Quero rir”. Existe o caso do falador voluntário da piada fingir-se de involuntário, ficando sério ao contar a piada para esconder que vai falar algo engraçado, o que intensifica o riso normalmente (Raskin, 1985, p.100-3).

A plateia ao escutar o caso do falador involuntário, primeiro duvida do que ouviu, procura rapidamente outras interpretações para “salvar” o texto emitido, até que nota que o texto é incongruente e cai no riso. O que fomenta tal caminho cognitivo do ouvinte que o leva a interpretar o texto pronunciado como piada é o que segundo Raskin seria talvez uma construção social, pois este defende que na nossa cultura, contar piadas é algo mais aceitável do que mentir, por exemplo (Raskin, 1985, p.102).

No caso do falador voluntário, o piadista, por já estar engajado na comunicação não bona-fide, que por si já é interessante (segundo Raskin), pode também se dar ao luxo de mentir, exagerar e isto irá provavelmente somar para o resultado final, o riso dependendo de muitas variantes. Sabendo administrar bem sua plateia, um político, que tem como trabalho sobrepor “scripts” para as massas e em alguns casos costuma mentir, pode tirar bastante proveito do humor neste sentido. Quando se cruza os faladores (1 ou 2) com os ouvintes (3 ou 4) os resultados também são dignos de estudo. Quando cruzam-se o falador voluntário (2) com o ouvinte “pego de surpresa” (3), o ouvinte solta uma risada inesperada (quando piada funciona bem); no caso do falador voluntário (2) cruzado com o ouvinte “Quero rir”, o resultado quase que certamente será o riso sem muito esforço por parte do falador voluntário; para falhar terá

que cometer muitos erros. No caso de Bolsonaro sua oposição mais radical são supostamente ouvintes do tipo “pegos de surpresa” (3), mas que dificilmente riem quando Bolsonaro faz piadas homo fóbicas, ou seja, está com o modo “palhaço” ativado; esta oposição costuma rir quando Bolsonaro está no modo “sério”, modo bona-fide. Estes citados ouvintes “pegos de surpresa” que fazem oposição para com Bolsonaro corriqueiramente não entram no jogo de Bolsonaro quando o líder começa a sinalizar que está fazendo piadas, o sentimento que ocorre muitas vezes é o oposto, eles supostamente pensam: “Lá vem ele de novo com piadinhas” e fecham a cara (Raskin, 1985, p.100-4).

Segundo o pensador, existem três tipos básicos de oposição. O primeiro é a oposição real contra irreal, que é quando o “herói” do chiste se encontra em uma situação real ou irreal, Raskin usa o exemplo de um sacerdote envolvido com devassidão; o que configura uma pureza sacerdotal de tal homem como irreal. O segundo tipo seria a oposição entre normal e anormal, muito presentes em piadas sexuais e étnicas; o terceiro tipo seria a oposição entre possível e impossível; porém em todos os três tipos existe algo de real contra irreal. (Raskin, 1985, p.111) Este poder de eleger o que é real e irreal de forma lúdica e sem compromisso para com a verdade já indica supostamente sobre o perigo desta espada de dois gumes do humor quando aplicado na política. Raskin se aprofunda no “gatilho” que destaca a incongruência no texto e talvez acione a piada, o riso do ouvinte ou uma suposta “transferência” de quadros de interpretação, crença e pensamento do quadro trágico para o quadro humorado.

Segundo Raskin o gatilho é aquele que desencadeia a mudança do script e esta mudança compõe a piada; ele chega a chamar de gatilho semântico, pois talvez mude a direção do pensamento de certa forma. Existem pequenas ramificações de gatilhos, porém no geral o efeito do gatilho, ao introduzir um segundo script é lançar uma sombra sobre o primeiro script e a parte do texto que o introduziu o script “atacado”; impondo assim uma interpretação diferente e mais óbvia; dizendo que o script atacado é irreal, anormal ou impossível. O papel do gatilho então é valorizar o script que o mesmo defende, tornando-o mais real, normal e possível. O humor mostra-se, segundo esta linha de raciocínio uma forma de desatar os nós sociais e resolver ambiguidades, sejam elas simples ou complexas. Destaca o autor que a diferença de tratar tais ambiguidades com boa fé (bona fide) ou não boa fé (não bona fide) é no processo de “desdar os nós”, pois quando tratamos de desambiguar questões de forma séria precisamos de apego para com a lógica e a realidade (Raskin, 1985, p.113).

1.10. ATTARDO – A LÓGICA MECÂNICA DO HUMOR

Um dos desafios que Raskin (1985) e outros estudiosos enfrentaram, foi o de classificar as piadas, comichadas e gracejos, que levam ao problema dos mecanismos do humor. Supostamente, achando a mecânica da piada teríamos progredido no sentido de classificá-la ou resolvê-la. A oposição dos scripts pode ser considerada o único mecanismo subjacente ao humor? Attardo, na sua *General Theory of Verbal Humor (GTVH)* (Attardo, Hempelmann, & Maio, 2002; Hempelmann & Attardo, 2011; Attardo, 2010), apresenta algumas formas, relativamente, simples para “resolver” uma piada de forma lógica. Segundo ele, é possível modelar as oposições de scripts que estão presentes na piada, distinguindo entre os diferentes mecanismos lógicos utilizados (Attardo, Hempelmann & Maio, 2002).

Segundo Attardo, existem seis tipos de “recursos de conhecimento”, expressão esta que ele costuma resumir na sigla KRS (do inglês). O primeiro tipo de recurso de conhecimento é a oposição de scripts, resumido pela sigla “SO”. O segundo tipo é o mecanismo lógico, resumido como “LM”. O terceiro tipo é situação, da sigla “SI”. O quarto tipo se refere ao alvo, com sigla “TA”. O quinto tipo chama-se estratégia da narrativa, da sigla “NS”. Por fim, o sexto tipo é, simplesmente, o idioma, da sigla “LA”. Estes seis recursos são elementos presentes nas piadas que, ao serem extraídos e refletidos conforme o contexto, tendem supostamente a nos revelar informações que auxiliam na tentativa de resolver ou solucionar uma piada de alguma forma (Attardo, Hempelmann & Maio, 2002, p.4-6).

Os dois elementos do humor mais importantes são os primeiros. A oposição de scripts (SO) corresponde para com a fase de incongruência do processamento do chiste nos modelos psicológicos de resolução de incongruência, enquanto o mecanismo lógico (LM) corresponde para com a fase de resolução. Defende o autor que nem todos os scripts em oposição e nem todos mecanismos lógicos podem ser descritos em termos de gráficos ou conjuntos.

Para Attardo, o humor é gerado ao nível do raciocínio, propriamente, lógico quando é utilizada uma premissa, evidentemente, inaceitável. Isso indica a existência de uma forma diferente de organizar o mundo. Vejamos o seguinte exemplo: um jogador de golfe fica parado antes de dar sua tacada pelo que pareceu uma eternidade, olhando para cima, olhando para baixo, medindo a distância, calculando a direção e a velocidade do vento. Enlouquecendo seu parceiro que diz: “Por que diabos está demorando tanto? Acerte a maldita bola!” O cara responde: “Minha esposa está lá em cima me observando da sede do clube. Eu quero fazer disso um tiro perfeito.” O impaciente amigo comenta: “Diabos, cara, você não tem a menor chance de acertar ela daqui!”. A premissa do companheiro do jogador de golfe é inaceitável para a ordem real das coisas, porém, lógica na cabeça perturbada dele (Attardo, Hempelmann & Maio, 2002, p.10). Todavia, os mecanismos do humor incluem elementos como construções sintáticas

e analogias que não podem ser consideradas propriamente lógicas (Attardo & Raskin, 1991).

Um exemplo de piada analógica é a seguinte: Você já ouviu falar do polonês que encomendou uma piscina com uma entrada deslizante, para que ele pudesse também lavar seu carro e economizar no custo das lavagens? (Attardo, Hempelmann & Maio, 2002, p.3-5).

O autor classifica a piada acima como sendo de absurdo analógico. Um exemplo de mecanismo “lógico” sintático é o seguinte (Attardo, Hempelmann & Maio, 2002, p.5):

“Qual é a diferença entre uma princesa mexicana americana e uma princesa judia americana? A princesa mexicano-americana tem fake joias e orgasmos reais.” (piada aleatória)

Attardo reduz os mecanismos lógicos em seu corpus em treze formas diferentes:

A - Mapeamento de potencia diferencial, elementos de um script são mapeados para os de outro com maior ou menor potencia agentiva.

B - Substituição de potencia semelhante. Elementos de um chiste são substituídos por elementos de outro script com potencia agentiva semelhante.

C - Consequências, apresenta situação que representa uma consequência de algum evento, deixando uma serie anterior de eventos a ser inferidos.

D - Consequência implícita, é representada uma situação que tem uma consequência que se deixa inferir.

E - Justaposição, dois scripts são apresentados simultaneamente na mesma situação.

F - Sequencia, uma ordenação temporal é imposta aos dois roteiros.

G - Script de Mediação, terceiro script é invocado para mediar outros 2 em oposição

H - Erro obvio, um participante da situação reconhece (ou não) algo excessivamente obvio ou mostrado de forma saliente.

I - Exagero, um elemento de script torna-se excepcionalmente saliente ao exagerar seu tamanho ou outras características.

J - Troca de papeis, participantes do script tem papeis trocados com respeito aos seus papeis normativos neste roteiro.

K - Papeis espelhados – dois scripts que invocam papeis justapostos para que se

espelhem.

L - Negação - um script é negado

M - Recursão de papéis - dois scripts invocam papéis semelhantes e um participante faz papel do outro; ouvinte x falador (Attardo, Hempelmann & Maio 2002, p.6).

A lista de mecanismo é simples e se aplica facilmente nas piadas de forma geral, por isto será utilizada nas análises diretamente; foi esta lista retirada da obra de Attardo numa tentativa de tradução de línguas o mais fiel possível, para que a teoria seja aplicada com fidelidade e exatidão na análise.

Conforme, o teórico explica, posteriormente, é comum que piadas incluam dentro de si vários destes mecanismos e eles podem ser reagrupados em grupos com características em comum. Attardo faz esses “experimentos” no texto, porém, será mantido este retrato para a obra devido a sua simplicidade e pragmatismo. As frases explicam muito bem os mecanismos e não se faz necessário grande explanação. Para ilustrar, Attardo fornece um exemplo do tipo “K”, retirado de um desenho animado: Um surfista corre com sua prancha apoiada na cabeça direto para a arrebentação das ondas. Ele olha para o lado e vê um enorme monstro marinho, também correndo para a arrebentação das ondas, com uma carroça apoiada na cabeça. Neste caso, dois scripts invocam papéis justapostos para que se espelhem (Attardo, Hempelmann & Maio 2002, p.7).

O uso linguístico cai também no âmbito dos mecanismos lógicos. Um destes é o uso da ambiguidade linguística, como o caso seguinte (Attardo, Hempelmann & Maio 2002, p.11):

A professora chama Johnny: "Johnny, você pode me dizer dois pronomes?" E Johnny: "Quem? Eu?". Segundo o autor, a piada contém coincidência, mas, esta é apenas um aspecto do mecanismo lógico. Nota-se que as intenções de Johnny eram duas, a de saber se a professora havia chamado ele mesmo e certamente ganhar tempo para pensar.

O texto de Attardo fornece-nos uma forma fácil, divertida e assustadora de investigar qualquer piada, pois o resultado, ou a resolução que emana da piada, (o que seria o script vencedor) é quase sempre absurdo quando olhado em sua forma “crua”, direta e sem polidez. Frases como “gordos são animais” ou “anões são crianças” podem surgir. Todo este sistema de resolução de scripts e classificação de mecanismos lógicos explicados serão usados para a análise final das piadas do objeto escolhido para a dissertação da forma mais semelhante possível para com Attardo e seus métodos.

1.11. TEORIA DOS FRAMES OU QUADROS COMIGOS E TRÁGICOS:

Aparentemente os pensadores Smith e Voth defendem que existem quadros, ou frames, que são talvez também as crenças do indivíduo, junto com seus valores pessoais e pontos de vista sobre si mesmo sobre o mundo exterior; poderiam ser chamados também de estados de espírito, pois não são estáticos e cada indivíduo não tem apenas um quadro, talvez possam ser considerados também como pontos de vista, podem variar; o ouvinte pode ouvir um discurso seriamente e só no final percebe que é uma piada, o gatilho (de Raskin) da piada faz com que o ouvinte pule virtualmente do seu próprio quadro trágico (sério) para o quadro cômico, bem humorado e aparentemente é este “salto” que os políticos propõem quando usam seus gatilhos, convidar os indivíduos para adentrar seu mundo, onde o político é um homem comum e define a nova realidade política.

Segundo a teoria, estes quadros teorizados parecem influenciar diretamente nas escolhas de ações dos indivíduos. Dizem os autores em outras palavras que as estruturas simbólicas que os humanos usam para impor ordem às suas vidas são chamadas de “frame”, que são construções que usamos para ver, agrupar e interpretar experiências na realidade e que estes frames ou quadros determinam as ações escolhidas pelos indivíduos. Kenneth Burke (1959) argumenta em outras palavras que humanos caracterizam suas ações e escolhas através dos principais quadros poéticos épicos, trágicos, cômicos, satíricos, burlescos e grotescos; ao que parece estes quadros determinam a aceitação e rejeição para com algo (Smith & Voth, 2002, p.114-5). As palavras parecem apontar que os indivíduos vivem imitando a arte e interpretando a vida real como se fosse arte, assumindo gêneros inclusive.

Burke (Burke, 1959) defende de outra forma que o quadro da comédia é um quadro de aceitação, que destaca relacionamentos como amigáveis e são capazes de diálogo e compreensão mútuos; já quadros de rejeição são o burlesco e trágico, que definem a situação humana como hostil e incompreensível. Smith segue o raciocínio dizendo que são estes quadros que supostamente determinam a autoridade e após ter determinado a figura autoritária, o indivíduo vai reagir ao que ameace tal figura de autoridade. Defende o autor que estes quadros são meios de lidar com as iniquidades da vida por meio de uma perspectiva dramática; o que nos abre margem para pensar que Smith e Voth acreditavam que a vida imita a arte, talvez. Tal raciocínio nos ajuda a entender como é que no filme “O Ditador” de 2012 nós (da plateia) nos pegamos torcendo em alguns momentos pelo idiota do protagonista cruel, totalitário e machista.

1.12 - MEYER E AS TRÊS GRANDES TEORIAS DO HUMOR

John C. Meyer em sua obra intitulada como “Humor as a Double-Edged Sword: Four Functions of Humor in Communication” (M. Meyer, 2000) nos trás uma separação clara que busca envolver e classificar todas as piadas em apenas três grupos, que correspondem para com as três grandes teorias do humor segundo sua obra. Pelo poder de abrangência dos escritos esta seção foi colocada estrategicamente no fim da revisão de literatura. Tal texto estudado nos enriquece tanto na parte de revisão literária quanto para a metodologia, pois baseados numa síntese sucinta feita pelo autor poderemos classificar as piadas emitidas pelo objeto e assim classifica-las de acordo com estes grupos, o que provavelmente nos dará alicerces teóricos para que possamos concluir as piadas e tirar alguma conclusão final no fim da dissertação. Diz-se que o humor surge de três maneiras básicas no pensamento humano: por meio de percepções de alívio, incongruência e superioridade (Berger, 1993; Raskin, 1985).

A primeira estratégia para desenvolver o humor no contexto político é o humor como alívio, que se debruça na liberação fisiológica da tensão através do humor. O pensamento defende que as pessoas riem por que o seu estresse foi reduzido de certa forma (Meyer, 2000, p.312). Tal alívio este seria experimentado quando as tensões são removidas de um indivíduo; seria o humor então o resultado de uma liberação de energia nervosa (Meyer, 2000, p.311).

Nota-se na obra o humor supostamente brinca com a excitação do ouvinte e tem o poder de reduzir tal excitação (teoria de “jag”) ou também pode aumentar tal excitação (teoria de “boost”) dependendo da perspectiva (Berlyne, 1972). Certos humoristas chegam a criar tensões propositalmente durante a falação de suas piadas para depois aliviar o ouvinte, o que facilitaria a interação entre as partes (O’Donnell-Trujillo & Adams, 1983). Este humor parece ser muito bem aceito pois as pessoas desejam e acham agradável reduzir o que o texto chama de dissonância (Festinger, 1957). Pensando em política, uma greve de caminhoneiros que diminui consideravelmente o abastecimento das cidades grandes pode ser considerada talvez uma dissonância política social; ou seja, seguindo o raciocínio de Festinger a tendência primária da população destas cidades talvez seja a de combater a greve e concordar com alguma opinião que tente eliminar tal dissonância social; uma piada que reduza a importância ou a ideologia que engloba a greve talvez “caia como uma luva” para a população já chateada pela dissonância gerada pelos caminhoneiros, por exemplo.

A segunda estratégia é a da incongruência, que resumidamente refende que o riso surge quando destacamos alguma violação de um padrão racionalmente aprendido. Seguindo esta linha de raciocínio podemos dizer que a teoria defende que rimos do que surpreende, do inesperado ou do estranho quando este não é ameaçador (Berger, 1976; McGhee, 1979). (Em outras palavras, quando um padrão é violado, quando uma diferença é notada e seja próxima o

suficiente da norma para não ser ameaçadora surge o riso (Meyer, 2000, p.312). Tal teoria não se concentra nos efeitos fisiológicos e emotivos do humor pois para entender e achar graça das incongruências necessita-se de cognição para notar, compreender e categorizar as mudanças incongruentes da piada ou da situação que se torna risível; podem ser incongruentes e risíveis eventos, objetos inesperados, defeitos físicos ou morais, objetos estranhos, desproporcionais ou (resumindo) qualquer desvio visível de um padrão implícito (Grimes, 1955). O fator surpresa que por sua vez tem ligação direta com a política, também é um fator importante para o tipo de humor de incongruência, seria a surpresa um ingrediente chave (Shurcliff, 1968). Meyer usa o exemplo de um humorista que grita “desculpe” diante de uma crítica exposta, o que surpreende a plateia, que ri pois não é comum pedir desculpas gritando; um político admitir que gastava dinheiro público para transar também talvez surta o mesmo efeito (Meyer, 2000, p.312; Veatch, 1998).

Exemplos deste tipo de humor usados na política são oferecidos na obra, que conta que Bush chamava seu opositor Gore de “Senhor Ozônio”, pois este tinha muita rigidez com as questões ambientais, o que parecia incongruente para Bush; Reagan criticava incongruências no combate ao crime por conta do estado dizendo que o governo conseguia trazer astronautas do espaço em segurança, mas pecava ao não oferecer segurança aos cidadãos que queriam passear anoite. Segundo Meyer os políticos usam deste tipo de piada para retratar (negativamente) as ações dos oponentes (Meyer, 2000, p.313).

A terceira estratégia/teoria resumida por Meyer é o humor de superioridade, que diz que o riso é resultado de uma sensação de vitória ou triunfo de umas pessoas sobre outras (Grotjahn 1957; Gruner 1997; Rapp 1951; Ziv 1984) . Nesta categoria se inclui também quando se ri de algum ignorante ou de uma criança (ou adulto) fazendo alguma ação infantil. Diz o texto que isto gera estado de alegria dentro dos indivíduos e esta alegria pode resultar em riso externo; por outro lado o riso hostil também pode ser incluído neste tipo de piada, o que torna a coisa mais dual (Singer 1968; Bergson 1911). O texto de Meyer sinaliza aparentemente que quando rimos de superioridade, os sentimentos desagradáveis que ameaçam nossa identidade são ridicularizados e amenizados. Lembra o pensador que este tipo de humor muitas vezes não é agradável para quem é a “vitima” da piada, que é reduzida, diminuída ou rebaixada quase sempre (Meyer, 2000, p.313).

Nota-se na declaração uma função social muito específica para o humor e para o palhaço. Neste processo de triunfar sobre alguém que é inferiorizado, errado ou derrotado pode reforçar a unidade de um grupo ou de um indivíduo dentro de um grupo, pois o sentimento de superioridade pode coexistir com o sentimento de pertencimento simultaneamente (Duncan,

1982).

Por fim o autor diz que muitas piadas transitam entre estes estilos combinando-os dentro de si, porém o texto sinaliza que as três teorias podem explicar idealmente qualquer instancia do humor (Meyer, 2000, p.314). Baseado nesta distinção clara feita por Meyer e seus estudos tentaremos classificar também deste modo as piadas analisadas emitidas por Bolsonaro no capítulo 3.

CAPITULO II: O USO DO HUMOR NO DISCURSO POLÍTICO

2.1. INTRODUÇÃO SOBRE HUMOR POLÍTICO

Humor is one of the most pervasive elements in public culture, since it infiltrates every area of social life and interaction and is not confined to specific genres and contexts” (Tsakona, 2015)

Como anteriormente refletimos acerca do humor em suas variadas manifestações, trazendo elaborações aprofundadas, partiremos, inicialmente, nesta seção, da reflexão acerca do vocábulo "política"; que foi cunhado pelos gregos e se imiscui com palavra “*polis*”, “cidade”, do grego. A palavra “*tojkos*” significa “bem comum”; partindo dessas reflexões é possível afirmar que política é a arte de praticar o bem comum, isto é, buscar o melhor para toda a coletividade (Coulanges, 2004). A questão é, como aponta a Sociologia, por exemplo, não há regras universais, cada fenômeno da vida social tem suas regularidades e particularidades. O conflito existe e já foi amplamente apresentado em teses marxistas (Marx, 2005), o autor aponta que o motor da história é a luta de classes, logo, no cotidiano dos indivíduos o conflito fará parte das sociabilidades e formatações da vida em sociedade. Nesse sentido, Freud assevera que

Os impulsos hostis contra nosso próximo estão submetidos desde a nossa infância individual, como desde a infância da civilização humana, às mesmas limitações e à mesma repressão crescente de nossos anseios sexuais. Ainda não chegamos ao ponto de conseguir amar nossos inimigos ou oferecer-lhes a face esquerda após ter a direita golpeada; aliás, todos os preceitos morais que restringem a ação do ódio trazem em si, ainda hoje, os mais claros sinais de que originalmente deviam valer para uma pequena sociedade de membros da mesma tribo. (Freud, 1905)

Nesse trecho, da obra de Freud, notamos que desde os tempos primórdios o homem tem se agrupado, mesmo no contexto da natureza; na busca por sobrevivência, num ambiente hostil, resta traçar estratégias de sobrevivência. Nas figurações das sociedades capitalistas, a sobrevivência é setORIZADA, pois, tudo foi compartimentado através da divisão do trabalho social (Durkheim, 2007).

O célebre escritor inglês Jhon Done em *Meditações VII*, evocou o seguinte: "Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de um todo O cantor Caetano Veloso inseriu nos versos da canção, *Elegia*, essa mesma oração. Na esteira teórica das Ciências Humanas, o grande desafio é dar conta do binômio, indivíduo e sociedade, sobretudo, como os sujeitos agem, pensam e se sentem mediados por racionalidades que são

gestadas em estruturas como o Estado ou mesmo outras da vida social (Weber, 2009).

Ainda mobilizando o sociólogo Weber, não podemos analisar a vida em sociedade sem pensar relações de poder que se operacionalizam através da vida em sociedade pelo status social, e, não necessariamente se reduz reducionismo econômico; há os interesses e especialmente, o sentido das ações visadas em buscas por honrarias, distinção e prestígios. Estes elementos de distinção podem ser alcançados na esfera política, pelo perfil de vida, e por todo o cabedal cultural (Weber, 2009).

Uma faceta da vida humana é a tendência que os indivíduos têm de viverem em coletividade; seja pelas táticas de sobrevivência desde os caçadores coletores ou pelo desejo de pertencer a um grupo; é a chamada categoria de pertença, que inúmeros intelectuais já se debruçaram a teorizar. Sob uma perspectiva mais ampla, esta investigação se articula ainda com a ideia de que o processo de constituição ocorre de forma relacional, sendo assim, há a necessidade de outras identidades para anunciar suas existências. As identidades são, portanto, marcadas pela diferença, distinguindo-se por aquilo que não são. Assim, as identidades são entendidas como construções simbólicas e sociais que se efetivam meio a oposição e contraste (Woodward, 2000), seja pela identificação identitária, pelas bandeiras ideológicas, pelas crenças em teorias conspiratórias, valores e afinidade eletivas, um conceito caro na compreensão da anuência dos indivíduos aos grupos, sendo este, “afinidades eletivas” (Wahlverwandtschaften). Tal conceito oriundo da Sociologia da Religião, encontra-se, em “A Ética protestante e o espírito do capitalismo” (Weber, 2004).

Este conceito, descrito acima, foi forjado num itinerário que começa na Alquimia e deságua nas Ciências Humanas, pois “é na alquimia medieval que se começa a utilizar o termo afinidade para explicar a atração e a fusão dos corpos (Löwy, 2011, p. 130)”. Portanto, quando as substâncias, “se procuram, unem-se e se encontram” (Löwy, 2011, p.131) ali está sendo exercida a força da afinidade. Conforme descreve Weber:

Face ao extraordinário emaranhado de influências recíprocas entre os substratos materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo intelectual das épocas culturais da Reforma, a única maneira de proceder é examinar de perto se, e em quais pontos, podemos reconhecer as “afinidades eletivas” (Wahlverwandtschaften) entre certas formas de fé religiosa e certas formas de ética profissional. Por esse meio, e de uma vez só, serão precisados, na medida do possível, o modo e a direção-geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material (Weber, 2004, p.91).

O autor aponta essa convergência entre elementos distintos, mas que acabam por formar

uma amálgama, num processo de aglutinação; nesse processo, ocorre a afluência, facilitando a inserção dos agentes aos agrupamentos sociais (Weber, 2004). A aceitação numa comunidade tem suas regras e formatações próprias, o que requer o controle das pulsões dos indivíduos (Elias, 2006) para que uma certa harmonia seja parte da atmosfera de uma espacialidade. Para ilustrar, um grupo de jovens punks, por exemplo, tem enunciados em suas indumentárias seu pertencimento a um público específico. Ou o caso do que aconteceu no Brasil, quando pessoas de extrema direita passaram a usar a camisa oficial da seleção brasileira como símbolo de uma suposta identidade com forte apelo ao nacionalismo patriotismo e para demarcar seu total apoio ao representante do cargo mais elevado no executivo brasileiro, Jair Messias Bolsonaro. Conforme aponta Teles (2021), por conseguinte é possível visualizar protesto de adeptos do bolsonaristas, dentre as reivindicações pediam, inclusive, o retorno da Ditadura Militar que desestabilizou o país durante pouco mais de duas décadas (1964-1985) (Neto, 2020).

Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas¹

¹ As imagens que foram expostas ao longo desta dissertação não são tomadas aqui como apropriação epistêmica, no sentido proposto pela chamada antropologia visual. Utilizo-as apenas como ilustração de elementos relativos ao campo e ao universo simbólico pesquisado, reproduzindo-as a partir do acervo da mídia; ou seja, não produzir imagens. Todavia, embora eu não tenha me proposto aqui a adentrar nessa esfera temática, importa considerar que, nesse campo de estudo – áreas de estudos da –, a imagem é compreendida não somente como registro, dado ou documento (SOARES, 2001). É, sobretudo, linguagem, objeto e sujeito de significação, de interpretação (MARTINS, 2017; SAMAIN, 2003). Nessa perspectiva, o uso da imagem em pesquisas qualitativas que permite mobilizar uma fecunda relação entre arte e ciência, possibilitando visibilizar fenômenos, sujeitos e grupos sociais, além de mediar pela via da linguagem artística a aproximação entre os universos de conhecimento do sujeito pesquisador e dos sujeitos pesquisados (NOVAES, 2015; TACCA, 2015).



Fonte: Nacho Doce (Reuters)

Em muitos casos existe o estado, que muitas vezes para conter a violência humana em nome da paz e da ordem acaba por punir com violência (física ou moral) os indivíduos que agem com violência (literal ou moral). No caso de tribos o estado pode ser um conselho de anciãos e tradições como ritos de passagem, mas sempre existe uma ordem vigente no batizado que chamamos em nossa tradição acadêmica de “pacto social”. Este “cabresto” em que o ser humano é enclausurado moralmente e fisicamente pelas leis (constitucionais, morais ou éticas) acaba por reprimir e castrar as pessoas em vários sentidos e isto gera o que Freud chama de recalques, que são traumas, castrações e frustrações que incomodam os indivíduos por serem “desejos insaciados” e estarem reprimidas e guardadas no inconsciente, ou seja, sem que o indivíduo tenha consciência. No Brasil dizem que quando alguém lhe faz uma coisa ruim e não podemos revidar por algum motivo, estamos “engolindo um sapo”; e este gracejo (ou expressão) é interessante, pois uma das principais características do sapo é pular, e se topássemos entrar no jogo da fantasia proposta pelo gracejo, ao “engolirmos um sapo” ele certamente irá nos incomodar por dentro pulando no estômago; o que causará incomodo interno e todos estes “sapos que engolimos” metaforicamente para sermos “aceitos na tribo” devem saltar pra fora de nossos estômagos e nos deixar em paz. Como? Se devemos ser políticos?

O pior é que pada Freud os “sapos” que nos atormentam não vêm só da sociedade. “Atomizando” a reflexão sobre estes limitadores (ou reguladores) poderemos chegar até o

limitador “político” interno que os indivíduos tem dentro de si, que Freud chama de superego; o juiz que vive dentro do ser humano para pressioná-lo a seguir todas estas regras que são impostas de diferentes direções sobre o ser humano. Segundo o pensador somos três em um: Ego (parte consciente), ID (parte inconsciente) e super ego, a rédea que segura nossa animalidade chamada ID; ou seja, estes três “eus” se relacionam, logo, existe (para Freud) relação intrapessoal além da extra pessoal; e esta pode ser muito hostil também. Se somos três, quem será que mata os suicidas? Em alguns ou muitos casos, o culpado talvez seja o super ego.

É no meio desta escuridão hostil que o psicólogo (admirador de Freud) Leandro dos Santos nos dá uma luz quando diz que o “humor é uma coisa que quebra o super ego... porque ele flexibiliza... o super ego (nos) fala: Você não pode! Você é um bosta!... aí você responde: Tá bom, super ego. Eu sou um bosta” e depois ri para o entrevistador; o trecho está exibido no canal de podcast do Youtube “À Deriva” com o título “Psicanalista explica o que é o humor”. Segundo boa parte da literatura talvez o mesmo processo de flexibilização ocorre nas relações extra pessoais também de diversas formas diferentes; podemos agora ampliar ou “desatomizar” a discussão e aplicar a mesma flexibilização para as relações extra pessoais.

Talvez para suportarmos todas estas pressões e repressões (internas e externas) a natureza, a criação, o caos ou a sociedade parecem ter “criado” o humor, que parece atuar como um lubrificante, flexibilizante ou amenizante para estas relações políticas muitas vezes conflituosas, uma vez que temos naturalmente impulsos hostis. O resultante é o seguinte: Para atacar outro indivíduo (o que é supostamente natural) alguém pode fazer uma piada disfarçando o ataque com gracejos espirituosos e dependendo da qualidade da piada e da disposição do público para com o locutor, o ataque pode dá-lo grandes retornos, como uma mais fácil aceitação no grupo e além (é claro) do sucesso na depredação da vítima. A piada seria neste exemplo um ataque contra o adversário e uma autoglorificação num só movimento.

A ambivalência cômica consiste, paradoxalmente, na capacidade de construir e desconstruir a um só tempo, rebaixar e soerguer, em apontar para o início que sucede ao fim, o nascimento que decorre da morte, em negar e afirmar por meio de um riso em que os opostos não se excluem; ao revés, se complementam. A ambivalência é, pois, a multiplicidade e a negação do dogmatismo, da verdade absoluta e do estático (Santos & Alves, 2012, p.10).

Este lubrificante político e social que se chama humor frequentemente é usado por políticos profissionais para exercerem seus debates, propagandas, ataques e defesas constantes; afinal, política talvez seja a guerra sem violência, como muitos defendem. A guerra por sua vez pode ser considerado o natural, pois cada repressão dessa (interna e externa) que o indivíduo

sofre da sociedade pode ser considerada supostamente uma ofensiva ou quem sabe até uma violência contra sua natureza hostil; segundo os escritos de Freud.

Tal raciocínio nos leva a crer que a talvez o humor seja uma das formas de conseguirmos viver em sociedade diluindo nossa hostilidade, pois temos impulsos hostis contra nós mesmos e contra o próximo e para acabar com tal hostilidade criamos um poder (estado), que é mais hostil que qualquer indivíduo e toda esta hostilidade pode ser suportada (e contra-atacada) pelo humor (além de outras terapias).

For the individual who suffers from the repressions resulting from these impositions, the suppression humor is the best therapy, the best way to get it out of his system (Raskin, 1985, p.23).

Analisando o conteúdo desta seção poderíamos dizer que tanto a política como o humor são também formas de amenizar a hostilidade entre os humanos e logo, podem caminhar de mãos dadas; porém, após reflexões e mergulhos no passado, não podemos deixar de notar que a presença do humor na política tem aumentado nas últimas décadas.

Na Ucrânia o presidente atual Zelenski é um exemplo, pois é um comediante profissional que virou presidente, por exemplo. Em cargos menores como deputados, a presença de palhaços de carreira é mais comum, um exemplo no Brasil é o ex-deputado Tiririca, que usava como slogan que é um chiste por si: Pior que esta não fica, vote Tiririca. A piadinha ainda rima e o palhaço foi um dos mais votados da história do país. É notório que o humor virou (ou sempre foi) uma ferramenta política, mas que na verdade não se trata de apenas uma ferramenta, temos metaforicamente uma oficina inteira e tentaremos mostrar os principais utensílios funcionam.

Algumas ferramentas fundamentais para a análise são elucidadas por três autores selecionados que mostram como tais personagens (políticos) criam uma (auto) imagem de homem comum para gerar empatia com o eleitorado, criam também uma “nova realidade política” conforme seus interesses, estabelece uma visão dual de interpretação da vida na teoria dos frames (quadrocômico contra o quadro trágico) e além disso serão apontados possíveis limites para este tipo de piadas dos presidentes americanos durante décadas e procuraremos analisar de forma de humor funcionar na política. Os autores que nos ajudarão nesta empreitada são Waisanen (2015), Smith & Voth (2002); eles tratam diretamente da análise semelhante as piadas analisadas no próximo capítulo deste texto, aplicaremos parcialmente também algumas das teorias dos pensadores anteriores sobre os exemplos de piadas trazidos por Waisanen, Smith e Voth e só a partir daí construiremos um procedimento para analisar da forma mais completa possível o uso do humor nas políticas de Bolsonaro. As atuais seções funcionarão como um

laboratório metodológico que direcionará as diretrizes das análises em si.

Aparentemente é defendido que o humor político é utilizado em três frentes básicas diferentes, primeiro para projetar uma imagem determinada do político para o público, seja ela uma imagem positiva (de si) ou negativa (dos opositores); é também uma forma de políticos comentarem ou interpretarem questões importantes (ou nem tanto) e por fim é importante lembrar que quando não políticos comentam assuntos políticos, criticam atos fazendo charges, por exemplo, também são formas de humor político, porém, não são o foco da nossa dissertação; decorreremos sobre adiante (Tsakona, 2015).

2.2. CRIAÇÃO DO “HOMEM COMUM” E DE NOVA REALIDADE POLÍTICA

Foi detectado na obra de Smith, Voth e Waisanen (principalmente) que os políticos através do humor tentam hora criar uma imagem de que ele é um homem comum na cabeça dos eleitores e também as vezes tentam construir uma imagem de intelectual e espirituoso, criando assim uma autoimagem conforme ele deseje. Fora isto, quando os políticos usam do humor de forma satisfatória, podem também supostamente criar uma nova realidade política que por mais que não sejam reais, se tornam (de alguma forma) reais na cabeça do ouvinte da piada, que pode acreditar por exemplo que o Covid 19 é apenas uma “gripezinha”, como disse Bolsonaro aparentemente para amenizar a crise da pandemia. Supostamente os autores sinalizam que o humor neste caso é usado para gerar certa identificação: "The comic frame requires the careful creation of identification among all the actors required to alter a social order" (Smith & Voth 2002, p.119)

Levando em consideração que a frase exposta acima foi mencionada em 2002 e a evolução da internet desde então, é possível que se faça uma analogia com o que os autores chamam de “quadro cômico” na frase com o mundo digital atual, pois hoje muitos políticos usam os “memes” em suas campanhas na internet e estes (memes) são em sua maioria imagens ou GIFs (quadros) bem humorados e as vezes esteticamente toscos ou grotescos. No início do século XXI grande parte da sociedade abandonou os meios tradicionais de noticiários e parecem ter utilizado o humor e suas perspectivas incongruentes para se informar sobre política e eleições, por exemplo. Os eleitores passaram a procurar a substância ideal dos políticos não nos debates sérios e sim nas paródias humorísticas de debates sérios, logo, estas paródias humorísticas se tornaram ferramentas políticas ainda mais úteis para organizar assuntos complexos. Nesta aparente inversão de valores, a linha entre o real e o irreal foi desfocada e permitiu-se que a fantasia do entretenimento derrubasse e determinasse a realidade política

(Smith & Voth, 2002, p.124).

Os políticos do início do atual século (que não são bobos) também supostamente notaram que o público parecia buscar informações políticas no humor e foram se adaptando ao humor em seus textos e atitudes para que fossem potencializados pelo riso e cativassem mais votos; Clinton foi um ótimo exemplo disso. É constatado na obra que quando um político assume uma personalidade irônica ou brincalhona, ele acaba por adotar uma circunferência mais ampla, possivelmente abrangendo mais seu campo de influência (Steudeman, 2013, p.59-66).

Além de ampliar sua circunferência de influência, alguns pensadores afirmam que o humor tem o poder de criar uma nova “realidade política” ou narrativa induzida pelos políticos, que usam isso como ferramenta estratégica para criar a realidade que bem entenderem como já foi dito (Smith & Voth, 2002, p.124). Aproveitando o gancho fantástico da declaração sobre criação de realidades novas, poderíamos dizer que se os políticos fossem os heróis dos filmes Marvel, ao portarem a espada ou o martelo do riso, ganhariam super poderes extras contra seus adversários.

Esta analogia, embora boba, pobre e sem graça relaciona-se com as palavras de Waisanen, que apontam que os presidentes americanos se aproximam cada vez mais de artistas (como os atores da Marvel) com capacidades de serem formais, informais e supostamente ao que o pensador indica, quanto mais dimensões ele tiver para mostrar sua adaptabilidade é melhor (Waisanen, 2015, p.341). Além de artistas costumeiramente frequentar tais jantares presidenciais descontraídos, os autores notaram que os presidentes também passaram a usar mais gírias no vocabulário e performando cada vez mais usando do seu lado cômico, principalmente nos jantares estudados.

Tais jantares indicam que não necessariamente os políticos precisam mentir e criar realidades distorcidas da realidade, através do riso e da omissão do riso Roosevelt parece ter “criado” realidades bem realistas e factuais; seria talvez mais uma transmissão de realidade do que uma criação em si. O episódio ocorreu durante o início da segunda guerra em 1941 (quando os aliados enfrentavam dias difíceis) o presidente americano quando foi discursar no jantar (tradicionalmente descontraído e humorado), resolveu não fazer piada, foi extremamente sério e segundo a literatura chegou a ser solene. Ele poderia tentar criar um ambiente otimista e usa

de piadas para tentar amenizar as coisas, porém resolveu “criar” uma realidade de luta ao nazismo. Já em 1944, quando as coisas estavam melhores para os aliados e piores para os nazistas, o mesmo Roosevelt no jantar humorado soltou a gargalhada e até cantou com seus compatriotas. Desta forma, mesmo sem fazer piadas diretamente, Roosevelt “criou” na cabeça da população a ideia (real) de que as coisas estavam melhores para os EUA. Poderíamos dizer também sobre isto, que a nova realidade política de 1944 criada por Roosevelt com sua atitude risonha, era a de que podia-se sorrir novamente na América, pois a vitória era eminente. (Waisanen, 2015, p.340-1)

Segundo Waisanen aparentemente os políticos com o tempo sofisticaram este uso do humor e combateram realidades (factuais) não tão favoráveis como crises econômicas criando ao que parece ao mesmo tempo uma imagem de homem responsável e uma nova realidade política em que a tal crise em pauta seria combatida com força. Nota-se que quando chamamos tal técnica de modelagem de auto imagem de “criação do homem comum” estamos generalizando, pois ao que indica a literatura eles podem criar diversas autoimagens com humor. Waisanen conta que John F. Kennedy chegou a brincar sobre o preço dos convites para o jantar no meio de uma crise econômica nos anos 60; segundo o estudioso o presidente no caso não atacou particularmente a crise, porém a brincadeira com o “preço dos ingressos para o jantar” de alguma forma se estendia até o problema em contexto. Segundo o pesquisador, Kennedy sofisticou estas técnicas que pareciam gerenciar notícias, contextos e crises e este processo era usado regularmente pelo presidente em sua gestão (Waisanen, 2015, p.342).

Neste caso de Kennedy ele criou a autoimagem de político responsável e preocupado com assuntos econômicos (pequenos e grandes) e ao mesmo tempo criava uma realidade de que a crise seria combatida com força, como já dissemos anteriormente.

Em outro caso poderíamos dizer que o político tentou criar uma imagem de homem comum, porém de forma invertida. O presidente Johnson era taxado como mundano e bronco e através do humor parece ter tentado criar a auto imagem de homem (não assim tão) comum; invertendo e também ilustrando (de alguma forma) a ideia da capacidade de criação de auto imagem por parte dos políticos utilizando o humor. O exemplo citado ocorreu em 1968 e nele, Johnson assume também um possível papel lúdico em discurso em que “decreta” de forma irônica um certo distanciamento seu para com a imprensa justificando o rompimento ou “despedida lúdica”, por uma questão não propriamente de substancia, mas que ele achava o estilo dos da imprensa muito mundano. Waisanen diz que mesmo quando alguma destas piadas não tem muita graça, ela faz uma contrapartida ou defesa para com o ataque sofrido, estabelecendo assim uma suposta aproximação para com o seu público e tenta diminuir a

imagem de bruto dando espaço para uma imagem de sagacidade e superioridade moral talvez. (Waisanen, 2015, p.342). A mensagem emitida talvez poderia ser resumida ou resolvida como: Eleitores, eu não sou o que dizem, eles que dizem é que o são e isto é tão verdade que eu até brinco com isso.

Atitudes como está de Johnson parecem moldar o personagem político criado conforme os interesses do governo perante ao povo. Segundo Waisanen o presidente quando usa do humor parece menos controlador e ditador e os presidentes buscam encontrar pontos em comum com os públicos (Waisanen, 2015, p.345). O caso de Johnson parece uma exceção, pois aparentemente é mais comum os presidentes tentar se simplificar do que tentarem mostrar-se mais eruditos do que aparentam. Num exemplo comum de auto deprecição citado Jim Carter em 1978 disse que a Casa Branca estava planejando premiar o jornalista que melhor explicasse a política energética de seu governo de forma clara e concisa para a população; pois ele e sua equipe estavam com dificuldades, o que parece humilde. Esta prática de se mostrar humilde e simples perdura até hoje (Waisanen, 2015).

Neste caso Johnson parece ter usado o peculiar mecanismo lógico da recursão de papéis, que é quando os dois scripts invocam papéis semelhantes e um participante faz papel do outro; pois seria o presidente quem teria que ajudar o povo, que por sua parte deveria clamar por ajuda; no caso os papéis se invertem. Johnson ataca também sua própria rigidez e incapacidade de ser claro, seguindo a visão de Bergson. A construção aqui talvez seja a de um “homem comum”. Carter também poderia supostamente estar criando uma nova realidade política onde o presidente pede ajuda ao jornalista, logo, uma realidade libertária e não ditatorial, como os inimigos soviéticos dos EUA eram. Neste caso podemos notar talvez um poder tentacular do humor, pois uma piada quando funciona pode exercer diversas influências de diversas formas em diversos alvos (vítimas) ou público (alvo).

O avanço das tecnologias parece ter prestado auxílio para os presidentes quando estes queriam tentar ser “engraçadinhos”. Bush, por exemplo gostava de mostrar slides e fazer as piadas com a ajuda deles sobre eles; numa situação Bush mostrou seu boletim dos tempos de crianças, todas notas “A” e em seguida aconselha para a plateia que estes não atinjam seus picos cedo demais, brincava ele com sua fama de “burro”. Aparentemente o resultado é dubio, pois mesmo tempo em que Bush de auto depreciava com seu discurso, ele mostrava (com a imagem) que era uma criança que tirou A, ou seja, alguma coisa de inteligente pode existir dentro de sua cabeça ainda.

Segundo Waisanen (2015) pode ser também que o público pense que ao reconhecer deficiência, Bush pode ser mais inteligente do que dizem. É curioso que Bush, segundo Hugo

Chaves caminhava como o cowboy durão do cinema John Wayne e este era (ou se fazia) realmente de um homem rustico do Texas, como o estereótipo dos filmes de Faroste. Bush também brincava sobre sua dificuldade em pronunciar palavras e dizia sua mulher o ajudava com algumas palavras. Chega a ser “singelo” imaginar Bush, um senhor de óculos e pijamas pedindo ajuda para a esposa enquanto ensaia um discurso escrito num papel antes de dormir.

Em todos estes exemplos de auto depreciação poderiam ser classificados como piadas de incongruência, segundo o pensamento de Meyer; pois espera-se inteligência de um presidente e não limitações “primárias” como em alguns casos temos acima. Alguma relação com a piada de superioridade talvez também poderia ser encontrada, uma vez que o público pode sentir certa pena de Bush com suas dificuldades e então poderíamos ter o mesmo riso que temos ao ver uma criança com dificuldades para abrir uma embalagem simples. Resumindo, o presidente em tese cria seu personagem de homem comum com a ajuda do humor e cria uma nova realidade singela como dissemos ao refletir sobre a cena mental construída pelo falador da piada (Bush) e reconstruída mentalmente pelo ouvinte.

Além disso, é importante pensarmos que com o riso, o problema da limitação intelectual parece ser diluído, pois o presidente supostamente transportou o ouvinte do gracejo do seu quadro mental trágico para o quadro cômico, onde seria aceitável um político limitado intelectualmente. As páginas estudadas e a trajetória de Bush parecem apontar por uma espécie de predileção do público (americano) para com candidatos simplórios e cômicos em relação aos formais e sérios políticos tradicionais desde então; é sobre esta predileção ou escolha que a frase recortada a seguir reflete e também toda a próxima seção.

Bush used his foibles and miscues to help illustrate his team's claim that he was a common man who could relate with the average citizen and not a Washington bureaucrat like Gore and the previous Clinton administration. Consequently, Bush's intelligence seemed adequate to the constituency, whereas Gore's intelligence became suspect as he seemed more of a risk to deceive, which his erratic stylistic responses to the "SNL" skits would seem to suggest. Second, it is also possible that Bush's (Smith & Voth, 2002, p.127).

2.3. AS VANTAGENS DO QUADRO HUMORISTICO SOBRE O TRÁGICO

Em sua obra, Smith e Voth usam Kerr (1967) para defender que de forma generalizada e simplificada, que só dois gêneros de obras existiram sempre na história, a tragédia e a comédia; dualizando assim o pensamento para se aprofundar na teoria dos quadros aonde os

autores passam a comparar o quadro trágico com o quadro humorístico destacando as vantagens do humor sobre o trágico (Smith & Voth, 2002, p.111). Os autores defendem que na sociedade ocidental existe um impulso que leva o pensamento majoritário para perto do quadro trágico (Smith e Voth, 2002, p.111).

Sob este ponto de vista trágico, quando alguém viola algum princípio social, deve-se inevitavelmente levar tal pessoal para punição, pois esta é reconhecida como culpada e condenada; em outras palavras Smith & Voth dizem que o quadro trágico opera força dialética onde a autoridade destaca e persegue os que erram como pecadores e o destino destes transgressores não pode ser evitado. A hierarquia e autoridade que sustentam esta “ordem” são sustentadas pelo que o autor chama de vitimização, que por sua vez visa preservar a ordem social. Enquanto o quadro trágico busca “matar” ou eliminar o desajustado da história perante a sociedade, o quadro humorístico por sua vez pretende apenas consertar a vida do tolo (Smith & Voth, 2002, p.112-3).

Outra “injustiça” promovida pelo quadro trágico e exposta pelos autores é que apenas um ponto de vista é visto na narrativa trágica; segundo eles, outros pontos de vista são incapazes de observação, gerando assim um retrato distorcido e tendencioso da realidade. Esta perspectiva falha leva a pontos de vista trágicos e julgamentos distorcidos (Smith & Voth, 2002, p.111). Segundo Burke na mesma página, o quadro trágico não seria o ideal para lidar com a experiência humana e defende ele que o cômico é um quadro bem mais refinado e completo para a compreensão do desequilíbrio social. Argumenta o pensador Burke em outras palavras ainda que ao permitir que o ator cômico reconheça suas deficiências, a ação cômica cria uma “racionalidade”. O quadro trágico seria na visão de Burke supostamente mais humilde, pois reconhece que humanos são falíveis e este quadro cômico não concebe o mal com culpa.

Neste processo de correção do indivíduo fomentado pelo quadro cômico, as ações negativas são convertidas em experiências positivas (Smith & Voth, 2002, p.111-3). Resume a literatura que ambos os enquadramentos tratam de assuntos sérios, mas a forma como o conteúdo é tratado, interpretado e resolvido distingue os quadros cômicos dos trágicos; o quadro trágico reforça o status quo e sua ordem, o quadro cômico tenta usar o poder da razão. Duncan (H. D. Duncan 1962) diz em outras palavras que a comunidade é mantida aberta e livre através do riso porque o riso esclarece onde a tragédia mistifica. Sobre a vitimização proposta pelo quadro trágico, o cômico não trata o “personagem” como vítima, identifica-o como palhaço cômico (Smith & Voth, 2002, p.111-3).

É importante que se faça um contrabalanço desta verdadeira apologia ao cômico em relação ao trágico; o professor Paulo Filipe Monteiro parece sinalizar na obra “Drama e

Comunicação” (em alguns trechos) que em alguns (ou muitos) aspectos a comédia pode ser mais conservadora, enquanto a tragédia (o drama) seria mais “progressista”, racional e menos moralistas (Monteiro, 2010, p.333–68). Refletindo já sobre o objeto de estudo, se entendermos o Bolsonarismo como uma imersão da população e da política brasileira num suposto quadro trágico metafórico, poderíamos explicar o por que de tantos absurdos estarem sendo aparentemente aceitos nestes 3 anos e pouco de governo.

2.4 - POSSÍVEIS LIMITES DO HUMOR NA POLÍTICA

Quando falamos de limites do humor a primeira coisa que precisamos levar em consideração é que a piada tem primeiro que ser negociado como uma piada; isto se aplica no humor político e cotidiano também. Seu significado deve ser aceito como cômico, seja em intenção ou em consequência, e então avaliado como cômico. do contador e dos destinatários da piada. Tentaremos nesta seção refletir sobre esta negociação e seus limites utilizando exemplos (Tsakona, 2015).

Segundo aponta a pesquisa, o humor na política tem aos menos dois limites básicos detectáveis, o limite da empatia do público, que faz com que o falador da piada seja rejeitado ao “passar do ponto” moral ou sentimental da plateia e o segundo limite seria o da rigidez trágica (de Bergson, Smith e Voth), que é quando o político se mostra sem o “jogo de cintura” necessário para que seja admirado e adquira adeptos. No caso do primeiro, o limite da empatia, parece ter ligação direta com o “deixar a emoção” invadir o ambiente intelectual e cognitivo necessário para que o humor ocorra segundo alguns teóricos; já o limite da rigidez, que por sua vez é digna de um riso depreciativo, que segundo a teoria vai humilhar a vítima do riso para que este seja mais flexível para com o coletivo. Exemplos destes limites serão expostos nos próximos parágrafos junto com pequenas análises dos pensadores e enquadramentos contextuais para que se entenda quando e de que forma o tabuleiro do jogo político e social dos EUA parece ter mudado.

Serão expostos três exemplos, aparentemente o exemplo selecionado de Bush é o do limite superior (do topo da tolerância popular) ultrapassado, enquanto Gore será um exemplo de limite rígido extrapolado (pouco humor) e Obama seria no caso um exemplo de equilíbrio.

A gestão deste presidente Bush ficou marcada pela invasão do Iraque em que o mesmo justificou a invasão do país para capturar as bombas químicas, que segundo a sua inteligência estavam lá e nada foi encontrado após a invasão. Para tentar transformar a crise em piada, Bush

no jantar de 2004 fez uso de um slide que o mostrava numa imagem procurando embaixo da mesa no famoso Salão Oval as armas de destruição em massa do Iraque. Segundo o próprio Bush explicando posteriormente o acontecido, o slide foi feito para preencher a cabeça do público com algo, ou alguma narrativa que ao menos não deixasse espaço para outras narrativas que a oposição poderia fazer depredando Bush e sua guerra (Waisanen, 2015, p.350).

“However, humor does not necessarily always occur through the comic frame of acceptance. When acceptance of the 'comic fool' does not occur, the emphasis shifts to rejection and the dramaturgical frame becomes burlesque” (Smith & Voth, 2002, p.113).

Segundo Waisanen a piada não foi muito bem aceita pois talvez tenha brincado com fogo diretamente e não com a fumaça como retrata Waisanen, que também diz que quando se trata de altos escalões de poder tratando sobre casos de violência real como uma guerra, pode acontecer do público refletir sobre aquilo com mais sensibilidade e é possível que este não interprete a piada de forma positivamente boa para o político; casos como estes de guerra são diferentes de crises pessoais, que são mais facilmente combatidas com piadas (Waisanen, 2015).

Aparenta a literatura que existem assuntos ou ambientes que exigem seriedade e se utilizarem o humor nestes casos podem haver consequências indesejáveis, pelo menos para o humorista (ou político engraçadinho), o “tiro pode sair pela culatra” e não criar um ambiente agradável; o que provavelmente ocorreu com Bush. A expectativa de modo sério (bona fide) do público, pode “cancelar” os esforços do político piadista, talvez a ocorra o que chamam de piada infeliz (Tsakona, 2015, p.233).

O autor usa como exemplo de “equilíbrio” um episódio de Obama para comparar com o aparente extrapolação de Bush em relação aos possíveis limites do humor político. Obama usa do humor para criar a imagem de homem comum com êxito ao brincar com o sobrenome de um opositor semelhante ao nome de uma persona-non-grata para os EUA (Hosni ex-presidente do Egito), dizendo que aquilo é uma vergonha; sendo que o próprio Obama tem o sobrenome Hussein, como Saddam Hussein, inimigo iraquiano dos EUA. Waisanen compara esta piada com a de Bush sobre as armas e diz que esta piada de Obama funcionou muito melhor, por exemplo. É possível que a evocação de Obama tenha sido mais leve e distante; fora isso, Obama combatia teorias da conspiração contra seu nome e sua cidadania também com humor (Waisanen, 2015, p.351). No caso, Obama na visão de Raskin e Attardo defende o script de que “meu sobrenome é apenas um sobrenome e não me associa com outra pessoa que por acaso tem o mesmo sobrenome; isto que dizem sobre mim é bobagem”, esvaziando assim os conspiracionistas que faziam alusão dele para com Saddam.

Embora aparentemente Obama seja um exemplo de equilíbrio, de um político que soube criar aceitação para si mesmo usando o humor (assim como Clinton muitas vezes), é visto que tal “formula” não é exata e parece variar de povo para povo. A aceitação depende da orientação ideológica e do elo específico entre o humoristas, os políticos (quando tentam ser humoristas) e público, logicamente (Tsakona, 2015).

Vale lembrar que a aparente popularidade de Obama se deu também por demonstrações de coisas não necessariamente engraçadas, mas talvez graciosas como dançar nos programas de televisão com sua esposa, o que mostrava um traço humano no presidente. Waisanen diz que nestes programas a pessoa não precisa mostrar que é a pessoa mais engraçada do mundo e sim que é humano e tem senso de humor; ele usa as palavras de Al Franken ditas em 2000 (Smith & Voth, 2002, p.127).

Como exemplo de limite de rigidez os autores dizem que quando Gore “enfrentou” Bush no SNL os humoristas do programa satirizaram os candidatos e Gore inicialmente rejeitou seu papel de palhaço cômico, demorando muito para aceitar a brincadeira, segundo os autores isto influenciou no resultado das eleições; destacam os autores em outras palavras que os estrategistas de Gore fizeram o candidato assistir as esquetes do SNL do primeiro debate para corrigir seu comportamento arrogante e pomposo. Bush aceitou mais fácil, mostrando-se talvez mais maleável e humilde (Smith & Voth, 2002, p.117). Possivelmente Bergson chamaria este limite inferior de Gore de rigidez, que torna o indivíduo socialmente não maleável nem flexível como risível.

Na sequência os autores salientam que não foi só questão de aceitar, o candidato Bush ia além, ele também zombava dos próprios problemas de gramática se entregando ao humor autodepreciativo enquanto Gore se obsteve de comentar seus erros. Os autores dizem que esta oposição nas reações dos candidatos diante das piadas do SNL forçou uma oposição binária dos candidatos em quadros trágico (Gore) e cômico (Bush), que ao brincar com seus próprios erros deu um sinal para o eleitorado de que era inteligente, negando sutilmente seu problema retórico sem combater diretamente o ataque (Smith & Voth, 2002, p.118). O pensamento de Smith e Voth no caso casa-se com vários outros teóricos neste caso, pois é unanimidade entre os pensadores aqui destacadas que o indivíduo que utiliza bem o humor ganha popularidade ao mostrar sua espirituosidade, que segundo alguns pensadores carrega charme.

Estas teorias do limite do humor político são reforçadas quando Smith e Voth destacam que quando Gore passou a aceitar as brincadeiras, nos outros debates posteriores, o seu nível de rejeição diminuiu. Ressaltam os autores que apenas dois dias antes do debate a CNN dizia que Gore estava abrindo uma vantagem sólida de nove pontos. Os autores destacam também

que o passado de Bush levemente "sujo" por ter sido preso por embriaguez e tirar notas ruins também possivelmente ajudaram na criação de empatia com o "homem comum". Tal raciocínio tem como base a empatia do público para com a figura pública e este sentimento também fica nítido pela inusitada pesquisa feita pela Disney Plus Brasil em seu site; esta pesquisa tenta indicar qual seria o super herói mais querido no mundo e curiosamente o atrapalhado e jovial Homem Aranha e o neurótico Batman parecem cativar mais empatia do público do que o poderoso e perfeito Super Homem. O raciocínio é básico, talvez quando alguém parece perfeito tem algo de errado, o que faria talvez deste indivíduo uma piada de incongruência ambulante na visão de Meyer, pois humanos tem defeitos. Mestres dos guiões de cinema como Robert McKee defendem o mesmo e aconselham os guionistas que coloquem características defeituosas na personalidade de seus protagonistas e heróis justamente para gerar empatia.

Fica claro olhando exemplos de aplicação de humor nos atos políticos dos presidentes, que neste século o presidente não pode ser mais tão rígido e formal, afinal os tempos mudaram, o eleitorado se transformou junto com as novas tecnologias e o cenário geopolítico mudou.

É importante também salientar que os limites aplicados talvez não se apliquem na política brasileira, pois existem diferenças claras entre estes políticos e Bolsonaro que serão expostas na análise e conclusão. Fora isto existem diferenças estruturais, históricas e econômicas consideráveis entre os países.

2.5 ARGUMENTAÇÃO, MAQUIAÇÃO E "ALQUIMIA" POLITICA DO HUMOR

Muitos autores realçaram como o humor é um instrumento retórico extremamente poderoso quando utilizado por personagens políticos (Levasseur & Dean, 1996; Meyer, 1990; Speier, 1998).

Foram encontradas nas obras selecionadas de Smith, Voth e Waisanen pelo menos três mecanismos ou artifícios humorísticos que os políticos costumam usar para "tratar" das crises ou atacar opositores. Após uma breve introdução abrangendo estes mecanismos utilizaremos exemplos com comentários e contextualizações caso sejam necessárias. O primeiro mecanismo seria o da argumentação, o segundo da maquiagem e o terceiro será chamado de alquimia (uma transformação completa de energias); estas duas últimas talvez cumpram a mesma função, que é a higienização de crises e coisas negativas associadas ao político que usa tal mecanismo para se "limpar". Judy Carter nos fala na obra de Waisanen sobre várias funções que o humor exerce na política: "Judy Carter (2001) has described this quoted function as one of comedy's most valuable features problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment

recommendation” (Waisanen, 2015, p.352-3).

A frase de Carter nos dá dimensão sobre a importância do humor na política; Gahan, Papa e Brooks também concordam que o humor é estratégico na medida em que atinge os objetivos de comunicação interativa. Após breve introdução analisaremos primeiro a maquiagem, que tem função de amenização ou higienização parcial de empecilho político, depois falaremos sobre a argumentação como ferramenta de ataque e defesa simultâneos, depois contextualizaremos a gestão Clinton nos anos 90 para no fim refletir sobre um exemplo de alquimia ou higienização “total”.

2.5.1 MAQUIACAO SEGUNDO WAISANEN

Raskin parece aproximar também o que chamamos de maquiagem de crise como diluição. Sobre tal processo Chemyshevsky diz em outras palavras que tem a impressão de que o cômico causa nele é uma mistura de sensação agradável e desagradável, porém, que geralmente a parte agradável prevalece e a parte que não lhe agrada parece ser quase completamente apagada pela risada. Ele parece dizer que o humor tem o poder de diluir a negatividade dos assuntos tornando-os mais agradáveis, como o açúcar que numa caipirinha torna o sabor ácido do limão e horrível do álcool da cana em docinho e gostoso.

Num exemplo curioso para tal transformação de energia ou higienização, Reagan em 1982 estava indo para o famoso jantar quando foi questionado sobre o que a Casa Branca estava fazendo para diminuir a ameaça de um (possível) holocausto nuclear; Reagan responde garantindo que ele e os seus estão pensando nisso e que estão instalando inclusive alarmes de fumaça. Os pensadores dizem que por um lado, a resposta banaliza a seríssima crise nuclear, buscando diminuir o medo das massas, mas por outro lado e diz que está levando o assunto com seriedade e podemos notar que ao mesmo tempo que brincar com algo sério pode ser visto como sinal de confiança. O pensador ao concluir o raciocínio diz que as piadas tanto endossam as críticas quanto as enfraquecem (Waisanen, 2015, p.346). Por conta disto a existe no ato uma higienização, maquiagem ou amenização da crise, porém aparentemente não foi a piada que resolveu a crise dos mísseis.

Ao olharmos sob o ponto de vista de Raskin e Attardo para a piada irônica de Reagan, poderíamos dizer que ele utilizou o mecanismo de “erro óbvio” ou então de exagero (invertido)”, pois ele salienta uma solução desproporcional, pois não se combate um holocausto nuclear com alarmes de fumaça; nota-se ai conseqüentemente a incongruência também do gracejo do presidente. É como quando dizem “tapar o sol com a peneira”, algo inútil no quadro

trágico.

2.5.2 ARGUMENTAÇÃO, SEGUNDO WAISANEN.

Reagan nos fornece um exemplo de argumentação política humorística que consegue atacar o opositor colocando palavras em sua boca e aparentemente dentro do quadro cômico isto funciona. Em uma de suas piadas ele ataca os opositores dizendo que a sua visão de política externa se difere e muito da visão da sua oposição, pois eles (os opositores) não querem mais a presença militar dos EUA na Coreia, nem na América Central e nem no Pentágono. Reagan supostamente fez uso do exagero de novo e aparentemente evoca os ouvintes para a tradição intervencionista dos EUA que perdura por séculos. Em outras palavras, Waisanen destaca que se espera cada vez mais que os chefes de governo se tornem chefes de “significado nacional”, o que parece condizer com as palavras talvez irônicas de Reagan; que invoca este aparente espírito “Xerife” norte-americano de ser ou cria uma auto imagem de homem americano comum.

Poderíamos usar aqui as três teorias de Meyer, classificando esta piada como do tipo incongruente; pois a frase caminha indicando que estamos a ouvir um discurso “bona fide” e no fim o presidente fala que a oposição também não quer militares americanos no Pentágono, que é a central de proteção dos EUA; o ataque também parece se dirigir para a oposição e sua rigidez na visão de Bergson, rigidez no sentido de radicalizar a política externa americana para o oposto; para o total não intervencionismo levado ao extremo; o que aproxima também a piada do mecanismo de exagero no pensamento de Attardo.

2.5.1 “ALQUIMIA” SEGUNDO WAISANEN, MORREALL, SMITH E VOTH

Para falar sobre este processo é importante que se sabe que o ambiente político da época de Clinton parecia favorável, pois a URSS acabava de se desfazer e os EUA se viram vitoriosos na gestão Clinton. Este, parece ter aproveitado o momento para transformar o discurso em uma verdadeira forma de arte para a retórica da crise (Waisanen, 2015, p.347). Naquele tempo, o público dos EUA mudou de comportamento com o tempo junto com as tecnologias, antes eram homogêneos e passivos foram ficando diversos, complexos, ativos e interativos. Clinton, segundo a pesquisa no início do mandato não queria fazer monólogos cômicos segundo a literatura, porém, teve uma curva de aprendizado e mudança na atitude ao ver certa vantagem estratégica das concessões cômicas. Como resultado passou a fazer uso regular do humor em

sua gestão; segundo a pesquisa, Clinton tentou fazer piada até sobre o caso polêmico com Monica Lewinsky. (Smith and Voth 2002, 119-125) Outro episódio marcante nesta gestão foi a gargalhada que Clinton deu quando Yeltsin discursava ao seu lado aparentemente bêbado:

X`Bill Clinton's saxophone solo on " The Arsenio Hall Show" are indications of this trend where politicians have attempted to blur that line between politics and personality and use the entertainment arena to their strategic advantage (Smith & Voth, 2002, p.116).

Justamente na época de Clinton, os autores ressaltam que o humor nos talk-shows passou a ficar cada vez mais presente e estes passaram a se interessar mais pela figura do presidente, o que gerou uma suposta necessidade do presidente de “se adaptar” aos talk-shows humorados (Smith & Voth, 2002, p.115-29).

Como vimos o clima político talvez fosse favorável para o presidente saxofonista, e entre estas e outras certa vez acusaram Clinton de favorecer doadores deixando-os permanecerem (pernoitarem) dentro da Casa Branca e o presidente rebateu com uma piada. Quando o filho de Clinton saiu de casa para ir para a faculdade, Clinton disse ao público que sentiria falta do jovem, mas que seria bom o garoto ir morar fora por que abriria mais uma vaga outro quarto na Casa Branca. Supostamente Clinton dizia que a acusação é besteira de forma não direta, diminuindo a crise de forma lateral e bem-humorada. Refletindo para além do texto, ele talvez ainda contaria com a empatia de muitos pais cujos filhos estavam na faculdade também. É possível supor que quando Clinton brinca com este “problema”, ele também banaliza, amenizando a gravidade da coisa, que realmente não seria das mais graves da história do país (Waisanen, 2015, p.348).

Neste caso a crise pode se dizer que foi praticamente resolvida, pois se tratava de algo pequeno, ele brincava com a fumaça e não com o fogo; mais uma vez uma crise pessoal foi transformada em riso e poderíamos dizer que neste tipo de crise a piada é quase infalível.

Segundo Morreall o que chamamos metaforicamente de processo alquímico traça uma linha narrativa quase “industrial”, que transforma o que era primeiramente uma neurose (a polêmica dos quartos da Casa Branca) em desilusão, esta ocorre na cabeça do público ao se deparar com a notícia de corrupção do líder, em seguida ocorre intoxicação, que seria talvez a incongruência surpreendente da afirmação auto acusadora do presidente; na sequência Clinton acaba por induzir o público para um estado de abstração com fala incongruente, o ouvinte, conseqüentemente tenta resolver a incongruência dita em sua cabeça e logo percebe (ou deduz) que Clinton está brincando e por fim ocorre o riso, chamado por Morreall de extasie. Podemos notar aqui todo o processo “alquímico”, pois neurose virou desilusão, depois intoxicação,

indução abstrata e por fim extasie (Morreall 1987, 113).

Para testar nosso “arsenal” teórico, poderíamos supor que o mecanismo lógico utilizado por Clinton foi o tipo “D”, de consequência implícita, pois representa uma situação que tem uma consequência que se deixa inferir, que é uma cena (absurda) dos investidores de Clinton indo dormir de pijamas nos quartos da Casa Branca ou quem sabe até fazendo uma “guerra de travesseiros”; a função aqui é a de diminuir claramente a polêmica e o alvoroço por algo que se mostra pequeno.

No caso existe também uma pequena jogada de Clinton que se aproxima do que Freud diz sobre a semelhança da piada com o sonho, pois o que se espera do presidente seria a honestidade, ou seja, que ele não ceda quartos da Casa Branca para investidores pernovernarem; quando Clinton afirma que está feliz pois agora tem um quarto para os investidores dormirem, ele faz algo bem próximo da representação pelo oposto, ao se representar como um líder “corrupto”. Da mesma forma o “crime” feito pelo presidente (réu confesso) parece pequeno ao ser incluindo numa piada e admitido em tom não bona fide; o que poderia configurar numa economia psíquica, mantendo aqui a tradição freudiana de análise. O público ao ouvir tal brincadeira pensa talvez que este problema não seja lá tão grave e assim o humor faz uma higienização na reputação de Clinton.

2.6 ANALIZAR O HUMOR – O USO DO HUMOR EM POLÍTICA

No discurso político, o humor ajuda a criar identidades de grupo, fortalecer laços de grupo e até hostilizar grupos, logo ele interage com este talvez instinto grupal humano intimamente. Indivíduos podem ser atacados também com o humor, assim como pode-se criar uma auto imagem (ou imagem de terceiros) de forma direcionada e parcial, aumentando ou diminuindo o alvo. Bergson defende a teoria de que o riso surge através da identificação do fator mecânico no alvo do riso em sobreposição ao fator “espírito” daquele indivíduo, este que

muitas vezes é distraído e “sem flexibilidade”. O fenômeno do expansionismo e alastramento do humor (ou do riso) também foi constatado e refletido, assim como a capacidade de multiplicação, uma vez que piadas geram outras piadas em muitos casos.

As teorias do universo onírico (de Freud) e dos quadros cômicos (de Smith e Voth) mostram como o humor possa ser gerado: ambas defendem que o falador da piada constrói ou cria uma narrativa dentro de um universo semelhante ao universo dos desenhos animados ou sonhos, onde existe uma razão lógica peculiarmente diferente da que experimentamos na realidade. O falador da piada muitas vezes parece convidar o ouvinte para adentrar-se neste quadro cômico, que é mais prazeroso que o quadro trágico, que enxerga e interpreta tudo com seriedade.

O aspeto estratégico do uso do humor não é apenas a possibilidade de interagir com o interlocutor, o oponente, ou o público num contexto (a realidade alternativa) contruído e regulado pelo autor da piada, em quem os papéis possam ser alterados para favorecer a posição do falante. Este processo de criação dum mundo de fantasia proposto pelo falador da piada faz com que o ouvinte tenda a acreditar no falador da piada (nem que seja inconscientemente) tornando assim o humor ótima ferramenta de persuasão poderosa. Como o mundo proposto na piada é um mundo alternativo, as regras da lógica e razoabilidade que governam o mundo real são suspensas. Um outro aspeto estratégico consiste no fato que para o humor ser gerado, é necessário haver identificação cultural, linguística, afetiva e talvez espiritual entre falador da piada e o ouvinte; Palmer chama esta ligação interpessoal de sinergia Paratélica que ocorre num terreno comum (entre ambos) e ajuda no fortalecimento ou fertilização deste terreno comum. Todavia, esta ligação pode ser utilizada para finalidades persuasivas, para excluir o oponente ou um target específico desta relação, ou aumentar a benevolência do público, e assim a disposição a aceitar os pontos de vista do falante.

Ao nível de ferramentas de análise do humor, as diferentes teorias fornecem específicos instrumentos. Meyer divide as piadas em três grandes grupos que se integram as vezes: são piadas de alívio, de incongruência e superioridade. Esta classificação é útil para perceber a macro estratégia do humor. Raskin e Attardo nos trazem uma forma de identificar as narrativas (scripts) defendidos e atacados na piada, assim como formas de “resolver” a piada extraindo a moral vigente que emana da história. Os estudiosos reparam

também nos tipos de comunicação que existem ao falar uma piada, nas variantes e resultantes entre diversas formas de interações possíveis entre falador da piada e ouvinte; isto pode interferir no

sucesso da piada ou no fracasso. Diferentes mecanismos lógicos são expostos, são estas espécies de técnicas ou gatilhos humorísticos que servem para sobrepor scripts de diferentes formas.

2.7 ANALIZAR O HUMOR POLÍTICO – O CASO DE BOLSONARO

A atual dissertação opta por fazer uma pesquisa de análise qualitativa, ou seja, busca entender como o presidente Jair "Messias" Bolsonaro usa do humor e do cômico como possível estratégia política para conquistar, mobilizar e fidelizar seus eleitores e aliados enquanto ataca seus opositores e se defende dos mesmos durante o mandato presidencial de Bolsonaro entre 2020 e 2021, o ano de surgimento do Covid no país (2020) e o ano do pico da pandemia no país (2021).

Por ser diferente do método quantitativo, o método escolhido (abordagem qualitativa ou método qualitativo) não tem foco nas estatísticas, o compromisso principal do trabalho é possibilitar uma compreensão maior da importância, causa e efeito do humor usado pelo peculiar e esdruxulo fenômeno político que hoje governa o Brasil, conhecido como Bolsonaro. Todas as piadas selecionadas estarão muito bem contextualizadas no momento histórico do país e passarão por “filtros” teóricos que serão melhor explicados adiante, uma transcrição de cada piada também ocorrerá junto com uma leitura minuciosa dos componentes linguísticos verbais e audiovisuais de cada uma das cenas.

Todas as piadas analisadas são emitidas pelo próprio presidente com ajudantes aleatórios em alguns momentos, estão os vídeos selecionados no atual momento disponíveis no Youtube e ocorreram dentro do recorte temporal já explicado; a partir daí poderão ser formulados e interpretados os “comos” e quem sabe até poderemos especular os “por quês” de tais formulações humorísticas. Pretende-se um aprofundamento que traga para a luz da consciência o que está implícito ou obscuro por trás das aparentemente “inocentes” e até infantis piadas do líder chamado pelos seus apoiadores de "mito" e por alguns opositores de “mandrião”.

Por ter sido escolhido o processo descritivo para tal análise, deseja-se identificar e justificar o

por que aquela peça recortada para estudo é uma obra humorística, registra-la textualmente e analisa-la segundo suas características para que os “comos” fiquem claros. Fica aqui também registrado o compromisso de não manipular ou fatos ou fenômenos selecionados, serão registrados os episódios com a máxima neutralidade para depois "cruzarmos" tal registro com as teorias do humor. Quando o falador da piada adota estilo de comunicação não bona fide já seria uma justificativa, o que ocorreria com frequência.

2.7.1 CORPUS

Para alcançar o que se pretende na dissertação, foi realizado primeiro por uma pesquisa exploratória que colheu talvez todas as piadas de Bolsonaro em sua gestão dentro do horizonte temporal proposto, em seguida, por meio de critérios rigorosos e métodos bem definidos foram selecionadas apenas algumas para análise. Estas piadas são como representantes de um estilo de piadas que cumprem funções específicas como, ataque contra minorias (e esquerdas conseqüentemente), autoglorificação (ou criação de homem comum), ato falho (piada tropeço), ataque contra a república, ataque contra indivíduo e auto defesa usando fake news; foram estes os padrões encontrados e que abrangem muitas funcionalidades do humor político e suas principais problemáticas (ou pautas) no atual contexto político enfrentado.

Para tentar analisar e identificar as possíveis técnicas de chiste já teorizadas pelos pensadores, construímos sete filtros teóricos que englobam cerca de 14 teorias, tais filtros serão expostos nos parágrafos adiantes e como um “raio x”, tentarão elucidar e revelar tudo o que esta por trás, dentro e na frente destas piadas do líder brasileiro.

Estes fenômenos relatados e elaborados pelos pensadores também poderão ser encontrados nos comentários de populares ou anônimos e vale frisar que serão analisados apenas os 5 primeiros comentários que aparecem na ordem determinada pelo Youtube sob orientação (ou não) do administrador da página; a escolha dos 5 primeiros comentários para análise ocorreu para tentar ser o mais neutro possível, transparecendo assim se houveram mais opositores ou apoiadores engajados no vídeo e provavelmente desta conta final alguma conclusão relevante irá emergir, ou não. Não nos aprofundaremos nos outros comentários

abaixo pois o volume de piadas é

muito extenso e o foco não está precisamente nos comentários e sim no conteúdo humorístico do presidente.

Os canais em que os vídeos se encontram serão analisados brevemente quando necessário no intuito de saber quem se interessa por registrar tais obras; pelo visto são canais grandes e pequenos de jornalismo e também canais pessoais de apoiadores e opositores. Talvez conhecendo os canais tenhamos alguma reflexão sobre o impacto do conteúdo humorístico de Bolsonaro sobre a política, ou não.

Como já foi dito, a plataforma escolhida para colher as obras humorísticas produzidas pelo presidente foi o Youtube; esta escolha foi feita por esta ser hoje talvez uma das mais populares formas de publicar e difundir vídeos do mundo ocidental, uma vez que qualquer um pode criar uma conta e subir seus próprios vídeos, sejam eles produzidos pelo dono do canal ou não.

A escolha foi feita também acreditando que a grande maioria das piadas do objeto de estudo ali estariam, o que foi confirmado enquanto procurava-se os conteúdos. As palavras usadas nas buscas foram "Bolsonaro" seguido da palavra "piada"; em alguns (muitos) casos específicos quando este quem vos escreve lembrava de alguma piada, gracejo ou trapalhada do presidente, procurava-se especificamente pela piada usando por exemplo "Bolsonaro", em seguida "pega anão no colo como se fosse um bebê" e assim encontrava-se a piada específica. As buscas mais simples apenas com as palavras "Bolsonaro" e "piada" acabavam por encontrar uma mescla entre piadas de humoristas imitando ou apenas tirando sarro do presidente em stand up muitas vezes, o que tornava a busca difícil. O corpus considera o intervalo temporal entre janeiro de 2020 até dezembro de 2021; as obras selecionadas, sejam elas analisadas ou descartadas todas aconteceram e foram publicadas somente durante este horizonte temporal.

Serão analisadas obras audiovisuais expostas no Youtube em que o presidente Bolsonaro faz piadas (intencionalmente e involuntariamente) no período deste recorte, porém, pelo uso de piadas por parte de Bolsonaro ser uma constante, gerou-se um vasto volume de piadas que as vezes se repetem em alguns aspectos, logo, foram selecionadas piadas icônicas e que cumprem papéis politicamente peculiares, por exemplo, ele conta muitas piadas que atacam os homossexuais, logo, não precisamos analisar todas, selecionamos uma apenas e analisamos a próxima piada, que pode ser uma autoglorificação, por exemplo e assim por

diante. Foram selecionados apenas 5 vídeos que englobam 9 piadas que conseguem atacar direta ou indiretamente gordos, mulheres, negros, nordestinos, pobres, as esquerdas, gays, a verdade ou realidade científica, a república, ele mesmo, críticas proferidas contra ele e indivíduos. Fora isto contaremos também com uma piada de erro involuntário e uma de autoglorificação. As piadas se abrangem quando analisadas e os alvos indiretos podem ser mais numerosos ainda.

Um motivo que pesou para a opção de tal período recortado foi o fator Covid, pois a misteriosa doença gerou uma enorme crise sanitária mundial e infelizmente vitimou milhões pelo mundo e mais de meio milhão de brasileiros em um breve período. Esta talvez tenha sido a época mais catastrófica e o governo mais turbulento da história do país; devido a falta de conhecimento sobre a doença neste período, houve pânico na população e o governo foi cogitado inúmeras vezes por setores da sociedade para agir, fazendo o presidente gastar todo o seu “arsenal” argumentativo e criatividade humorística.

Outros documentos e obras poderão ser utilizadas em alguns pontos para levantar questões que ampliem a reflexão sobre tais teorias e fatos conforme os assuntos serão esclarecidos; esta análise documental contará com pesquisas de voto, jornais, revistas, documentários, filmes e vídeos do Youtube. Pode-se prever que em alguns casos se faça necessário averiguar a veracidade do discurso do objeto de estudo emanado e para isto recorreremos diretamente para autoridades dos temas em tese, por exemplo, se Bolsonaro estiver fazendo piadas sobre o Covid, a OMS (Organização Mundial da Saúde) poderá ser consultada, assim como em casos de piadas sobre um crime proferidos pelo mito deverão ser conferidos segundo a justiça brasileira (Jus Brasil); é possível também que as piadas sejam tão propositalmente absurdas que nem se necessite tal aprofundamento e averiguação. É possível também que não se necessite tais consultas, pois aparentemente o distanciamento da realidade no discurso é exagerado.

Embora já tenhamos dito que em caso de necessidade serão averiguados órgãos que são autoridades em assuntos como a OMS, o foco principal da dissertação não é desmentir as palavras do líder ou reforça-las e sim aplicar os conhecimentos literários sobre o tema estudado nas obras selecionadas, reconstruindo assim as teorias já elaboradas pelos pensadores de forma atualizada e aplicada aos tempos de internet sobre o objeto.

Além das piadas proferidas propositalmente, foi selecionada também uma piada em que Bolsonaro faz algo engraçado sem querer, errando uma palavra e promovendo humor

involuntário para sua oposição desfrutar; o episódio foi selecionado propositalmente para que haja um contrapeso mostrando como o humor pode prejudica-lo e surgir acidentalmente.

Fora isso, não serão incluídas obras humorísticas da oposição contra o Bolsonaro, somente quando o mesmo comete involuntariamente uma "gafe" e aí sim abre-se espaço para que interpretemos, pois foi o objeto da investigação que "produziu" a comicidade. Caso fossemos analisar todas as piadas que fazem contra o presidente Bolsonaro seria quase impossível devido a quantidade enorme. Existem alguns tipos de humor feitos por Bolsonaro que podem ser analisados .

Os conteúdos variam, pois o líder faz uso de piadas, gracejos e comicidades em diversas situações, sejam elas eventos formais, informais, conversas com populares, entrevistas para imprensa, lives em plataformas e até conversas pessoais filmadas por populares e outros.

O título das obras será o mesmo do título dos vídeos no Youtube e as obras selecionadas foram:

Vídeo 1 – O presidente Jair Bolsonaro diz que o brasileiro tem que ser estudado. Abril de 2020

Vídeo 2 - Ao lado de criança, Jair Bolsonaro faz piadas sobre gordo e misoginia – Setembro de 2020

Vídeo 3 – “Fake news faz parte da nossa vida”, diz Bolsonaro

Vídeo 4 - Vídeo 5 - Bolsonaro detalha encontros com líderes no G20 e "pisão" no pé de Angela Merkel - Novembro de 2021 (E piada com Jim Carrey junto)

Vídeo 5 - Mario Frias posta vídeo em que Bolsonaro faz piada homo fóbica – Novembro de 2021

Aparentemente são poucas obras selecionadas, porém o objeto estudado as vezes está inspirado e em um tempo curto de vídeo consegue fazer várias piadas; em um dos vídeos ele faz quatro piadas consecutivas e consegue atacar 5 minorias em pouquíssimo tempo, para que se tenha uma ideia. Dentro destas cinco obras ocorrem ataques contra gays, gordos,

negros, pobres, esquerdistas, misóginos, feministas, as medidas de proteção contra o Covid,
as narrativas da

ciência, a sexualidade de um colega de Bolsonaro, o próprio Bolsonaro é atacado por ele mesmo, a solenidade de seu cargo é atacada, a seriedade de eventos internacionais, a integridade física do pé de Angela Merkel e muito mais. A piada homofobia selecionada foi escolhida pela peculiaridade, pois Bolsonaro ataca um indivíduo aliado e não um inimigo.

A seleção de obras foi estratégica, econômica e cirúrgica; quanto mais abrangente é a obra mais importância ela terá nesta pesquisa, logo, se tiver muitas características semelhantes para com outras obras, será a obra de maior abrangência selecionada e a outra descartada. Um dos fatores que torna uma obra abrangente é a quantidade de piadas disparadas. Esta dissertação não pretende analisar toda a carreira de Bolsonaro e muito menos toda sua gestão como presidente, houve esta tentativa, mas logo foi abortada por não ter tempo para isto. O que se pretende aqui é dar apenas uma pequena dimensão de como funciona esta junção de humor com política nas mãos de Bolsonaro.

O formato destes textos será o mesmo aqui utilizado, o padrão acadêmico, porém com todo este detalhamento das cenas será buscada uma leve aproximação sensorial com um guião de filmes na hora da transcrição, pois também procura focar-se nos diálogos, cenários, expressões e ações de maneira literal, visual e crua.

2.7.2 MÉTODO DE ANÁLISE

Por se tratar de uma análise qualitativa, o objetivo do texto está na compreensão sobre o discurso e os fenômenos que nele ocorrem. A linguagem e os estilos de comunicação serão analisados para que os objetivos sejam atingidos, não só a linguagem verbal utilizada nas obras, mas tudo o que engloba a linguagem "cinematográfica" nos trechos audiovisuais recortados (como já explanamos); evidentes confusões no texto, uso de palavras de baixo calão, adereços, figurinos, enquadramentos, qualidades de áudio e imagem; tudo isto se soma para que se constitua o "universo" que o político brasileiro procura supostamente criar para se apresentar e se comunicar primeiramente com seu público e conseqüentemente com o "resto" do mundo.

Após esta transcrição fiel das palavras, ações e gestos das obras selecionadas irá começar a parte da análise em si. Será procurada e destacada a piada (ou as piadas) dentro do texto apresentado no vídeo, que será todo "desmembrado" após a transcrição e assim será

analisada a construção desta "gracinha". No meio deste processo o sentido da piada surgirá,
o que

facilitará a classificação do estilo da piada segundo a literatura aponta. Fora isto diversas técnicas, mecanismos e características teorizadas pelos pensadores serão buscadas dentro deste texto; tais buscas serão abaixo mostradas e especificadas posteriormente, primeiro organizaremos em tópicos resumidos:

1 – Criação do Mundo Fantástico: Elementos oníricos (representação pelo oposto, condensação, deslocamento, absurdo, raciocínio falho) / Elemento infantil (Brincadeira de Criança) / Teoria dos Quadros / Criação de homem comum e nova realidade / Grotesco.

2 – Investigação de Ataque e

Vítima. 3 – Investigação

Mecânica

4 – Incongruências-Scripts em Conflito e

Resolução 5 – Estilo de Comunicação (Bona

Fide ou não) /

6 – Mecanismo Lógico / Economia

7 – Possíveis Classificações / Três Teorias / Justificativa (Por que é uma

piada?) Aprofundaremos agora sobre os filtros e teorias englobadas pelos

mesmos.

1 – Criação do Mundo Fantástico ou universo onírico: A seguir um breve englobamento resumido das teorias que compõe o que chamamos de filtro numero 1 (Criação Fantástica) que será aplicado sobre as piadas.

Elementos Oníricos: Freud defende que a piada é em diversos aspectos semelhante ao processo de sonho, pois sinaliza que o "autor" tanto dos sonhos quanto dos chistes é o inconsciente usando a matéria prima do consciente e do nosso dia-a-dia com a função de ajudar-nos a "digerir" os conflitos, contradições, medos, desejos, recalques, "castrações" e outros "sentimentos" presentes nos indivíduos. Resumidamente, tais processos oníricos que ocorrem também no humor são:

- Representação pelo oposto: Consiste na presença de uma "ação" no conteúdo manifesto do

sonho, oriundo do inconsciente do "sonhante", ou seja, no conteúdo latente represente um desejo de fazer aquela mesma "ação" mas de maneira completamente oposta; ou seja, o sonhante sonha que esta indo embora e na verdade ele deseja ficar; a pessoa sonha que esta batendo em outra, mas na verdade ela ama tal pessoa. No sonho tal pessoa esta extremamente calma e na verdade ela está passando por uma tempestade de emoções.

- Condensação: Processo em que o inconsciente abrevia, condensa ou resume desejos latentes muito perturbadores para o consciente do sonhador e assim apresenta-os de forma condensada no sonho. O mesmo ocorre em piadas em que em poucas palavras pode-se fazer "graça" do holocausto, por exemplo; dizer que o socialismo é o mesmo que o capitalismo pode ser considerado uma brincadeira que envolve condensação também. Tal processo supostamente é muito próximo do processo de economia.

- Deslocamento: Ocorre quando o conteúdo latente (desejo) que o sonho quer proporcionar ao sonhador é muito perturbador para o consciente do sonhador, logo o inconsciente desloca o desejo podendo "transformar" um pênis em uma vara ou cobra e uma vagina por uma porta ou caixinha por exemplo; ou seja, algo remotamente parecido com os órgãos sexuais.

- Absurdo: Algo que foge da razão, a sensatez ou do bom senso como nos sonhos em que desafiamos a física ao voarmos, um boneco ou animal falar, tele transporte, atemporalidade, coisas frequentes nos sonhos, fábulas, desenhos animados ou piadas por exemplo.

- Raciocínio falho: Neste caso pode ser considerado um raciocínio falho um ato falho clássico de trocar os nomes ou palavras, um esquecimento ou até um acidente em alguns casos. A piada do sujeito que danifica o caldeirão emprestado do amigo e diz não ter pego nada emprestado, depois diz que o objeto já estava danificado quando emprestou e depois ainda diz que devolveu o objeto em perfeitas condições; esta abordagem lateral dos assuntos também pode ser considerada como raciocínio falho, quando não se desmente a acusação e sim contra-ataca ataques lateralmente as vezes com negações.

- Elemento Infantil (Brinquedo): Será a busca de uma possível semelhança entre o jogo de palavras, sons ou ideias do falador da piada com um jogo infantil ou algo que divirta as crianças como Bergson defende. Pode ser encontrada semelhanças com o boneco (ou palhaço) de mola que sai da caixa assustando e depois volta a comprimir-se dentro da caixa, a bola de neve que vai acelerando certa destruição gradativamente, ganhando volume; o efeito prazeroso do castelo de cartas caindo também deve ocorrer, que com um leve toque em uma das cartas se destrói de forma progressiva e completa ou então pode ser encontrada semelhança com outro brinquedo ainda não inventado na época de Bergson. Este filtro é mais aberto, amplo e necessitará de imaginação para ser preenchido. Embora este elemento

seja interessante,

difícilmente encontraremos semelhanças diretas com as piadas; a infantilização pode ocorrer de outras formas.

- Teoria dos Quadros: No meio da análise da piada será procurado o momento em que a transposição do ouvinte ocorre do quadro trágico para o quadro cômico, assim como o momento em que o falador da piada muda de estilo ou sinaliza que está a brincar; o que de certa forma entrará as vezes em contato direto com o filtro do Bona Fide.

- Criação de (auto) imagem de homem comum e nova realidade fantástica: Tentaremos responder que tipo de imagem o presidente está tentando criar na cabeça do eleitorado, tanto uma auto imagem como uma imagem de nova realidade política.

- Grotesco: Será procurado algum elemento assustador no vídeo selecionado assim como o elemento de desarmamento, que seria algum aspecto cômico.

Obs.: as explicações sobre as características dos sonhos foram escritas baseadas na obra do veículo midiático “Didactics”, em seu conteúdo sobre Freud numero 6, intitulado “Interpretação dos sonhos - Inconsciente”.

2 - Investigação da vítima e do ataque: Processo que normalmente ocorre após a interpretação dos scripts em conflito e após a averiguação da "narrativa" (scripts) ou visão de mundo defendida pelo piadista é possível distinguir quem, ou qual ideologia, entidade, grupo, etnia, nacionalidade esta sob ataque no chiste. Este filtro buscara onde esta o ataque, de quem parte o ataque e contra quem. Tal tópico se relaciona diretamente com os scripts sobrepostos.

3 - Investigação Mecânica: Segundo Bergson existe uma dualidade que explica o riso, a vida e a máquina; a vida é o que esperamos das pessoas, como por exemplo que “segurem seus gases” durante reuniões solenes, não tropecem (maleabilidade), nunca se repitam, já a mecânica é a que se acidenta de forma estúpida, repete-se ou emita gases quando não devem. Buscaremos encontrar o que de mecânico existe ali na piada.

4 – Resolução de Scripts: Como está escrito na parte teórica da dissertação, Attardo e Raskin defendem que toda piada tem uma ideia embutida intrinsecamente que se sobrepõe para com

outra ideia; será buscada estas duas ideias básicas para que se entenda melhor o que o objeto

esta atacando e defendendo implicitamente ou explicitamente. Neste processo haverá tentativa de “resolver” as incongruências apresentadas baseado nos métodos de Attardo, vendo se as incongruências são solucionadas ou se sugerem algo, no intuito de alcançar uma ideia governante ou moral narrativa de cada piada. Este filtro se relaciona com o filtro de “ataque e vítima” de forma bem próxima.

– Incongruências: São erros no raciocínio lógico nas histórias contadas, erros estes que só são erros no mundo real e sério, pois o humor, como Freud e outros sugerem tem uma lógica lúdica própria semelhante ao que vemos nos desenhos animados infantis. Este filtro se relaciona com o universo onírico de Freud.

5 - Estilo de Comunicação (Bonde-fide ou não Bona-fide): São dois estilos de comunicação, Bona-Fide é uma comunicação séria e genuína que tenha compromisso com a verdade; não Bona-Fide é quando o falador da piada se expressa de forma risória para que entenda-se que o mesmo esta tratando de uma "brincadeira". Inspirado em Raskin.

6 - Mecanismo Lógico: Attardo, que tem seu pensamento próximo ao de Raskin, propõe 13 formas de mecanismo lógicos em sua obra; são técnicas mecânicas e lógicas que o falador da piada usa para muitas vezes favorecer seu ponto de vista em detrimento de outros, ou atacar simplesmente opositores; os mecanismos estão explicados na parte da teoria. Só tentaremos encontrar um mecanismo lógico por piada, pois ao divagarmos pode-se encontrar muitos e eles mesmos se misturam, o que é dito pelos pelo próprio Attardo após defini-los em sua obra.

- Economia: Para Freud piadas também são divertidas pois poupam energia psíquica em seus raciocínios num processo semelhante ao de condensação onírica; será feita uma investigação para ver que tipo de ideia esta sendo economizada, sejam elas palavras que se unem (como no caso do jogador que estava atuando mal numa partida e recebeu o nome jocoso de "Podriguinho" ao invés de seu nome original "Rodriguinho") ou até ideias mais abstratas como o socialismo; que são reduzidas.

7 – Possíveis Classificações: Muitos teóricos tentaram classificar o humor em grupos e subgrupos que se dividiam de forma anárquica desafiando até o intelecto de Freud e outros pensadores; devido a esta dificuldade encontrada pelos pensadores, foi decidido que este

filtro da classificação da piada fosse mais algo criativo, resumidor, poético e indicativo do que uma

coisa exata, fornecendo assim um pequeno espaço para o pesquisador usar da sua criatividade e interpretação relacionadas com todas as classificações distintas feitas pelos teóricos do humor.

- Três Teorias: Apesar da liberdade de nomeação ou classificação das piadas, as três grandes teorias de Meyer serão procuradas; são elas a teoria do alívio, da superioridade e incongruência.

– Justificativa: Por que a obra é uma piada, comicidade ou gracejo? A atitude não bona fide ajuda-nos neste processo, que na verdade será respondido pelo próprio objeto direta ou indiretamente no ato de fazer as piadas na maioria das vezes.

Na análise em si das piadas não necessariamente seguiremos esta ordem dos 7 filtros mostrados acima, pois em muitos raciocínios na própria investigação dos scripts pode revelar-se quem ataca e contra quem, assim como a resolução da piada ou até a classificação; porém fica o compromisso de tentar ao máximo retirar todo este material de cada uma das piadas analisada mesmo que possamos ser imprecisos em alguns momentos. As análises serão feitas como textos decorridos livremente como uma conversa e não em tópicos ou ordem numérica.

2.7.3 LIMITES DA PESQUISA

Corre-se o risco destas obras expostas no Youtube serem deletadas pelos donos dos canais em algum momento qualquer e também assume-se o risco de deixar escapar um gracejo ou outro, caso este tenha sido feito muito discretamente, não chamando assim a atenção da mídia, ou já ter sido deletado nas redes neste momento atual: o que não tira o valor da dissertação, uma vez que o material de piadas de Bolsonaro ainda é vasto no Youtube, o que torna até cansativa e exaustiva a análise que será feita nos capítulos posteriores. A dissertação atual também serve como registro histórico destes acontecimentos caso este

material suma da internet por qualquer motivo, o que é muito possível.

O processo de transcrição das palavras do presidente e os outros indivíduos envolvidos nas obras foi dificultada por falhas na dicção dos envolvidos, por interrupções que custaram a clareza das palavras, pois várias vozes estão sobrepostas. Para sanar tais problemas foram usados fones de ouvidos de qualidade profissional usados para mixar músicas e diversos trechos foram ouvidos repetidamente até que se entenda o que se diz, porém quando mesmo assim o som não fica claro será escrito “inaudível” na transcrição.

Para finalizar, ficam documentadas na atual investigação científica a influência do humor nos atos políticos comunicativos de Bolsonaro entre janeiro de 2020 até dezembro de 2021; baseados neste pequeno numero de obras selecionadas que buscam abranger todas as “frentes da batalha” que Bolsonaro luta politicamente. Os materiais como revistas, jornais são consultadas no primeiro semestre de 2022, ou seja, se algo foi deletado das redes antes destes dias não tivemos acesso e se alguma entidade como jornal ou revista mudar algum dado escrito aqui, o registro será de acordo com esta data citada.

CAPÍTULO III: BOLSONARO E O USO DO HUMOR

Conforme vimos no capítulo um, a presente dissertação tem como metodologia analítica a apuração científica das piadas proferidas por Bolsonaro e seus aliados durante a campanha e o governo sob o ponto de vista dos autores escolhidos - Freud, Bergson e Raskin. Para a melhor compreensão dos chistes proferidos e seus motivos e resultados, é fundamental que saibamos o contexto histórico e social que gerou a polêmica da qual o chiste emergiu; as forças ideológicas em conflito também serão fundamentais para a compreensão dos episódios analisados.

3.1. CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA E DISPUTA IDEOLÓGICA

O Brasil vinha desde a metade dos anos 80 vivendo uma democracia em que oscilavam governos que se diziam liberais, neoliberais, trabalhadores, social democratas e o país pouco evoluiu social e economicamente, com exceção do governo Lula (2003 – 2011), onde os pobres tiveram benefícios como o “Bolsa Família” (que supostamente acabou com a fome) e o “Prouni”, que incluía pobres nas faculdades; porém o quadro começou a piorar com a crise financeira, que atingiu o Brasil durante o governo Dilma (2012 – 2016), que supostamente foi uma continuação do governo do Partido dos Trabalhadores (liderado por Lula). Escândalos do governo foram encontrados e expostos com grande estardalhaço, usaram grampos ilegais contra a presidente e diversos políticos foram presos na “Operação Lava Jato”, que curiosamente foi liderada por um juiz chamado Sérgio Moro, que virou herói ao prender (sem provas) o candidato Lula pouco tempo antes da eleição em que Lula era favorito isolado. Neste processo caótico entre 2013 e 2018 Dilma acabou sofrendo o Impeachment em 2016 por ato ilegal. Quem assumiu o poder provisoriamente foi Michel Temer (o impopular) que neo-liberalizou o país o quanto pode, até que chegaram as eleições de 2018 e a disputa estava entre Haddad, intelectual aliado de Lula (pouco carismático) e Bolsonaro, político do “underground” que aparecia na mídia falando absurdos dignos de riso e mostrava ódio para com os petralhas (membros do Partido dos Trabalhadores). Numa subida meteórica e surpreendente nas intenções de voto, Bolsonaro supera o adversário e “contra tudo e todos” (segundo ele) assume o poder e elege o ex-juiz Sergio Moro como seu ministro da justiça. Em celebração, o popular pastor Silas Malafaia abençoava o novo presidente dizendo em rede nacional:

“A Bíblia diz uma coisa, Bolsonaro: Deus escolheu as coisas loucas para confundir as sábias, Deus escolheu as coisas fracas para confundir as fortes, Deus escolheu as coisas vís, as desprezíveis, as que não são, para confundir as que são... é por isto que Deus te escolheu” (Pastor Silas Malafaia)

3.2. - ANÁLISE DE PIADAS DE BOLSONARO

3.2.1 - VÍDEO 1 – O PRESIDENTE JAIR BOLSONARO DIZ QUE O BRASILEIRO TEM QUE SER ESTUDADO. Abril de 2020

A piada selecionada esta disponível no atual momento no Canal chamado "Erasto Correia", possível apoiador de Bolsonaro, que também usa o canal para promover vídeos de futebol, artes marciais e opiniões sobre o corona vírus. Neste vídeo Bolsonaro fala numa entrevista séria com a imprensa, provavelmente canais de televisão devido a qualidade da imagem e áudio serem muito satisfatórias, assim como o cabelo e as vestes estão muito bem preparadas. O líder fala e em segundo plano estão dois seguranças, atrás deles um jardim aparentemente bem cuidado (possivelmente o jardim do palácio da Alvorada) e um stand com um logo do palácio. O vídeo acontece num contexto tenso, em que o Covid se espalhava pelo mundo e o país estava com medo. Havia muita discussão sobre que medidas o governo deveria tomar para proteger a população, os crentes na ciência em sua maioria pediam um rigoroso lock down, porém, Bolsonaro defendia a estratégia de "imunização de rebanho", que era basicamente a de deixar o vírus contaminar a população e assim os sobreviventes iriam criar anticorpos e em pouco tempo a população estaria imune ao vírus; tática usada normalmente em rebanhos de animais. O texto de Bolsonaro foi o seguinte:

"Eu acho que não vai chegar a este ponto (lock down), até por que o brasileiro tem que ser estudado, ele não pega nada, cê vê um cara pulando em esgoto, sai, mergulha, ta certo?! E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil poucas semanas, um mês, né?! E ele já tem o anticorpo e ajuda a não proliferar mais isto aí. Eu to esperançoso que isso seja realmente uma realidade"

Neste texto o presidente faz uso da comunicação bona-fide, pois não da risada nem indica que vai falar algo engraçado em nenhum momento; nota-se a piada, pois é comum no Brasil dizer em tom jocoso "o brasileiro tem que ser estudado" ao se ver alguém fazendo algo como

banhar-se no esgoto, brincar com cobras venenosas ou adaptar um fusca para parecer uma Ferrari. É curioso, pois esta piada é mais comum na internet do que no dia-a-dia e parece ter saltado das telas dos telemóveis para o real, assim como Bolsonaro, que ganhou fama viralizando vídeos cômicos e supostamente com a ajuda destes gracejos se mantém no poder. A dicção e o pronunciamento da piada foram bons, uma vez que a intensão neste caso era a de falar sério com uma pequena ajudinha do gracejo, porém esta seriedade é relativa, uma vez que Bolsonaro não diz estar certo do futuro e tem apenas esperança que as coisas deem certo. Ele majoritariamente está usando o tipo de comunicação bona fide e parece tentar criar uma auto imagem de humildade (homem comum) demonstrando incerteza sobre a crise.

A construção do argumento do mito neste caso é muito semelhante para com a construção de um sonho, pois como já vimos, Bolsonaro não mantém os "pés na realidade"; esta ilógica onírica é fortalecida logo no início do texto, quando Bolsonaro transporta a plateia do gracejo para um "mundo imaginário", onde os brasileiros se banham em esgotos, mergulham e ficam bem e por isto devem ser estudados. Sabe-se que de fato grande parte da população sofre pela falta de saneamento básico e também é fato que muita gente morre e adocece devido a este problema, fato este aparentemente ignorado pelo presidente, que demonstra ou ignorância ou pouca empatia pelos brasileiros que sofrem com a pobreza na questão da salubridade. Ao fazer o gracejo o presidente constrói um quadro cômico de um Brasil em que a população toma banho em esgoto e fica bem, num deslocamento imaginativo da realidade absurdo típicos de um sonho.

Poderíamos usar também a analogia dos quadros cômicos de Smith e Voth, o mito parece pular de um quadro para o outro levando consigo o ouvinte que o estima.

Existem alguns possíveis gatilhos que demonstram que se trata de uma piada, a cena construída de um brasileiro mergulhando no esgoto pode ser uma e a frase "o brasileiro tem que ser estudado" também, pois faz alusão direta aos memes já citados.

Depois Bolsonaro diz que "acha" que muitos já se contaminaram nos últimos dias, outro fato suposto e sem embasamento verdadeiro ou científico e para finalizar ele diz que tem esperanças de que não seja necessário o lock down. São três partes muito distantes do real e talvez oníricas, até poderíamos chamar de imaturas, devido a gravidade do contexto. Por ser uma piada que não tem o intuito de fazer gargalhar e sim fortalecer o argumento, não foram usados aparentemente jogos infantis estudados por Bergson, porém, um elemento básico usado pelas crianças se faz presente, que é a escatologia pois no esgoto também tem fezes.

Para Freud, a

escatologia tem proximidade com o smut (piada sexual) e quando acessamos esta parte infantil dentro de todos (o que é necessário para produzir e consumir humor) abrimos as portas do inconsciente para a escatologia. Freud explica isso de forma mais bonita dizendo que *“o elemento sexual que constitui o conteúdo da piada de baixo calão compreende mais do que aquilo que é peculiar a cada sexo: além disso, ele compreende aquilo que é comum aos dois sexos e que desperta vergonha, ou seja, tudo aquilo que diz respeito ao excremento. Mas este é o âmbito do sexual na infância, em que predomina a representação da cloaca, onde o sexual e o excrementício mal se diferenciam, ou nem isso. Em todo o terreno da psicologia das neuroses, o sexual ainda inclui o excrementício e é compreendido no sentido antigo, infantil.”* (Freud 1905, 140)

Podemos classificar assim a piada como escatológica e indiretamente um smut sexual, fora isso, é mais comum ver crianças nadando em lugares inapropriados do que adultos, devido a inocência delas; logo, quando Bolsonaro “cria este quadro” lexicamente do banho no esgoto, é possível que o ouvinte imagine crianças brincando, pois já deve ter visto cena semelhante; isto remete talvez para com a imersão infantil no humor defendida por Freud e Bergson.

. O script 1 pode ser classificado como "ciência ou narrativa da OMS..." e o script 2, que sobrepõe ao script anterior segundo Raskin seria "fantasia exagerada do brasileiro imune". O alvo do gracejo diretamente no caso seria justamente as medidas de prevenções como o Lock Down, que Bolsonaro lutou contra durante muito tempo. Quando Bolsonaro diz sobre o brasileiro é imune devido a sujeira os scripts poderiam ser também 1 “brasileiros são imunes a tudo (anormais)” e 2 “brasileiros são seres humanos (normais)”. A narrativa do brasileiro imune vence obviamente no caso da piada. Nota-se aí uma incongruência, pois pular no esgoto e nadar pode adoecer o individuo que vive sob as leis do mundo real ou do quadro trágico ocidental. Poderíamos dizer que nesta piada Bolsonaro cria uma nova realidade em que o brasileiro é imune ao vírus. , logo, não havia motivo para pânico. Seguindo esta linha de raciocínio poderíamos classificar esta piada como tipo de alívio, pois o vírus é uma gripezinha.

O que é economizado ou talvez condensado é o medo da população, pois com a defesa da narrativa que ninguém ficará doente e não precisará de lock down, tudo vai ficar bem e não existe mais motivo para pânico. Este raciocínio nos leva para o mecanismo lógico que foi

utilizado, que talvez seja o tipo “L” (negação), pois a narrativa que dizia haver perigo e que era necessário atitudes do estado foi negada. O por que da obra ser considerada uma piada também está no exagero que resulta em riso, que aponta já outro mecanismo lógico, o estilo “I”, que engloba os exageros; pois é capaz de brasileiros terem boa imunidade devido a falta de saneamento, mas ampliar esta visão para 200 milhões é certamente um exagero.

Ao “passarmos o filtro” do grotesco aqui, o elemento assustador é o vírus que se espalhava pelo mundo e o elemento cômico que desarma este horror seria a defesa da narrativa de que o brasileiro era imune para com o vírus; o elemento do esgoto, das fezes também poderia ser considerado assustador dependendo de quem escuta. A obra infelizmente não tem comentários, pois o administrador da página não os permite.

3.2.2 - VÍDEO 2 – AO LADO DE CRIANÇA, JAIR BOLSONARO FAZ PIADAS SOBRE GORDO E MISOGINIA – setembro de 2020

Em live presidencial Bolsonaro discursa para o público em estilo de comunicação majoritariamente não-Bona Fide, sem boa fé, ou seja, descontraído, bem-humorado e informal. O enquadramento da imagem está curiosamente descompensado, pois do lado direito do quadro bem um espaço vago, que descentraliza o enquadramento, mostrando aí um primeiro traço de amadorismo já analisado como possível estratégia ao praticar uma espécie de não profissionalismo audiovisual. É possível que esta estética gere alguma empatia pela simplicidade, que se distancia do formato profissional usado por políticos enquadrados nos padrões tradicionais da política brasileira. Talvez esta estética ajude na criação da auto imagem de homem comum, que não entende muito de audiovisual, redes sociais, tele moveis e estas outras modernidades.

Bolsonaro tem sua gravata levemente torta caindo sobre seu abdômen saliente e ao seu lado esquerdo uma mulher traduz com gestos seu discurso para libras, do lado direito está simplesmente Esther, uma criança vestida de cowgirl, que foi descrita de forma bem resumida e esclarecedora pelo canal UOL em suas palavras de descrições, que nos ajudam a entender toda esta cena um pouco bizarra. As palavras são: *“Presidente conversava com*

Esther, de 10

anos, que se auto intitula "repórter e apresentadora". Bolsonaro também falou sobre quando foi acusado de ser misógino. Presidente ainda incentivou o trabalho infantil ao contar

Esta história acabou por ser cortada da análise ao notarmos que não se trata de uma piada e de uma possível fake news. O vídeo tem mais de 6 minutos, então não será descrito e transcrito

aqui por completa, só as partes que Bolsonaro faz quatro piadas serão descritas daqui

separadamente. Não haviam muitos outros exemplares deste episódio, provavelmente pois

é muito divertido. Além destas descrições é necessário falar de um rapaz que está atrás de

Bolsonaro compondo o quadro desproporcional e interagindo discretamente. Podemos aqui já

sinalizar que um dos elementos assustadores que se sucederão também estão nos ataques

travestidos de piadas e o elemento cômico que desarma este susto seria a presença infantil;

se aplica em todas as piada separadas desde mesmo episódio.

PIADA 1 – CONTRA PESSOAS GORDAS.

Bolsonaro começa o corte do vídeo dizendo em tom risonho *"Já que eu to vendo o Tércio*

ó. O Tércio deve pesar o que? Umas 7 arrobas né Tercio?! Eu to vendo hoje na internet

é o dia do gordinho, é verdade?" Aparentemente o próprio Tercio ou alguém fora do quadro

responde dizendo que *"É verdade"* em um tom desanimado; Esther também parece

constrangida ou entediada com o assunto e murmura um *"Ai ai"*. Bolsonaro se dirige a

perguntando *"Um gordinho pode salvar a sua vida?"*, a criança responde que pode, o mito

pergunta *"como?"*. Esther pensa e diz com dificuldade *"Tipo assim, surge um urso"*.

Bolsonaro já cai no riso e incentiva que a garota continue a história *"...ai a gente corre,*

corre. Quem vai correr mais?" e o mito mesmo responde *"você que é magrinha. O urso vai*

pegar o...?" Ela conclui *"o gordinho"* e Bolsonaro completa *"que vai salvar a sua vida"*. As

peças atrás da câmera riem junto do líder, que empolgado com o sucesso da piada continua

a história improvisando. *"Mas se o urso comer o Tercio, vai passar mal por que é muita*

gordura". Tercio comenta atrás das câmeras, talvez numa tentativa de escapar deste universo

fantástico proposto por Bolsonaro e Esther em que ele é comida, dizendo, *"Mas no Brasil não tem urso não"*.

ANÁLISE DE PIADA 1 – CONTRA GORDOS

Numa live presidencial ver uma criança vestida de cowgirl já é um passaporte de luxo para o universo onírico absurdo que Freud descreve, universo este que tem muita semelhança com o

mundo dos desenhos animados infantis, onde tudo vale, pois no mundo real um presidente dificilmente faria uma live mal enquadrada com tal personagem ao lado em que a pauta fosse piadas contra minorias. Bolsonaro parece se sentir à vontade neste vídeo, talvez devido a imersão neste universo infantil (onírico), que ele supostamente gosta tanto pois pode fazer mais piadas que o normal e isto está nítido, Bolsonaro certamente está inspirado no registro audiovisual presente.

Logo no início Bolsonaro ataca os gordos dizendo que um gordo poderia salvar a vida de Esther, pois ela correria mais e o Urso alcançaria o gordinho primeiro. É curioso pois Bolsonaro provoca Esther perguntando “Como um gordinho poderia salvar sua vida?” e ela começa a contar a história transportando Bolsonaro e todos quem assistem o vídeo para o mundo fantástico ou quadro cômico da piada ao dizer “Surge um urso” são as palavras dela que este link que nos transporta para seu universo infantil, absurdo e onírico e isto por si já um riso de prazer do presidente; Smith diria que acessaram o frame ou quadro humorístico. Meyer provavelmente diria que se trata de piada de incongruência (o que abrange a maioria das piadas) ou de superioridade, pois o texto diminui os gordos engrandecendo metaforicamente os não gordos.

A discriminação ou o preconceito são nítidos, assim como o ataque que de forma bem humorada dizendo que uma pessoa gorda só poderiam salvar a menina servindo de janta para o urso; diz que são lentos e em algumas circunstâncias inúteis; sobre a lentidão pode até ter alguma base de verdade, mas talvez seja desnecessário fazer este tipo de piada na frente de uma criança atingindo supostamente a autoestima de muitos obesos; fora isto, uma criança teoricamente devesse ser poupada e educada para não ser preconceituoso, segundo a moral vigente hoje, ou não.

Bolsonaro supostamente usa a criança para contar a piada depreciativa, o que já poderá tirar a “graça” da piada para alguns como este quem vos escreve com muita pesar sobre este infeliz episódio da história do Brasil. O alvo da piada sobre gordos (Tercio) parece em certo momento trazer o discurso para o mundo real dizendo “No Brasil não tem urso”, mas é ignorado; o das pessoas ali parecem ter se transportado para o quadro cômico ou frame cômico, conforme Smith e Voth sugerem.

Analisando os scripts é possível dizer que no ataque aos gordos, o script 1 seria o de que

são pessoas (medidas em quilos) e podem salvar crianças de ataques de ursos, já o script 2

reduz os gordos ao status de animais (medidos em arrobas) inúteis para salvar crianças de ataques de urso e sair com vida, pois na história de Bolsonaro e Ester o gordo salva a criança dando a própria vida, o que seria heroico se o gordo no caso tivesse alguma escolha segundo mundo onírico criado pela dupla que parece brincar de fantasiar juntos de forma um pouco cruel.

Segundo a sequência de Attardo, é possível classificar o tipo de mecanismo lógico pela piada como tipo “G”, de mediação. Vemos que Bolsonaro começa perguntando se o

gordinho pode salvar a vida de Esther e daí surgem dois scripts, o primeiro seria que o gordinho

poderia salvar a menina, o segundo é que o gordinho não seria capaz de salvar a menina.

os scripts são negados de certa forma, pois o gordo não poderia enfrentar o urso numa luta

desigual, logo um terceiro script é apresentado pela dupla de piadistas Bolsonaro e Esther. A

garotinha e o gordo correriam do urso e por ser mais lento, o gordinho seria pego pelo urso

dando tempo para a menina escapar. Um fim irônico em que um terceiro script media os dois primeiros scripts em oposição.

Quanto a questão da rigidez digna de riso que Bergson defende, podemos ver claramente a

mobilidade de uma pessoa magra ou atlética tem é superior a mobilidade de uma pessoa gorda

de modo geral, logo, seria esta falta de mobilidade (rigidez) que tornaria a pessoa na história

criada ser comida pelo urso ao invés da criança. Talvez por este motivo os vídeos de pessoas

gordas se acidentando sejam tão populares, pois soma-se a falta de mobilidade (rigidez)

do corpo com movimentos limitados com o acidente que desperta o riso de superioridade

e infantil do “você caiu, eu não”, ou “você se distraiu, que falta de graça espirituosa bergsoniana”.

O que permeia boa parte deste vídeo é parecido com o efeito bola de neve, pois Bolsonaro,

apoiado por Esther e sua imaginação fértil e criativa vai num processo progressivo e acaba

fazer quatro piadas em poucos minutos. Segundo Morreal, Freud acreditava que ao se propor

a interpretar o papel de piadista para alguém, este falador da piada de alguma forma se põe no

papel de adulto e reduz a plateia para o papel de criança de certa forma; talvez por Esther ter

idade para ser neta de Bolsonaro, isto tenha potencializado e isto explica a metralhadora de

piadas que foi este vídeo; a cena toda em si é uma brincadeira de criança e o elemento infantil

esta fisicamente presente nesta obra.

A primeira incongruência é a da criança estar presente na live presidencial, o enquadramento da câmera pode ser considerado também incongruente, pois é uma live presidencial e deveria ser bem enquadrada, ou não; a exclamação imaginativa da criança, “surge um urso” é visivelmente uma incongruência, leva a história contada também para a fantasia; medir o peso de um ser humano com arrobas é outra incongruência e talvez reduzir gordos para o status de animal no dia do gordinho pode ser considerada uma atitude incongruente (ou ofensiva).

O que se economiza é o sentimento de compaixão que podemos (ou não) ter para com obesas, pois estas têm diversos problemas de saúde e sociais devido ao sobre peso. Fora isto a piada compara eles com animais, enaltecendo a capacidade heroica que eles têm de correr (menos que uma garotinha) e salva-la se sacrificando com uma morte horrível e violenta nas mãos de um urso selvagem no dia do gordinho. Rir disso tudo é anestesiar a empatia, o que é prazeroso.

Refletindo sobre esta piada talvez poderíamos dizer que Bolsonaro constrói também (ou tenta construir) uma auto imagem de homem engraçado; nesta nova realidade criada o presidente pode fazer tal obra audiovisual com esta composição neste tom com estas pautas. em algumas das charges animadas de André Guedes, Bolsonaro é retratado com um ursinho de pelúcia em sua mesa, apontando jocosamente para sua suposta infantilidade e estendendo o raciocínio, podemos falar de Queiroz, um amigo de Bolsonaro preso recentemente após se esconder da justiça; o mesmo tinha consigo poucos objetos no esconderijo, entre eles um bonequinho infantil do “Scarface”, na pele de Al Pacino.

PIADA 2 – CONTRA NORDESTINOS

Bolsonaro em um segundo após atacar pessoas gordas passa a atacar nordestinos ainda Tercio como alvo. O mito diz enquanto ri “*O Tercio é da Paraíba, né Tercio? O rapaz concorda e Bolsonaro pergunta “Pau de Arara é palavrão? Cabra da peste é palavrão? Você*

(Esther) sabia que ele (Tercio) é cabra da peste?” A menina parece confusa e diz “Meu Deus do céu”, Bolsonaro pergunta para a criança “Quem é cabra da peste é do Nordeste, é isso?” e nordeste ali e Bolsonaro aponta para as pessoas atrás da câmera dizendo de que estados do

nordeste vieram. O Mito conclui que por ter tantos nordestinos ali no recinto, logo o Nordeste

irá dominar o Brasil e ri. Nota-se aqui que talvez Bolsonaro se saia melhor nas piadas com

ensaios, pois o improviso parece ir perdendo força a cada tentativa. O vídeo decorre após os gracejos de forma maçante e Bolsonaro e Esther interrompem um o outro algumas vezes sequência confusa onde o assunto são os nordestinos e depois a menina sugere que Bolsonaro demita todos seus funcionários que não votaram nele, Bolsonaro diz que “o voto é secreto, e aí como é que fica?” O líder da uma gargalhada e a menina diz que é o presidente que deve resolver tal assunto.

ANÁLISE DE PIADA 2 – CONTRA NORDESTINOS

Por esta piada sobre nordestinos ter sido pronunciada logo após a história (piada) do urso que come o gordinho e esta ter sido contada por um presidente da república com uma criança vestida de cowgirl, podemos contar que já estamos imersos num lugar no mínimo curioso pra não dizer onírico; porém nota-se que ao apelidar um povo inteiro com uma palavra que remete diretamente para com um trauma miserável e fazer piada rindo disso, talvez pode ser considerado um absurdo, elemento este que permeia este universo onírico segundo Freud.

Outra forma também depreciativa, mas de cunho regionalista acontece quando Bolsonaro chama nordestinos de “Pau de Arara”, pois estes eram chamados os caminhões de carga (com acentos de pau) que levavam as pessoas por dias do nordeste ao sudeste para fugir da fome e muitos morriam na dura e longa viagem, inclusive.

Esta piada pode ser considerada cruel, pois ele não está brincando com o formato da cabeça dos nordestinos ou o sotaque, o que também já seria pejorativo, mas ele caçoava com a “desgraça”

daquele povo; talvez possamos considerar esta uma piada de supremacia onde nordestinos estão na narrativa da piada abaixo dos populares do sul e sudeste.

“Quando eu vim do sertão, seu moço. Do meu Bodocó, a maleta era um saco e o cadeado era um nó. Só trazia a coragem e a cara, viajando no pau de arara. Eu penei, mas aqui cheguei”

Luiz Gonzaga (Cantor e Compositor)

Existia um comercial brasileiro de produtos infantis em que uma criança na TV caçoava daquele que assistia mostrando o produto infantil, apontando o dedo e dizendo em tom

provocativo a exclamação: “Eu tenho, você não tem!”

A publicidade apelativa dos anos 90 apenas reproduzia o que as crianças fazem no dia-a-dia discutindo qual pai é mais forte ou qual time de futebol é melhor. Este segundo exemplo abrange os adultos também. Quando Bolsonaro caçoa da desgraça daquele povo ele deixa implícito algo como “vocês se ferraram, eu não, que engraçado”, que é dito sem dizer, de forma diluída no riso do gracejo.

No caso do ataque aos nordestinos, os scripts não são claros, pois é apenas uma forma pejorativa e insensível de chamar determinado povo; sendo um pouco imaginativos

imaginar que o script 1 seria “eu me compadeço com o sofrimento dos nordestinos” e o script 2 poderia ser “os nordestinos sofreram e eu não ligo, acho até engraçado inclusive”.

No caso da piada do “pau de arara” torna-se difícil fazer a análise maquiônica, pois é apenas apelido maldoso, talvez possamos considerar que o padrão de vida miserável que forçava os

nordestinos a migrar seja o fator maquiônico desta gracejo, pois humanos em tese devem viver

sem fome, com água e também ser transportados com dignidade e não como gados; pode-se considerar pensando assim que a graça maquiônica neste caso seja na rigidez (dificuldade) da vida do nordestino seja o motivo da graça encontrada por Bolsonaro, que sorria ao falar o apelido; a rigidez da realidade social e principalmente a rigidez do acento de madeira dura durante a viagem para o sudeste chamado pau de arara.

Por se tratar apenas de um gracejo torna-se muito complicado para aplicar algum mecanismo lógico, porém quando o falador da piada fala brincando apelidando alguém com um nome

traumático, pode-se dizer que de alguma forma os papéis se inverteram, pois o que era motivo

de tristeza com o gracejo agora pode ser fonte de rizo e prazer; que seria próximo ao tipo “J”, que trata sobre papéis invertidos, só que no caso não os participantes, mas a dor de alguns participantes esta sendo transformada em prazer (para alguns) nesta metafórica alquimia proporcionada pelo gracejo.

Ao pensarmos sob o ponto de vista de Bergson e ignorando a existência de empatia, poderíamos sugerir que pessoas atravessando um país continental sentados em assentos de madeira (para carga) na carroceria de caminhões atravessando o agreste, pode ser uma

incongruência digna de riso, pois o vídeo analisado em si comprova. Esta incongruência é resolvida no ato de brincar, que tira a importância deste passado de certa forma ou pensando por outro ponto de

vista talvez possamos chamar de sublimação, o que neste caso parece não fazer sentido, uma vez que Bolsonaro não é um nordestino, então ele brinca com a dor alheia.

Economiza-se vários sentimentos negativos como pena, compaixão e traumas. Entender se por no lugar das vítimas e refletir o que foi o “pau de arara” e a fuga da fome do povo nordestino, saber das mortes durante uma viagem desumana e dos maus tratos sofrido por estes povos nas capitais inevitavelmente irá trazer um sentimento pesaroso sobre quem ouve (ou escreve) sobre isso. Seguindo a tradição de Freud, o super ego para proteger o ego transforma o termo negativo “pau de arara” em motivo de riso numa suposta fuga de sofrimento.

PIADA 3 – CONTRA NEGROS

Acontece um discreto fade e um outro rapaz surge atrás de Bolsonaro. Que vai de um sorriso para um semblante sério. Em tom bona-fide Bolsonaro denuncia fake news supostamente feitas

pela oposição contra ele, mas logo volta para falar de preconceitos de que lhe acusam. O mito diz:

“E me acusam de ter feito fake news, além disso sou acusado de não gostar de nordestino.

Minha esposa é filha de um cabra da peste lá de Crateús, terra do Mozart, o pau de arara

Mozart. Dizem que não gosto de negro, meu sogrão não é negro, ele é uma mistura de tudo

que possa imaginar ali, negro, índio, cafuzo, mameluco, este negócio todo aí, flamenguista,

ele é tudo lá, ele é meio negão e o apelido dele é Paulo Negão. Lógico que não gosto do meu

Sogro, detesto meu sogro” e começa a rir. Esther o repreende “Não pode falar assim,

presidente!” Bolsonaro ignora e continua dizendo que gosta é da filha dele (do sogro). Após

estas palavras Bolsonaro muda de assunto para misoginia, que será a piada numero 4:

ANÁLISE DE PIADA 3 – CONTRA NEGROS

Levando em consideração a história do Brasil, o atual contexto e a importância dos movimentos de apoio ao negro hoje no processo político, pode-se atribuir esta piada como alguma forma de ataque aos movimentos de apoio aos negros e talvez contra os negros brasileiros segundo algumas interpretações. A comparação não cabe e isto será decorrido

adiante.

Aparentemente trata-se de uma piada de supremacia ou de depreção racial (étnica), que é

quando o mito fala da mistura étnica de seu sogro e vai falando das raças, até que fala

“flamenguista”, como se colocasse tudo “no mesmo saco”, paralelizando forçadamente e lexicamente a identidade representada por “raça” com a identidade de torcida de futebol dos indivíduos, o que é incongruente por diversos motivos; um flamenguista por exemplo pode “vira-casaca” transformando-se em vascaíno se assim escolher em qualquer momento de sua vida, já um negro, mesmo quando muda de cor (como o Michael Jackson), ainda assim negro sem ter escolhido isto; além disso existe a questão da discriminação racial, violência policial contra negros no Brasil e até onde esta pesquisa investigou, não houve casos ainda na história de escravidão de flamenguistas em lugar algum do mundo.

A resolução do raciocínio é simples e já fornece o script mais potente do conflito binário em questão, o script vencedor diria que ser negro é a mesma coisa de ser flamenguista; o script perdedor diria que ser negro é diferente de ser flamenguista.

O mecanismo lógico possivelmente usado foi do tipo “K”, que inclui o mecanismo dos papéis espelhados; dois scripts são colocados em papéis justapostos para que se espelhem. Raça = futebol.

A comparação de Bolsonaro força nitidamente o ouvinte para este paralelismo que não corresponde para com a realidade, pois já sabemos que se trata de coisas diferentes (negro x flamenguista) e nota-se que outro sutil mecanismo ao falar “flamenguista” após dizer uma série de raças, como se fossem o mesmo tipo de identidade.

No caso existe fisicamente uma criança brincando de se fantasiar de cowgirl com o presidente da republica numa live presidencial, o que dispensa relação com brinquedo infantil algum,

como já falamos, porém nesta piada de Bolsonaro, Esther participa de forma engraçada repreendendo o presidente quando o mesmo diz que detesta o próprio sogro. Quando uma criança na live de presidente repreende uma falta de educação do presidente, existe uma troca de papéis, ou seja, o mecanismo lógico “K” já salientado curiosamente repete-se duas vezes, agora vindo das palavras da criança reagindo ao comportamento do adulto. Isto se aproxima do onírico pois é absurdo, é talvez alguma forma de representação pelo oposto; uma

vez que as autoridades trocaram papéis. Tal troca de papéis já caracteriza outro mecanismo lógico segundo Attardo, que é a letra “J”, que apresenta papéis trocados respeitando os seus papéis normativos.

Talvez a repreensão da garotinha seja a única parte engraçada de fato desta obra devido a espontaneidade com que ela fala isso e da enorme incongruência. Isto na opinião deste quem vos escreve baseada em sentimentos subjetivos.

Pensando sob o ponto de vista de Bergson, talvez o aspecto amador do vídeo já de alguma forma quebre a mecânica, que poderia ser nesta linha de raciocínio o padrão de vídeos profissionais normalmente usado por políticos de grande importância, esta solenidade é tanto no aspecto audiovisual quanto na própria composição de personagens, um presidente e uma criança fantasiada. Poderia ser um ataque contra a mecânica do cargo político que ele mesmo ocupa. Possivelmente também pode-se interpretar o exemplo analisado como piada de redução da importância da causa negra, que é uma das bandeiras da esquerda combatida por Bolsonaro. Quando Bolsonaro reduz esta narrativa, acusa-a de ser o que os bolsonaristas chamam de “mimizenta”, chorona, ou seja, chama-os de rígidos demais, pois afinal, que importância tem o time de futebol que você torce? Na nova realidade de Bolsonaro imposta pela piada nota-se que as identidades se equalizam, não importam as cores das pessoas, parece haver um esquecimento (ou condensação) do passado.

A economia psíquica ocorre na equalização das coisas, para entender os problemas pelos negros no Brasil necessita-se conhecer a história minimamente e ter empatia; ao concordar que ser negro é igual a ser flamenguista, tudo fica mais simples e é daí que o da piada provem, segundo a tradição freudiana. Poderíamos classificar esta piada como estilo de alívio, pois economiza-se carga psíquica ignorando um passado violento e traumático; é claramente incongruente também, pois a comparação não cabe racionalmente e por ser um branco privilegiado supostamente diminuindo as lutas de orgulho e igualdade dos negros (descendentes de escravos) nota-se algum traço de superioridade; a teoria de Meyer mostra-se talvez um pouco abrangente demais ou estamos aqui sendo muito generosos, mas por estudando um tema supostamente oriundo da alma talvez esta complexidade seja tolerável e enriquecedora.

PIADA 4 – CONTRA FEMINISMO E GAYS

Bolsonaro diz: *“Misógino, confesso que a primeira vez que gritaram misógino pra mim eu sabia, tinha um assessor do lado, acho que era o Vomar. Pega aí rapidinho na internet pra saber o que é misógino! Pra eu saber se to sendo xingado ou elogiado, eu não sei né?!”*

O mito aponta para alguém fora do quadro. *“Você sabe o que é misógino?”*. A pessoa parece não responder e Bolsonaro lamenta *“Pisou na bola”* em seguida se dirige aos seus companheiros *“Vuduzinho”*, pessoa de nome não mencionada, *“Hélio Negrão”* em seguida *“Mozart, o pau de arara”*. Mozart responde *“Misógino é quem não gosta de mulher”*.

Bolsonaro pergunta *“Você é misógino, Mozart?”* e ele responde *“Eu gosto de mulher”* (longe do microfone). Bolsonaro ignora a resposta e diz *“Se você não gosta de mulher você gosta de homem então é isso?! Então eu fiquei sabendo no momento era uma senadora do Pará que havia, tava numa audiência pública lá, aquele negócio de Kit gay, aquela coisa toda e ela gostou da minha presença e falou que eu era misógino. Então se eu não gosto de mulher é sinal que eu gosto de homem. Quem não gosta de mulher gosta de homem, é isso?”* e se a Esther, que comenta sem muita propriedade. *“Tem que ser certinho gente, para vocês terem um futuro legal lá na frente”*. Bolsonaro ri.

ANÁLISE DE PIADA 4 – CONTRA FEMINISTAS E GAYS

O volume de página sobre a mesma piada talvez nos dê noção do quanto é massante o selecionado. No caso o líder sugere que uma pessoa misógina é consequentemente gay, o que é um equívoco no “mundo bona fide” ou no quadro trágico de pensamento e por isso tal sugestão pode ser considerada como algo incongruente. A incongruência se destaca ao pensarmos logicamente que odiar mulher não significa gostar sexualmente de homens; é curioso pois o presidente tenta deixar a criança concluir (ou comentar) no piada e ela, aparentemente sem entender muito do assunto (e visivelmente sem graça), diz que as pessoas devem ser “certinhas”. Esta comparação talvez não chegue a ser uma piada, poderíamos dizer que se trata de uma tentativa de gracejo que não obteve muita graça, talvez possamos chamar “(des) gracejo” de redução, onde há simplificação e redução de assunto complexo tornado simples.

No script da misoginia os scripts são menos nebulosos, poderiam ser considerados como

- 1 “misoginia é um problema complexo de homens que sentem ódio por mulheres, é resultado da cultura patriarcal e devido a isso ocorrem muitos feminicídios e por ai vai” enquanto o
- 2 seria “misoginia é ser gay, eu não sou gay, logo não sou misógino; segue o baile”. O ataque é contra a narrativa feminista, uma das bandeiras principais da esquerda combatida

por Bolsonaro; o script feminista é atacado frontalmente e a culpa ainda fica com outra minoria, os gays; é genial e eficaz a economia psíquica que ocorre na piada.

Ao pensar em mecanismos lógicos destaca-se novamente o tipo “K”, que inclui papéis espelhados de certa forma, pois ao aceitarmos o paralelismo metafórico da piada, o misógino olhou-se no espelho e viu um gay, pois segundo a piada são a mesma coisa, de alguma forma ele equaliza as coisas.

Assim como no ataque contra os negros, Bolsonaro no caso da piada 4 reduz e distorce a narrativa feminista transportando a culpa da misoginia nos gays, que na visão de homens masculinos como Bolsonaro e os seus, são frescos, femininos e “mimizentos”; o ataque então esta contra a rigidez das feministas em inventar palavras novas e difíceis que ele nem sabia o que significava e brincava com isto, mostrando-se simplório talvez para ganhar a simpatia do eleitorado mais conservador. Talvez Bolsonaro queira com isto criar a auto imagem de comum, que para muitos seria heterossexual.

O que se economiza nesta piada é a carga psíquica de aprender uma palavra nova e difícil, surge de uma teoria também complexa que para que se compreenda minimamente necessita de algum conhecimento histórico e capacidade de abstração. Equalizar o não gostar de mulher para um gay é uma redução muito econômica e perspicaz politicamente. Na nova realidade imposta pela piada não precisam de palavras difíceis, misógino é gay e pronto; nota-se algo economia ou condensação psíquica também neste raciocínio.

O raciocínio falho, característico do sonho está presente na própria incongruência que emana da comparação inusitada do presidente. O absurdo como sempre esta presente, pois uma criança não faz a mínima ideia da complexidade de um assunto delicadíssimo e o presidente encoraja-a para que ela se pronuncie sobre isto, afinal, ela é só uma criança brincando e qualquer coisa poderia ter saído da boca dela, ainda mais por estar sendo induzida para que se pronunciasse pelo presidente da república. Neste caso Bolsonaro parece brincar com o caos e com o perigo exatamente como o Coringa, dos filmes do Batman (DC Comics), que inclusive foi comparado com Jair pela revista Piauí em sua histórica capa. É curioso o processo das promovido pelo politico, uma live presidencial, que normalmente deveria ser bem filmada, com pessoas serias falando de coisas serias, ocorre o contrario e o pronunciamento, que normalmente seria um “quadro trágico”, muda metaforicamente para um “quadro humorístico”, segundo Smith e Voth. É curioso também que no Brasil as bandas desenhadas, como as do Batman são chamadas de “quadrinhos” e em inglês “comics” (cômicos em

Após uma breve digressão filosófica, podemos notar na obra analisada que a criança, que

brincava até então contando historias com o presidente, muda seu estado de espirito com

tamanho pressão sobre ela nesta quarta piada consecutiva sobre coisas que ela não conhece; pra frente a comunicação vai tornando-se bona fide gradativamente, pois o tema “de adulto” parece ter colocado fim na brincadeira da criança, a live parece ter perdido um pouco a graça (que já não era muita).

Analisando os comentários temos Robson Sales, que 1 ano atrás disse que “*Bolsonaro é uma espécie de Silvio Santos de uma realidade bizarra*”, o comentário obteve 11 respostas e 61 curtidas; a comparação é no mínimo curiosa, pois Silvio Santos é um famoso apresentador e dono da emissora televisiva SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Tal apresentador está presente em horário nobre há muitas décadas e é conhecido por fazer pegadinhas maldosas, libidinoso demais e cometer bizarrices. O que chama a atenção também é que o comentarista coloca a comparação numa “realidade paralela”, o que se aproxima de certa forma com os pontos de vista dos pensadores analisados com a teoria dos quadros e universo onírico.

O segundo comentário é de Jaque Science á 1 ano atrás, disse ele que “*um retrato da família tradicional brasileira, meu único medo é o que acontece quando as câmeras estão*”. Tal comentário supostamente malicioso obteve 85 curtidas e 26 respostas. A pessoa, que usa foto de uma raposa no perfil supõe que se preocupa com o que os governistas fazem (supostamente com a republica) quando não estão brincando de humoristas; sendo imaginativos poderíamos supor que a comentarista se preocupa também com a integridade educacional da criança naquele ambiente, pois realmente tratar de assuntos complexos e delicados como a misoginia diretamente com ela não parece ser algo muito saudável; a está tentando ver além do vídeo, o que é interessante.

Em terceiro lugar temos “J K”, que um ano atrás comentou que a obra retrata a “*imagem perfeita do Brasil. Tiramos ladrões para colocar um humorista de ultima categoria*”. Ao ladrões o comentarista fala do PT, ou seja, talvez ele nem seja um esquerdista, mas alguém entende a loucura que se apresenta na obra. Ao classificar o mito como humorista de ultima categoria fica nítido que o comentarista já notou a estratégia (ou jeito de ser) de Bolsonaro enquanto atua como presidente. As piadas realmente começaram fracas e parecem só ter piorado, descendo ladeira abaixo. Ao fim do comentário o comentarista coloca um emoji de mãos aplaudindo *ironicamente*. O perspicaz comentário obteve 9 curtidas apenas.

“Eric Jhonson’s” comenta em quarto na ordem da página dizendo que *“Bolsonaro já está ensaiando para daqui a três anos entrar no stand-up”*. O comentário parece repetir a comparação de J K de forma menos divertida. Ele tanto identificou o mito como humorista como disse que é um ensaio, pois deve ter achado as piadas fracas. Ao fim Eric coloca um emoji de risos, rindo da própria piada, como costuma fazer Bolsonaro. Foram 3 curtidas.

Por ultimo a conta chamada “Murilo neumann costa” comenta que a obra “como entretenimento é genial” e obteve 9 curtidas. Provavelmente para este comentarista as piadas

não foram tão ruins assim ou então ele gostou do “formato do programa”, que é realmente interessante, um presidente com uma criança cowgirl numa biblioteca bagunçada, uma que traduz em gestos para mudos e um (depois) dois rapazes atrás sem fazer quase nada. O curioso é que quase todos notaram que a obra não trata de algo do “mundo comum”.

3.2.3 - VÍDEO 3 – “FAKE NEWS FAZ PARTE DA NOSSA VIDA”, DIZ BOLSONARO

Em setembro de 2021 o presidente Bolsonaro foi participar de uma entrega de premio voltado para personalidades da comunicação exibido pelo Canal Metrópolis no Youtube; o presidente aproveitou que na Época muito se falava a respeito das fake news e estudava-se maneiras de impedir que noticias falsas prejudiquem a sociedade e mostrou-se contra as possíveis leis que proibissem e investigassem as fake news comparando o fenômeno com uma simples mentira que se conta as vezes para a namorada. Bolsonaro discursa sob iluminação bem construída,

·áudio e qualidade de imagem muito boas, usa roupa social, cabelo penteado e tem em seu segundo plano a bandeira nacional e um tradutor gestual, mostrando toda sua inclusividade. Bolsonaro discursa as seguintes palavras para a plateia:

“...fake news faz parte da nossa vida, quem nunca contou uma mentirinha para a namorada? (sorriso e olhar malandro) Se não contasse a noite não ia acabar bem (sorriso e dedo em riste)

... eu nunca menti pra Dona Michelle (todos riem) ... Hoje em dia o fake news morre por si só, não vai pra frente... (alguém fala com ele) Quem eu? Eu que mais sofro com fake news? ... isso mesmo?!”

Supostamente a confusão no final do vídeo ocorreu pois alguém fora do quadro disse para Bolsonaro que ele era a maior vítima das fake news e o presidente parece não ter entendido direito.

Neste episódio Bolsonaro age com naturalidade e é competente na arte de contar piadas, pois faz pausas estratégicas antes de soltar as punch lines e sorri logo no início da piada, assumindo que está usando o estilo de comunicação não bona-fide preparando assim o público para receber com generosidade a piada que esta por vir. Ele oscila estrategicamente entre os dois estilos conforme a história pede. Tal constatação já justifica que estamos diante de uma piada. (Bona Fide)

Supostamente, por trás do discurso engraçadinho o que ocorre é um ataque contra as investigações de fake news e o mesmo utiliza-se de alguns artifícios já analisados pelos pensadores aqui estudados. Freud decorre sobre chistes que de alguma maneira fazem apologia para o desfrutar de supostas imoralidades, como mentir por exemplo. Ele diz que o que estes chistes sussurram é que as vontades e desejos dos homens tem o direito de se tornarem aceitáveis ao lado de uma moralidade severa e cruel... diz também que este tipo de chiste defende que a moralidade é apenas uma prescrição egoística postulada pelos poucos. (Freud 1905, 73)

Não é preciso ir muito longe para mostrar que as Fake News prejudicam a sociedade, basta lembrar que em 2020 após Trump sugerir sarcasticamente que desinfetantes poderiam limpar os pulmões das pessoas, combatendo assim o Covid e que pessoas acabaram tendo sérios prejuízos após beberem desinfetante, seguindo assim as palavras do líder. Notícias falsas como a "mamadeira de piroca", inventada por ante petistas para sujar a moral do partido dos trabalhadores também supostamente influenciaram as eleições de 2018 e uma mentira afetar uma eleição é algo muito grave coletivamente. Melhor explicando, a "mamadeira de piroca" consistia da notícia (falsa) espalhada por setores da direita que diziam que a esquerda daria mamadeiras com formatos fálicos para as crianças na intenção de transforma-las em gays. O fato de Bolsonaro comparar algo tão grave com uma simples mentirinha que se conta para a namorada para a noite terminar bem beira o absurdo, e simplifica (condensa e economiza) algo que na verdade é complexo e parece carecer de investigações policiais para o funcionamento da sociedade. É curioso pois o absurdo que é defender fake news e a condensação de algo complexo como algo simples são elementos presentes na construção

onírica segundo Freud. O

psicanalista diz em outras palavras que toda técnica de chiste tem uma tendência para a economia e que o chiste depende inteiramente de sua expressão verbal tal como estabelecida pelo processo de condensação, que é em si a raiz do prazer do chiste e pode originar-se deste processo. (Globo, Portal G1, 2020)

O mecanismo lógico utilizado pode ser considerado o tipo “E”, que inclui a justaposição, quando dois scripts são apresentados de maneira simultânea na mesma situação. Se mentir para a namorada pode, fake news também podem. Ele força um paralelismo teórico incongruente, pois a relação política do estado com a sociedade tem impactos nacionais ou até mundiais e um casal que mente não afeta tanto a sociedade. O raciocínio também já nos fornece a economia presente, pois ao equalizar as duas coisas (fake news e mentir para a namorada) o ouvinte não precisa diferenciar a relação política da relação de casal, logo, estas economia de carga psíquica irá gerar prazer na plateia. Esta sensação poderia ser chamada de alívio, classificando assim esta piada no estilo de alívio nas teorias de Meyer.

A acusação que Bolsonaro faz contra as leis ante fake news é bem simples, ele está dizendo que mentir é normal e que esta lei é exageradamente rígida, o que nos faz pensar na teoria de Bergson, que defende que esta rigidez, habito arquivado e conservado, são os traços pelos quais uma fisionomia nos causa riso. As leis servem para manter os seres humanos vivendo em harmonia na sociedade e por isto, devem ser maleáveis e sujeitas as adaptações como assim defende Bergson sobre o que ele chama de espírito, que faz oposição com o mecânico ou maquinaico. Bolsonaro está dizendo que estas leis são maquinaicas e rígidas demais, por isso, dignas de riso. Segundo Bergson o humano espera “espiritualidade” (ou graça nos movimentos) dos outros seres humanos e quando estes agem como máquinas (como esta lei, segundo Bolsonaro) o riso acaba brotando e a lei, que é alvo do ataque acaba por ser depreciada e perdendo seu valor ao fim da piada segundo o raciocínio de Bolsonaro. Bolsonaro parece sinalizar que para ele esta lei é demasiada quadrada para o orgânico circular que é de fato nossa natureza.

É possível classificar esta piada de Bolsonaro também como uma piada de liberação, uma vez que o ouvinte tem a sensação de libertar-se da rigidez exacerbada da lei contra as fake news, que o puniriam (segundo Bolsonaro) apensa por contar simples mentirinhas; quando se acredita e abraça o discurso do presidente. Mais uma vez recorrendo aos escritos de Bergson, é possível também comparar o movimento e processo humorístico do episódio ao "ruir de um castelo de cartas", que leva crianças ao riso; o processo divertido, delicado e

tenso que a criança sente ao

levantar o castelo de cartas seria semelhante ao também delicado caso das leis ante fake news, e quando Bolsonaro faz a piada atacando as leis, é como se soprasse o castelo de cartas e toda aquela tensão que suspendia a estrutura ruísse; gerando o riso.

Talvez pareça contraditório ou até seja, mas o objeto estudado é defensor assumido da família, da moral e dos bons costumes, porém, neste caso ele ataca o moralismo de certa forma ao dizer ironicamente que nunca mentiu para sua esposa arrancando risos da plateia, que parece não acreditar muito e por isso ri, afinal ele fala a frase já sorrindo e notando a incongruência em sua fala. O resultado desta pequena auto depreciação provavelmente é positivo para Bolsonaro, que se mostra sincero e simples aos olhos de seu público configurando assim a criação da auto imagem de homem comum como a teoria resume.

O script 1 pode ser considerado as próprias "leis ante fake news" enquanto o script 2 poderia ser "mentir é normal" ou "existem mentirinhas santas" e no quadro cômico imposto por Bolsonaro através da piada o script 2 se sobrepõe sobre a depreciada, reduzida e maquínica lei ante fake news, que é o script 1.

Os comentários são curiosos. Patrícia Esquivel Prandi comentou "*Assumi que vive de fake news! Pobre povo idolatra e enganado! Inacreditável!*" e está em terceiro lugar no ranking de comentários curtidos no vídeo. Na interpretação de Patrícia ela notou o conflito dos scripts e interpretou que Bolsonaro vive de fake news, supostamente por que ele está defendendo-as, e além disso ela denuncia a idolatria dos bolsonaristas dizendo que aquilo é inacreditável, mal sabe ela que o "absurdo" no fim das contas parece ajudar Bolsonaro a cravar seus ideais ajudando o ouvinte a acessar neste campo onírico que a piada transporta o ouvinte segundo os estudiosos do humor. O comentário de Celso Jr. Rodrigues faz piada com a dicção de Bolsonaro, dizendo "*Eu que mais fofo*", pois a pronúncia de Bolsonaro desta frase "Eu que mais sofro" não é muito boa, o que não causou ruído, já que a parte importante da piada já havia sido contada com sucesso. O comentário pode ser considerado tolo, mas é curioso que prova o fenômeno dito por alguns pensadores, de que o humor se propaga e expande; e que as pessoas acabam por fazer suas próprias piadas. Mirian Ponciano diz que Bolsonaro é "*comediante agora... e a cambada dando risada sem graça*", ela interpreta o riso da plateia como "sem graça" e nota-se certo constrangimento no ar.

Em seu comentário João Batista Ferreira brinca com o apelido de Bolsonaro de "mito" que ele troca por "minto" criando uma piada distorcendo as palavras, adicionando uma letra ele chama o líder político de mentiroso; trata-se de um trocadilho que economiza carga psíquica, pois chama Bolsonaro pelo apelido de “mito” adicionando uma letrinha estratégica que acusa o mito de ser mentiroso; Philippe Almeida é um dos poucos que usa seu comentário para defender o Mito dizendo apenas "Bolsonaro 2022", supostamente dizendo que vai votar mesmo assim e não liga para o que dizem nem para o que Bolsonaro diz, aparentemente.

3.2.4 - VÍDEO 4 – BOLSONARO DETALHA ENCONTROS COM LÍDERES NO G20 E “PISÃO” NO PÉ DE ANGELA MERKEL – Novembro de 2021 - (No fim piada com Jim Carrey)

A cena recortada do Youtube é na verdade captada pela CNN Brasil, que entrevista o presidente aparentemente num salão do encontro dos líderes mundiais do G20; a câmera esta na mão do cameraman e tem um leve balanço, o quadro é composto pelo presidente em primeiro plano e tem cerca de 7 homens atrás dele, alguns passam pra lá e pra cá e apenas um “participa” da entrevista olhando para o presidente e reagindo com um sorriso quando Bolsonaro faz o primeiro gracejo. Bolsonaro está num tom tranquilo e responde falando em três microfones simultaneamente unidos pelos repórteres; um dos jornalistas pergunta como foi o encontro de Bolsonaro com Angela Merkel, chanceler da Alemanha. Bolsonaro responde em tom Bona Fide, sério, mas fazendo gracejos verbais enquanto o semblante continua formal.

“Não, foi excelente né?! Começou naquela tarde, estava numa sala, muita gente, eu dei um passo em retaguarda e acabei pisando no peito do pé dela”, é neste momento que o rapaz ali perto reage com um sorriso, o líder continua discursando sem notar o fã prestando atenção. Ele diz que daí ela olhou pra ele mesmo e falou “Só podia ser você”. Bolsonaro continua “Ela já me conhecia, tá? Conhecia bastante. Eu não sou um cara grosso, sou um cara direto e objetivo. E a noite quis o destino que ficasse eu e ela estivesse aí o colega da Coreia e daí ela me chamou pra conversar aí 30 minutos quase que fomos dançar lá no meio do salão um apaixonado pelo outro”. Por alguns instantes os jornalistas ficam em silêncio, talvez para digerir a cena romântica construída pelas palavras do presidente; aparentemente precisou de um pequeno tempo para notarem a incongruência (pois não se tratava de um baile), supor que Bolsonaro estava a brincar e rir disso. Ao fundo do quadro pessoas riem da

piada, assim como o rapaz em segundo plano faz aparentemente um certo esforço pra não gargalhar.

Em seguida Bolsonaro responde que não conseguiu falar com Biden, reclamou que este não é tão simpático como Trump e comete um erro influenciado pelo suposto erro de um jornalista, que pergunta para o mito: *“Com Jim Carrey, sobre a questão ambiental...”* Bolsonaro interrompe o repórter e já esclarece as coisas dizendo *“Conversei, sim, conversei com o Jim Carrey uma coisa reservada, desculpe, não posso falar com vocês, até falei o que nos precisamos dos EUA, não queremos recursos, não queremos nada dos EUA, o que nos precisamos é aprofundar em algumas coisas alguns acordos, a questão da inteligência também...”* e decorre cutucando a Venezuela e alerta que se o Brasil for para esquerda pode não ser uma boa ideia. A declaração sobre o Jim Carrey foi motivo de piada, pois eles estavam falando sobre John Kerry, político americano. Foram duas situações cômicas, primeiro a do “caso de amor” entre Bolsonaro e Merkel após o pisão no pé; o segundo foi a confusão com os nomes. Bolsonaro sem querer foi muito democrático, pois em pouco mais de um minuto fez seus apoiadores e seus opositores rirem.

No primeiro caso Bolsonaro fala que pisou no pé de Merkel sem querer, é interessante ele mesmo assumir uma trapalhada que não foi filmada e se não fosse por ele mesmo explicar, seria algo que só ficaria entre ele e Merkel, porém, Bolsonaro fez questão de contar sua trapalhada, revelando supostamente que ele tem consciência de que suas trapalhadas são boas para agregar eleitores e alimentar laços entre ele mesmo e seus apoiadores; o fato dele contar isto para a imprensa revela que ele aparentemente cria um personagem atrapalhado intencionalmente, como um comentarista do Youtube falará no fim da análise desta piada; trata-se da tentativa descarada da criação de auto imagem de homem (galã) comum. Um líder político pisar sem querer no pé de uma líder política numa reunião super séria do G20 já é engraçado, pois numa cerimonia qualquer coisa que sai dos conformes tradicionais pode ser motivo de riso, como uma leve tropeçada da noiva no casamento, um erro na verbalização do padre; as ceremonias são grandes fontes de riso. Nota-se aqui o intuito não só de construir personagem e sim de contar narrativa que inclui uma piada, o que pode levarmos a supor que ele está criando uma “comédia romântica”, que começa com um pisão do mocinho no pé da mocinha, nada mais clichê.

A cena descrita por Bolsonaro lembra aquelas series antigas de humor chamado “pastelão”, aqueles bem físicos como “Os Três Patetas” em que os bobalhões estavam sempre se batendo sem querer e por querer; este é um riso primário e infantil, que coloca quem imagina a cena

construída por Bolsonaro neste ambiente pastelão, pois a impressão que dá é que soltaram um dos três patetas no G20; transformando uma reunião seria no mundo ficcional dos três patetas, que pode ser sim considerado algo onírico, devido aos acidentes constantes e personagens “achatados” (com poucas dimensões), que por mais que tentem ser sério são palhaços em tempo integral. Nota-se que talvez o absurdo seja o mais corriqueiro gatilho que Bolsonaro usa para levar a plateia do quadro trágico para o cômico. Talvez possamos falar também que o que ocorreu foi um transporte do quadro trágico para o quadro cômico no construir mental da cena por parte de Bolsonaro.

Bolsonaro ataca diretamente sua própria falta de fineza, o que o depreca em certo sentido, porém exalta seu lado masculino, durão e machão; o que é muito positivo para sua imagem de homem corajoso que ira moralizar o Brasil. Sob o ponto de vista de Bergson a cena se encaixa perfeitamente na teoria mecânica, pois pisar no pé de alguém sem querer demonstra diretamente uma rigidez e falta de fluidez, que é o que se espera de um ser humano segundo o pensamento de Bergson, é a matéria bruta corporal sem fineza e delicadeza de Bolsonaro que se sobrepõe a seu espírito que certamente não pisaria no pé da coitada da Merkel. O presidente foi mecânico. A delicadeza se distraiu.

Se formos pensar nas reflexões de Bergson sobre os brinquedos, que de certa forma brincamos ainda adultos de outras formas, chegamos logo a ideia do palhaço que sai da caixinha de surpresas e surpreende (e assusta) as pessoas ao notarmos a frase que segundo Bolsonaro, foi dita por Merkel logo após a pisada no pé: Só podia ser você! A frase revela a surpresa que o mito gerou na sua aparentemente “amiga” (colorida). Este gracejo foi talvez um dos mais engraçados de Bolsonaro, pois é possível que ele tenha ensaiado e também talvez por que ele não tenha dado um sorriso ou gargalhada, ele se manteve sério enquanto conta uma história cômica, mostrando certa técnica e competência no ato de contar a piada neste caso. Os scripts primeiramente são bem claros, o script 1 seria “o presidente é uma pessoa fina” e o script 2 (vencedor) diz “O presidente é bruto”.

Logo na sequência da história, Bolsonaro já contradiz o script que emerge da cena que ele mesmo contou sobre a pisada no pé de sua colega, ele diz “Eu não sou grosseiro, sou direto” e já parte para um segundo ato de sua história aonde ele segundo suas palavras “da a volta por cima” e ainda se sai como um verdadeiro galã. O destino faz com que Bolsonaro e Merkel se sentem próximos, ela chama-o para conversar, a conversa flui e os dois quase vão dançar

no

salão, apaixonados um pelo outro. A história vai evoluindo e transgride de uma energia negativa para uma extremamente positiva, aonde após um início inusitado e truculento um casal começa a conversar, se gostar e acabam apaixonados; como nos filmes adolescentes ou da Disney. Os scripts em conflito neste segundo ato são 1 “ele é um galã simpático” e 2 “ele é um grosseiro sem graça”, o script 1 vence. O resultado é que ele é um bruto, mas um galã simpático”. A presença de aspectos bons e maus talvez ajude na criação e homem comum, pois o comum é ter estes dois aspectos em si.

Quando nos damos conta de que eles não estão numa danceteria ou festa e sim numa reunião do G20 tudo fica muito cômico, pois ninguém dança numa reunião dessas, a cena é muito absurda e nos transporta novamente para um mundo parecido com o universo de Um Príncipe em Nova York, em que líderes de nações fazem coisas absurdas ultrajando as regras tradicionais de seus reinos, como Eddie Murphie faz. Vale ressaltar aqui a incongruência que esta presente neste ato inusitado.

Bolsonaro exagera na frase e este é um dos principais estratagemas do humor, que funciona muito bem, pois o rapaz atrás de Bolsonaro se diverte e as pessoas atrás da câmera não seguram o riso da cena construída pelo líder, que mais uma vez sai de sua caixa de surpresas ao conquistar o coração de Merkel, dando mais uma dimensão para este personagem que o mito esta criando para os espectadores, um brutamontes que tem coração, charme e sabe divertir e ser galanteador com uma dama; talvez como a Fera, do desenho da Disney “A Bela e a Fera”, em que um personagem bestial é na verdade um nobre que conquista o coração da menina. Localizamos aqui mais uma proximidade com o universo infantil. É impossível pensar nesta obra da Disney sem associa-la ao grotesco, pois vemos uma fera assustadora e galanteadora apaixonada por uma “bela” rainha germânica na cena criada pelo mito.

O ataque da piada pode ser considerado aqueles que dizem que Bolsonaro não passa de um grosseiro ou bandido, pois ele defende a narrativa de que ele é um galã simpático apenas um pouco atrapalhado; este raciocínio já sugere uma certa economia psíquica, uma vez que falam muitas coisas horríveis e até criminosas do presidente na imprensa e como contra-ataque Bolsonaro demonstra numa cena engraçadinha (contada por ele) que não é isso tudo, ele é só um sujeito meio atrapalhado mas que tem muito jogo de cintura. No meio deste raciocínio fica claro também a tentativa de gerar sensação de alívio no eleitorado, logo, poderíamos configurar esta piada como uma de estilo “alívio” segundo Meyer e as 3 teorias.

Podemos considerar esta como uma piada de autoglorificação, pois o personagem saiu de uma situação difícil (pisão) e obteve triunfo no final conquistando a dama. Possivelmente um dos mecanismos usados com muita clareza é o estilo “L” onde um dos scripts é negado; poderíamos classificar também com o tipo “G” de mediação, pois temos um final irônico se fosse um filme, pois ele é meio bruto, porém é simpático, logo um terceiro script também brota ao fim da história onde o personagem vira uma espécie de bom selvagem.

ANÁLISE DA PIADA COM JIM CARREY

A história cômica contada por Bolsonaro teria sido perfeita (para ele), se não fosse o erro no final ao confundir os nomes dos americanos por influência do repórter, que pode ter dito Jim Carrey por erro involuntário ou justamente para incitar Bolsonaro a errar junto com ele o nome, o que é bem provável, pois na imprensa Bolsonaro tem muito poucos amigos. Também é possível crer que na verdade o repórter seja um aliado de Bolsonaro, pois ele nem termina a pergunta (que foi diretamente iconoclasta invocando o nome de Merkel) e Bolsonaro já atropela as palavras do repórter iniciando sua história.

Neste caso quando ouvimos as palavras sobre o encontro do presidente com o humorista que interpretou “Debi e Loyde” automaticamente já voltamos a entrar neste mundo de fantasia onírico e cômico e é como se o boneco saísse pela terceira vez consecutiva da caixa de surpresa, desta vez de forma mais surpreendente ainda, pois Bolsonaro estava sério desde que reclamava de Biden e não deixa de ficar sério (Bona Fide) em nem um segundo, mostrando que a conversa com o Jim Carrey foi bem séria.

Neste caso sem querer Bolsonaro ataca sua própria inteligência ao confundir os americanos num ato incongruente em si; a rigidez está no intelecto do líder político que não sabe o nome dos colegas direito, mostrando o que a oposição chamará de “burrice” ou rigidez intelectual pensando como Bergson. O script 1 poderia ser considerado com muito esforço algo como “Bolsonaro sabe o nome das pessoas que se reúne” e o script 2 seria “Bolsonaro não sabe o nome deles” ou poderíamos dizer que o script 1 seria “Bolsonaro encontrou-se com John Carrey” e o script 2 seria “Bolsonaro se encontrou com Jim Carrey”, também cabe e simplifica mais a coisa. Para simplificar mais ainda, a oposição mais crua possível seria 1 “Bolsonaro é burro” e 2 “Bolsonaro é inteligente”. Capaz x incapaz.

O elemento infantil esta na própria obra humorística de Jim Carrey, que diverte adultos e crianças e curiosamente mesmo sem querer o presidente utilizou um mecanismo logico do tipo “D”, consequência implícita, pois a frase dita erroneamente deixa-nos inferir uma situação onde o presidente se encontra com o humorista e por ironia do destino Carrey tem como obra mais famosa o filme “Deby e Lloyd” em que dois bobalhões vivem aventuras e levando em consideração o apreço de Bolsonaro pelo humor e o erro bobo analisado aqui, podemos imaginar por que não uma nova dupla de bobos, contando também com a fama de baixa capacidade cognitiva de Bolsonaro.

O que se economiza com esta piada involuntária é a carga psíquica que leva a oposição a entender o presidente é de fato um “burro” como eles achavam e isto se constata numa troca simples de frases com o repórter, que demonstra que estamos diante de uma pessoa despreparada, que não sabe o nome das pessoas com quem se encontra; é a certeza de que se esta certo em julga-lo uma pessoa incompetente para aquele cargo. Por outro lado, parte dos aliados de Bolsonaro também deve ter rido, pois é um erro até fácil de se cometer devido a semelhança dos nomes trocados e na piada (voluntaria) anterior sobre a Merkel ele mesmo (Bolsonaro) já admitiu em partes que é uma pessoa atrapalhada e convive bem com isso.

Esta é uma piada primária que tem na origem do riso um erro, como alguém que escorrega na banana e cai na rua mecanicamente. Chamar de piada talvez seja exagero, é só uma situação cômica que aconteceu espontaneamente e fenomenologicamente surge a graça disto; a partir dai a oposição já fez muitas piadas (e charges animadas) supondo o encontro entre os dois “patetas”. Isto já justifica o por que desta troca de frases ser uma piada, a queda, a distração do presidente.

No topo dos comentários colocado pelo Youtube esta Ranciele Novaes, com 58 curtidas dizendo *“Tudo isso é fruto de um povo que vota por entretenimento, por ódio, por religião, por partido. Mas, nunca pelo óbvio; ou seja, por Políticas de Estado, pelo genuíno bem-estar de um país. Eu não tenho políticos de estimação!”* A comentarista parece tentar trazer a reflexão para o “mundo real” (quatro trágico) e pelo jeito não achou graça por supostamente ser alguém preocupado com o bem estar social da população e esta empatia que esta tem com os possíveis compatriotas lhe faz não rir das piadas de Bolsonaro; o que reforça a ideia de que o humor é inimigo da empatia, ou tem sua força mitigada pela empatia sobre o objeto

de ataque da piada.

Em segundo lugar está Rafael Loddi com 47 curtidas, ele parece ter achado graça do absurdo que é a cena descrita por Bolsonaro, que é a de um casal de políticos apaixonados dançando no meio da reunião do G20. O comentarista diz: *“Ele fala como se estivesse na balada , e tentando conquista-la kkkkkkkkkkkk”*. E parece ter sido esta a intenção de Bolsonaro, pois ele ainda reforça dizendo *“Ela já me conhecia ta?! Conhecia bastante”*. A frase da margem para pensarmos que ambos já estivessem tidos momentos íntimos, pois se usarmos de malícia no raciocínio. Conhecer bastante é algo que abre espaço para muitas interpretações , ou seja, ele esta supostamente dando uma de garanhão como aquele rapazes jovens que numa roda de amigos se gaba por ter conseguido beijar uma garota numa festa mesmo que não tenha beijado de fato. É importante refletirmos que não se sabe pelo comentário se a pessoa apoia ou não o Bolsonaro, ela só achou graça. Na sequencia esta o comentário mais curtido (182) de Alan Mota, que destaca a punch line de Bolsonaro minutando o momento em que o mesmo pronuncia a dita frase: *“00:10.Só podia ser você. Kkkkkkkkkkkkkkkkkk”* mais uma vez a pessoa só ressalta a frase e não critica e nem apoia, mostrando que talvez este seja o melhor combo de piadas do mito. O vídeo mostra também que quando ele esta mais descontraído (e talvez ensaiado) ele é um melhor storyteller, pois a frase destacada de Merkel reforça a ideia anterior sugerida por Bolsonaro, de que o casal já se conhecia bem; pois esta frase não se fala para qualquer um; indica que ela já conhecia inclusive o jeito estabanado de Bolsonaro, que alimenta aqui sua dimensão de Garanhão.

Rubens Olveira com uma curtida diz *“Deus e fiel”* sem acento, talvez em apoio ao Bolsonaro desejando que Deus lhe abençoe, mas a frase é tão fraca e pobre que nem acento tem; podemos supor isto devido ao considerável apoio dos evangélicos para com Bolsonaro. Vinicius Oliveira tem 3 curtidas por dizer *“ele não faz a mínima ideia do que tratou nas conversas, é um vazio, ignorante e sem capacidade de liderar um país tão importante e gigante como o Brasil.”* Este parece ter se apegado o script 2 da piada, que diz que Bolsonaro é um bruto (e não sabe com quem fala) e conclui que se Bolsonaro está contando uma história de paquera quando é perguntado sobre o conteúdo do encontro com Merkel, logo ele não sabe direito o que foi dito e combinado ali. Tania Volcato vem logo abaixo com seu comentário que na verdade são emojis de *“mãos para cima (comemorando), uma bandeira do Brasil e mãos batendo palmas.* O ato de botar ali a bandeira Brasileira parece indicar que ela acha que aquelas palavras representam bem o seu país, numa atitude patriótica; as mãos pra cima indicam que Bolsonaro se saiu bem na entrevista, na conversa com Merkel e com

John Carrey; supostamente as palmas

podem ser um gesto de apoio ou incentivo; pode ser também que a pessoa está comemorando que Bolsonaro conseguiu se aproximar de Merkel, aproximando o país tropical com uma das maiores economias do mundo. Emojis são muito “abertos” para interpretação e é um desafio interpreta-los com precisão.

3.2.5 - VIDEO 5 – MARIO FRIAS POSTA VÍDEO EM QUE BOLSONARO FAZ PIADA HOMO FÓBICA – Novembro de 2021

No fim de 2021 o presidente Bolsonaro foi até Barém, pequeno país asiático próximo ao Golfo Persico e num evento solene fez uma piada que será aqui analisada. O portal UOL foi quem fez o upload do vídeo e o mesmo descreve a obra com as seguintes palavras: "*O secretário Especial de Cultura, Mario Frias, postou em suas redes sociais um vídeo em que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) faz uma piada homo fóbica e gargalha em uma solenidade no Bahrein, ontem. O presidente disse que o secretário é homossexual, algo que ele classificou como um "elogio".*"

A sala é grande e exuberante, o que predomina é a cor dourada; tem tapetes, cadeiras, mesas, lustres e outros detalhes que remetem diretamente para a ideia de riqueza e ouro. Os locais todos com trajes tradicionais mulçumanos, um silêncio solene predomina enquanto Mario Frias, o secretário especial de cultura assina papéis numa mesa central distante de onde Bolsonaro e os seus estão sentados, ao lado de líderes supostamente importantes do país asiático.

Uma câmera que se localiza próxima de Bolsonaro registra o evento e esta parece ser auxiliada por tripé, algo que a estabilize ou um bom operador de câmera (ou tele móvel) nota-se também que usam uma lente grande-angular que transmite a ilusão de maior grandeza para a sala e vale lembrar que a luz está muito bem equilibrada, nem sub exposta nem super exposta. A câmera se movimenta o tempo todo usando o zoom e movimentos panorâmicos, indo para Mario Frias, depois para Bolsonaro e Michele, sua esposa. Enquanto Mario Frias assina os papéis junto aos orientais alguém próximo de Bolsonaro comenta sobre a trajetória de Frias, lembrando de quando o mesmo (Frias) era ator numa novela adolescente chamada Malhação.

A pessoa diz "*Quem diria, hein?! (Saiu) da Malhação...*", neste momento Frias olha para os

companheiros lá de longe e sorri. Alguém faz outro comentário sobre uma revista adolescente

que o secretário costumava aparecer no passado "*É... e também tinha a revista Capricho*". Após os comentários Bolsonaro se inclina para um líder estrangeiro e explica sobre Frias para o senhor dizendo, "*Mas (ele) é hétero*", o sujeito sorri embora dificilmente tivesse entendido o que se passava. Por ser uma piada muito regional, dificilmente alguém que não assistiu as novelas ou viu as revistas entenderia a brincadeira; falta sinergia Paratélica, mas mesmo assim o riso ocorre, talvez mais por educação, afinal todas as visitas (brasileiras) estavam rindo. Michele, esposa de Bolsonaro olha para a câmera e comenta "*Olha a inveja*", brincando sobre o marido e começa a filmar a cena com seu celular, no meio desta confusão começa uma salva de palmas com risos pela piada homo fóbica; Bolsonaro tranquiliza Frias, que de longe supostamente não estava entendendo direito o que se passava. O presidente diz "*Te elogiei aqui fica tranquilo, te elogiei*". Os aplausos se encerram com aqueles risos e aplausos, Frias se levanta e aponta o dedo para alguém próximo de Bolsonaro; ele parece feliz.

Parte do "sucesso" da piada (que talvez seja apenas um gracejo) se deve mais uma vez ao fator da irreverência de Bolsonaro e seus companheiros, que numa reunião solene num local com clima de "realiza" faz piadas de baixo calão (smut), o que por si já pode ser considerado supostamente um absurdo, introduzindo na cena um ar talvez onírico; discutir e brincar com a sexualidade do seu secretário da cultura com terceiros numa reunião solene reforça ainda mais esta ideia supostamente onírica (absurda) na visão de Freud. O mito parece atacar a solenidade local e o seu secretário simultaneamente Resumidamente o script 1 poderia ser "Frias é gay, pois posou para a Capricho e atuou na Malhação"; o script 2 seria "Frias atuou na malhação e saiu na Capricho, mas é hétero sexual".

O ataque se faz especificamente contra a heterossexualidade do ator e secretário e fica sub entendido que a novela citada e a revista são para Bolsonaro "lugares" de homossexuais; logo existe na visão dele alguma incongruência quando um homem heterossexual permeia naqueles "lugares". O ataque também pode ter se dirigido para com a moral do ator, pois para aquele grupo os gays são fora do comum. A esposa do Bolsonaro brinca especulando sobre o motivo de tal brincadeira do marido dizendo que o presidente está com inveja de Mario Frias, que é mais jovem, saudável e (dentro do padrão de beleza de Hollywood ou da Rede Globo) bonito que Bolsonaro.

Ao buscarmos algum fator mecânico para aplicar a visão sobre o cômico de Bergson,

podemos usar como exemplo a própria *cerimônia* e sua solenidade em si, pois espera-se formalidade

neste ambiente naturalmente mecânico, o que é quebrado por Bolsonaro e os seus; talvez isto tenha arrancado o riso dos locais, que provavelmente ficaram surpresos com a piada; Bolsonaro surpreende a todos neste caso (de novo) como um boneco de mola que salta da caixinha. Algum que talvez tenha sido essencial para o sucesso da piada é o estilo de comunicação não Bona Fide, pois é provável que os estrangeiros não saibam falar português e não saibam o que significa a novela citada para o brasileiro, muito menos a revista; ou seja, quando Bolsonaro faz a piada com um sorriso aberto, isto já incentiva e convida o senhor oriental ao seu lado a sorrir junto com ele e logo o riso se espalha pela sala arrancando até aplausos de todos presentes, demonstrando o poder expansionista do humor citado por Bergson em sua obra. Supostamente o expansionismo venceu a barreira da linguagem com a ajuda da educação.

O que é economizado neste gracejo é a complexa carga psíquica que alguns devem ter em relação a sexualidade de Mario Frias, o que parece ser importante para Bolsonaro, afinal ele parece querer simplificar as coisas para o líder estrangeiro sobre seu secretário. Ele diz em outras palavras que Frias foi ator de novela adolescente e saía na revista capricho, ou seja, talvez fosse gay, porém, é hétero. Em seguida, quando Bolsonaro diz para Frias que o elogiou, é talvez verdade, pois ao que tudo indica para o mito ser hétero sexual é o “bom” ou “certo”. A oposição clara é entre normal e anormal.

O mecanismo lógico aplicado foi certamente a negação do tipo “L”, pois (na cabeça de Bolsonaro) tudo indicava para a ideia de que Frias fosse gay, porém, ele é hétero; este é o script que o defende. Apesar de ser um smut, desta vez até que Bolsonaro não humilhou muito seu secretário. O que justifica isto ser uma piada é o riso do próprio presidente é o fato de que ele faz a piada e ri na sequência, mesmo numa situação solene, pois para ele aquilo deve ser realmente muito engraçado.

Nota-se nesta piada que existem fatores de superioridade (dos hétero sexuais em relação aos gays), a incongruência ressaltada por Bolsonaro (do sujeito parecer gay e ser hétero) e alívio, pois ele só parece gay, mas é hétero. Embora a piada englobe os três tipos de teorias de Meyer, o que prevalece mais forte talvez fosse o fator do alívio, pois seria muita incongruência um gay ser da turma do Bolsonaro. Para caracterizarmos o grotesco aqui poderíamos indicar como fator assustador o fato de Frias supostamente ser gay e o fator de desarmamento seria a brincadeira de Bolsonaro, pois ao brincar com isto revela-se talvez que os elementos daquela turma sejam tão machões que até brinquem com a sexualidade do amigo.

Os comentaristas do vídeo parecem concordar e enriquecer mais a análise sobre este episódio cômico de Bolsonaro. "Edi Costta" diz "*Interessante é q eles levam assuntos de estado, para o lado pessoal!*" e recebeu 74 curtidas pelo comentário; ele apresentou literalmente a visão de Bergson sobre o cômico, notando que quando num evento sério de chefes de estado alguém brinca com coisas pessoais como a sexualidade de alguém, o interesse, ou talvez a "graça" da cena tende a crescer. O comentarista "Guilherme Pereira" segue no mesmo caminho dizendo sobre a relação de Bolsonaro com seu filho Eduardo, apelidado como "Bananinha" pelo General Mourão (vice presidente) após Eduardo falar desrespeitosamente contra a China e o clima ficar tenso entre o Brasil e os poderosos chineses. O general aparentemente tentou apaziguar com piada a curiosa crise.

"Se o sobrenome dele fosse Eduardo Bananinha não era problema nenhum. Só por causa do sobrenome. Ele não representa o governo. Não é a opinião do governo. Ele tem algum cargo no governo?" "General Mourão (Catrata Livre, 2020)

Após a contextualização vamos ao comentarista, que recebeu 32 curtidas com seu comentário: "*O Bolsonaro escutou do Bananinha: "Pai, a gente vai pro Bar hein!", e ele realmente acha que está num boteco...*". O comentário neste caso também nota a quebra de solenidade do mito, mas este comentarista parece menos interessado do que o anterior e mais indignado talvez. O terceiro comentarista recebeu 10 curtidas e este protesta de forma clara apenas com "#forabolsonaro", este é Rodrigo Galvão.

O quarto comentarista Lizardskin já fala sobre a relação (segundo ele) desrespeitosa da família Bolsonaro com o ator Frias. Diz ele "Esse que é um ministro de respeito, veja só o respeito que a familia tem pelo atorzinho da Malhação/Ex-Revista Capricho. Minha mãe já me dizia: quando abaixa demais, a bunda aparece.". O comentarista parece ter notado o ataque camuflado que supostamente existe na piada de Bolsonaro para com Frias e reflete sobre a passividade que o ator recebe o ataque. O comentário teve 51 curtidas. Já o último comentário analisado na atual dissertação foi de Regina Tomazzoni e esta nota algo que até então havia sido esquecido na análise da piada, a presença da infantilidade teorizada por diversos pensadores, ela diz "Pessoal do quinto ano primário faceiro fazendo caca!". A comentarista ainda brinca usando a palavra "caca", usada por crianças para se referir para com coisas escatológicas ou feias;

podemos notar com isto a presença do elemento infantil também de certa forma Assim como os outros este foi um comentário bem relevante e talvez por isso teve 101 curtidas.

Outro fato curioso é o de que Mario Frias que divulgou o episódio em suas redes. Não se sabe se ele pretendia depredar Bolsonaro taxando-o de homo fóbico talvez numa tentativa de contra-ataque, uma vez que a piada pode ter sido considerada uma desmoralização contra a Frias. Pode ser também que o Frias achou engraçado mesmo o episódio e divulgou talvez também para ganhar popularidade e demonstrar intimidade com o chefe.

CONCLUSÃO

Uma das principais constatações deste estudo, denota que Bolsonaro usa os recursos de piadas e falas atravessadas pelo humor, a fim de agradar a sua base ideológica, cristalizada até a tessitura deste texto em 30% dos votos úteis nos colégios eleitorais do Brasil (DATAFOLHA, 2021). Ele usa isso para fazer política, ao articular dois elementos; o uso do humor estratégico na sua profissão, como um líder carismática. O uso do humor lhe confere carisma e legitimidade perante seu público. Com o humor, ou não raro, com a animosidade, se esquiva de perguntas difíceis, ataca seus adversários ou até aliados (frontalmente ou lateralmente); transforma ou tenta transformar crises em piadas. como quando chamou o Covid de "gripezinha", ataca minorias supostamente para ganhar apoio das majorias, ridiculariza as narrativas da oposição, desumaniza adversários, cria novas realidades políticas onde nenhum brasileiro pega Covid, simplifica questões complexas economizando a carga psíquica das pessoas gerando assim prazer na plateia e mais empatia desta para consigo, faz suas imperfeições se tornarem admiráveis (para alguns), “descobre” curas mentirosas para a Covid, compara o que é incomparável, se degrada, destrói e constrói narrativas da forma que bem entender, fala o que quer, propaga o ódio, e a impressão que dá é a de que ele faz o que quiser e ninguém consegue impedi-lo.

Num passado recente, quando interrogado sobre o porque dele aceitar o dinheiro do auxílio moradia do estado sendo que ele supostamente já tinha casa própria e se um político simplório e diferente do resto; a resposta do mito foi simples, ele disse que gastava aquele dinheiro para "comer gente", transar. Em outras palavras ele assume tirar vantagem talvez levemente desonesta do estado para um prazer pessoal e isto não parece ter abalado muito a reputação do presidente. Segundo as teorias tudo isto tem uma explicação lógica, o humor tem poder, é como uma "espada do riso", que está aí para ser usada por qualquer um que saiba manuseá-la e ele não é o primeiro a fazer uso dela e nem será o último. A falta de escrúpulos e de honestidade (ou excesso de honestidade absurda) parecem ter sido banalizadas. Arendt fala sobre a banalização do mal, talvez o que esteja acontecendo no Brasil atual seja a banalização do absurdo; e tal absurdo talvez seja só um camuflagem para coisas maldosas, pois Bolsonaro já apoiou a criação de grupos de extermínio abertamente e estes grupos exterminam pessoas, não pernilongos. Vale lembrar que no Brasil ainda não existe pena de morte oficializada, ou seja, aparentemente tais grupos estão em incongruência

com a lei.

Um fator que diferencia o mito dos outros presidentes estudados como Reagan e Obama, que

usavam do humor para práticas políticas com frequência é que nenhum destes outros presidentes atacava o cargo que ele mesmo representa, ou seja, a nação e a república. Os outros presidentes respeitavam as solenidades e só soltavam piadas quando podiam, Bolsonaro inverteu o jogo aparentemente, os outros presidentes usavam do humor para fazer política e Bolsonaro parece usar da política para fazer humor; isto fica visível talvez na obra analisada com a cowgirl, o que era um pronunciamento presidencial virou uma piada, folhas espalhadas, uma criança fantasiada sendo induzida para falar sobre misoginia, quatro piadas atacando cinco minorias na sequência e uma menina de 10 anos corrigindo a falta de educação de um senhor que poderia ser avô dela. Os tais possíveis limites do humor citados foram colocados estrategicamente no texto para mostrar que eles não se aplicam ao Brasil atual; parece que o eleitorado brasileiro exige mais humor e tolera mais humor que o americano, ou então estamos num aumento de tolerância global, o que também é possível.

A questão que surge é o por que deste ataque constante contra a república uma vez que ele é o presidente da república; os presidentes engraçadinhos americanos pareciam se orgulhar do cargo e prezar pelo mesmo, diferente do que talvez o mito faça. Talvez o próprio Bolsonaro responda essa pergunta quando diz que quer destruir e não construir, e o pior é que parte da população, cansada das mesmices de governos democratas sociais ou neo liberais (PT, PSDB E PMDB), parece apoiar esta destruição e na verdade é fácil de compreendê-los uma vez que o estado é nefasto para com os pobres, que são a maioria. O bolsonarismo e os bolsonaristas em geral parecem querer a queda do castelo de cartas da república por vingança contra um governo corrupto, pelo prazer da destruição (notado por Bergson) e talvez para ver se algo diferente surja destas ruínas, pois o povo sabe que vive num país gigante e rico e quer usufruir de tal riqueza e viver de acordo com a grandeza de sua pátria.

Por falar em pátria, nota-se também que o patriotismo de Bolsonaro é talvez incongruente ou muito complexo. O mesmo bate continência para a bandeira americana e de Israel, veste-se com tal bandeira e simplesmente entrega, de graça um orgulho nacional, que é base de foguetes de Alcantara para os EUA. Estamos falando de um patriotismo diferente daquele do século passado.

Grande parte da população descende de escravos libertos à pouco mais de um século, vivem em favelas sob regime de tirania de gangues, mal sabem ler e muito menos diferenciar um

candidato neo liberal de um fascista, anarco capitalista ou então um social democrata, pois

estes mesmos (políticos) não se diferenciaram muito quando estiveram no poder; até as campanhas são parecidas e batem sempre nas mesmas teclas (saúde, educação, emprego, etc...)

. Cobrar desta gente humilde que vive na barbárie uma atitude cidadã, um voto consciente, um senso crítico em relação aos políticos e o conhecimento histórico necessário para pensar coletivamente talvez seja uma covardia para com tais pessoas; é incongruente. É obvio que não votarão com a cabeça e sim com o estomago (pela fome) e as entranhas (pela violência sofrida). A leitura da realidade limitada do povo aparentemente só enxerga o comum (politico normal) e o diferente, que até então é Bolsonaro e seu esquadrão de pessoas excêntricas como a ministra Damares.

Os estragos gerados por tal ideologia e governo se estendem aparentemente até o dia-a-dia das pessoas, um sujeito nos últimos dias foi morto pela policia numa câmara de gás improvisada enquanto populares filmavam, por exemplo. O vídeo correu pelas redes, não gerou grande mobilização ou muita repercussão internacional; não se sabe no que vai dar por que o absurdo esta banalizado e não estamos falando dos absurdos inocentes do Mister Bean, por exemplo; são absurdos violentos cometidos por gente que não esconde sua inspiração nazi-fascista e usa na camiseta a estampa do rosto do ex-militar “Ustra”, aquele que trabalhou para a ditadura militar, que caçava e torturava pessoas nos porões; eles não evocam os presidentes militares, que até fizeram muitas coisas positivas para a infra estrutura do Brasil (além dos crimes hediondos), eles exaltam o homem que torturava nos porões. Defender a pena de morte no bolsonarismo parece ser algo banal, eles defendem a tortura abertamente (e em nome de Deus). A impressão que dá é a de que o nazi-fascismo, que talvez seja o sentimento do ódio racionalizado e institucionalizado, esta tentando novamente “dominar o mundo” e após falhar pela truculência de Hitler e Mussolini tenta novamente conquistar poderio politico pelo absurdo e pelas piadas que subornam as massas.

Aproveitando os exemplos, talvez Bolsonaro de alguma forma, dentro do quadro cômico e onírico tão estudado aqui, seja ou tente ser aparentemente uma mistura do trapalhão Mister Bean, com a masculinidade exagerada de Mussolini, o coração de Ustra e o cabelo de Hitler.

BIBLIOGRAFIA

- Apter, Michael J. 1984. "Reversal Theory and Personality: A Review." *Journal of Research in Personality* 18 (3): 265–88. [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(84\)90013-8](https://doi.org/10.1016/0092-6566(84)90013-8).
- Attardo, Salvatore. 2010. *Linguistic Theories of Humor*. Berlin, Germany, and New York, NY: De Gruyter Mouton.
- Attardo, Salvatore, Christian F. Hempelmann, and Sara Di Maio. 2002. "Script Oppositions and Logical Mechanisms: Modeling Incongruities and Their Resolutions." *Humor - International Journal of Humor Research* 15 (1). <https://doi.org/10.1515/humr.2002.004>.
- Attardo, Salvatore, and Victor Raskin. 1991. "Script Theory Revisited: Joke Similarity and Joke Representation Model." *Humor - International Journal of Humor Research* 4 (3–4): 293–347. <https://doi.org/10.1515/humr.1991.4.3-4.293>.
- Berger, Arthur Asa. 1976. "Anatomy of the Joke." *Journal of Communication* 26 (3): 113–15. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1976.tb01913.x>.
- . 1993. *An Anatomy of Humor*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.
- Bergson, Henry. 1911. *Laughter; an Essay on the Meaning of the Comic*. Edited by C. Brereton and F. Rothwell. New York, NY: Macmillan Publishing Company.
- Berlyne, Daniel. 1972. "Humor and Its Kin." In *The Psychology of Humor: Theoretical Perspectives and Empirical Issues*, edited by Jeffrey Goldstein and Paul McGhee, 43–60. New York, NY: Academic Press.
- Burke, Kenneth. 1959. *Attitudes toward History*. Los Altos, CA: Hermes Publications.
- Croce, Benedetto 1903. "L'umorismo: Del vario significato della parola e dell'uso nella critica letteraria." *Journal of Comparative Literature*, Vol.I, pp.220-28.
- COULANGES, Fustel de. A formação da cidade. In: A cidade antiga. Ediouro, 2004.
- Duncan, Hugh Dalziel. 1962. *Communication and Social Order*. New York, NY: Bedminster Press.

Duncan, W Jack. 1982. "Humor in Management: Prospects for Administrative Practice and Research." *Academy of Management Review* 7 (1): 136–42.

Festinger, Leon. 1957. *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.

- Freud, Sigmund. 2017. *Sigmund Freud - Chistes e a Sua Relação Com o Inconsciente (1905)*.
São Paulo, Brazil: Editora Schwarcz.
- Grimes, Wilma. 1955. "A Theory of Humor for Public Address: The Mirth Experience." *Communications Monographs* 22 (3): 217–26.
- Grotjahn, Martin. 1957. *Beyond Laughter: A Psychoanalytical Approach to Humor*.
New York, NY: McGraw-Hill.
- Gruner, Charles. 1997. *The Game of Humor: A Comprehensive Theory of Why We Laugh*.
New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.
- Hall, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade. 11.ed. Dp&a, 2006.
- Hempelmann, Christian F., and Salvatore Attardo. 2011. "Resolutions and Their Incongruities: Further Thoughts on Logical Mechanisms." *Humor - International Journal of Humor Research* 24 (2).
<https://doi.org/10.1515/HUMR.2011.008>.
- Levasseur, David G, and Kevin W Dean. 1996. "The Dole Humor Myth and the Risks of Recontextualizing Rhetoric." *Southern Journal of Communication* 62 (1): 56–72.
- McGhee, Paul. 1979. *Humor: Its Origin and Development*. San Francisco, CA, EE. UU.
San Francisco, CA: Freeman & Co.
- Meyer, John. 1990. "Ronald Reagan and Humor: A Politician's Velvet Weapon." *Communication Studies* 41 (1): 76–88. <https://doi.org/10.1080/10510979009368289>.
- Meyer, Michel. 2000. "Humor as a Double-Edged Sword: Four Functions of Humor in Communication." *Communication Theory* 10 (3): 310–331.
<https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2000.tb00194.x>.
- Monro, David Hector. 1963. *Argument of Laughter*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press.
- Monteiro, Paulo Filipe. 2010. *Drama e Comunicação*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Morreall, John. 1983. *Taking Laughter Seriously*. Albany, NY: State University of New York Press.
- . , ed. 1987. *The Philosophy of Laughter and Humor*. New York, NY: State University of New York Press.

- O'Donnell-Trujillo, Nick, and Katherine Adams. 1983. "Heheh in Conversation: Some Coordinating Accomplishments of Laughter." *Western Journal of Communication (Includes Communication Reports)* 47 (2): 175–91.
- Palmer, Jerry. 1987. *The Logic of the Absurd: On Film and Television Comedy*. London, UK: British Film Institute Press.
- . 2003. *Taking Humour Seriously*. London, UK, and New York, NY: Routledge.

- Rapp, Albert. 1951. *The Origins of Wit and Humor*. New York, NY: Dutton.
- Raskin, Victor. 1985. *Semantic Mechanisms of Humor*. Dordrecht, Netherlands: Reidel.
- . 1998. "The Sense of Humor and the Truth." In *The Sense of Humor*, edited by Willibald Ruch, 95–108. Berlin, Germany, and Boston, MA: De Gruyter.
<https://doi.org/10.1515/9783110804607-006>.
- Shurcliff, Arthur. 1968. "Judged Humor, Arousal, and the Relief Theory." *Journal of Personality and Social Psychology* 8 (4, Pt.1): 360–63.
<https://doi.org/10.1037/h0025493>.
- Singer, David L. 1968. "Aggression Arousal, Hostile Humor, Catharsis." *Journal of Personality and Social Psychology* 8 (1, Pt.2): 1–14.
<https://doi.org/10.1037/h0021361>.
- Smith, Chris, and Ben Voth. 2002. "The Role of Humor in Political Argument: How 'Strategy' and 'Lockboxes' Changed a Political Campaign." *Argumentation and Advocacy* 39 (2): 110–29.
<https://doi.org/10.1080/00028533.2002.11821580>.
- Speier, Hans. 1998. "Wit and Politics: An Essay on Laughter and Power." *American Journal of Sociology* 103 (5): 1352–1401.
- Studemán, Michael J. 2013. "Entelechy and Irony in Political Time: The Preemptive Rhetoric of Nixon and Obama." *Rhetoric and Public Affairs* 16 (1): 59–96.
- Veatch, Thomas. 1998. "A Theory of Humor." *Humor - International Journal of Humor Research* 11 (2). <https://doi.org/10.1515/humr.1998.11.2.161>.
- Waisanen, Don. 2015. "Comedian-in-Chief: Presidential Jokes as Enthymematic Crisis Rhetoric." *Presidential Studies Quarterly* 45 (2): 335–60.
- Ziv, Auner. 1984. *Personality and Sense of Humor*. New York, NY: Springer.
- Sidis, Boris 1913. *The Psychology of Laughter*. New York: Appleton.
- Tsakona, Villy. 2015. "Humor and image politics in parliamentary discourse: a Greek case study*": Arizona.
- Freud, Sigman. 1905. "O Chiste e a sua Relação com o Inconsciênte". Editora Schwarcz S.A. São Paulo

FONTES NÃO ACADÉMICAS

Redação GDPB. 2021. , “Marvel é mais popular que a DC, aponta pesquisa.” Disney Plus.

Mckee, Robert. 2013. "Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro". *Arte & Letra*. Trad: Chico Marés. Curitiba..

Stuenkel, Oliver. 2018. "Por que Votamos em Hitler." *El País*

Redação. 2019. "Inconsequente, irresponsável e insano." *Revista Piauí*.

Redação. 2020., . "Trump fala em injeção de desinfetante contra corona vírus e medico rebate: irresponsável e perigoso". *O Globo*.

Redação. 2020. "Chamado de Bananinha por Mourão, Eduardo Bolsonaro vira piada na web."

Catraca Livre

SAMAIN, Etienne. **Antropologia de Uma Imagem "Sem Importância"**. Ilha, Florianópolis, v. 5, n. 1, pp. 47-64, julho de 2003

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

TACCA, Fernando de. **Fotografia: intertextualidades entre ciência, arte e antropologia**. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. Pp. 197- 214.

Acervo . 2010. "Lula encerra governo com aprovação recorde, mostra CNI-Ibope."

Correio Braziliense.

Pochmann, Marcio. 2011). "Políticas sociais e padrões de mudanças no Brasil durante o governo Lula." *SER Social, (online)* 13 (28): 12-40.

Macedo, Danilo. 2013. "Bolsa Família completa dez anos beneficiando 50 milhões de pessoas." *Agência Brasil*.

Singer, Andre Vitor. 2009. "As raízes sociais e ideológicas do Lulismo," *Novos Estudos* 85: 83-102.

Pina, Rute. 2018.. "Como surgiu o antipetismo, e do que ele se alimenta?" *Jornal Brasil de Fato*.

Redação. 2009. "Lula teve visão correta ao falar que crise era marolinha diz Le Monde."

BBC News Brasil

Redação. 2020. “Quando acaba a saliva, tem que ter pólvora, diz Bolsonaro para Biden sobre Amazônia”. El País.

Ribeiro, Jefferson. 2008. “Lula volta a incentivar a população a não parar de consumir”. *O Globo*.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 1982. “Censo demográfico: resultados preliminares.” . (Oitavo Recenseamento Geral do Brasil, v. 1, n. 4). www.ibge.gov.br

Schreiber, Mariana. 2015. “Protestos do dia 16 vão poupar Cunha e focar em Impeachment, dizem lideranças.” BBC Brasil;

Pavão, Jadir. 2016. “Manifestantes que foram a paulista tem 44 anos em media” *Veja*.

Ramalhoso, Wellington. 2018. “Temer, o impopular; o que mudou no país em dois anos e meio de governo.” *Uol*.

TACCA, Fernando de. **Fotografia**: intertextualidades entre ciência, arte e antropologia. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. Pp. 197- 214.

Gonzaga, Evilázio. 2018. “Bolsonaro: eu não vim para construir nada, estou aqui para destruir”. Iseracessoria.

Cravo, Alice. 2022. “Bolsonaro justifica compra de Viagras pelas Forças Armadas. Muito mais usados pelos inativos”. O Globo

SANTOS, Maricélia Nunes dos; ALVES, Lourdes Kaminski. Formas da comédia e do cômico: estudo da transformação do gênero. In Revista de história e estudos culturais. Vol. 9 Ano IX nº 1. Jan/Fev/Mar/Abr 2012.

Dos Santos, Leandro. 2021. “Psicanalista explica o que é humor”. À Deriva Cortes
https://www.youtube.com/watch?v=8fx_memGeVY

Video 1 estudado. 2020. “O presidente Jair Bolsonaro diz que o brasileiro tem que ser estudado” <https://www.youtube.com/watch?v=LNkqQFcU8Ds>

Vídeo 2 estudado. 2020. “Ao lado de criança, Jair Bolsonaro faz piadas sobre gordo e misoginia” <https://www.youtube.com/watch?v=i9j2ZsKYz8s>

Vídeo 3 estudado. “Fake news faz parte da nossa vida”, diz

Bolsonaro” <https://www.youtube.com/watch?v=O25KGT44PKA>

Vídeo 4 estudado. 2021 – “Bolsonaro detalha encontros com líderes no G20 e "pisão" no pé de Angela”. <https://www.youtube.com/watch?v=xod1Nj0FztY>

Vídeo 5 estudado. 2021. “Mario Frias posta vídeo em que Bolsonaro faz piada homo fóbica” <https://www.youtube.com/watch?v=Ms6PL-ZzGrk>

Didatics. 2019. “Freud (06) – Interpretação dos sonhos psicanálise (segunda temporada)” <https://www.youtube.com/watch?v=Ga31KktdZxo>